



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE UBERLÂNDIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS  
CURSO DE MESTRADO**

**WILLIAN FERNANDES**

**INTERDISCURSIVIDADE JURÍDICO-PUNITIVA EM *OS MISERÁVEIS***

**UBERLÂNDIA/MG  
Julho de 2017**

**WILLIAN FERNANDES**

**INTERDISCURSIVIDADE JURÍDICO-PUNITIVA EM *OS MISERÁVEIS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de mestre em Linguística.

**Área de concentração:** Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

**Linha de Pesquisa:** Linguagem, texto e discurso.

**Orientador:** Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos.

**UBERLÂNDIA/MG**  
**Julho de 2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

F363i  
2017      Fernandes, Willian, 1985-  
Interdiscursividade jurídico-punitiva em Os miseráveis / Willian  
Fernandes. - 2017.  
182 f. : il.


Orientador: João Bosco Cabral dos Santos.  
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2017.43>  
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Análise do discurso - Teses. 3. Hugo,  
Victor, 1802-1885 - Os miseráveis - Crítica e interpretação - Teses. I.  
Santos, João Bosco Cabral dos. II. Universidade Federal de Uberlândia.  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

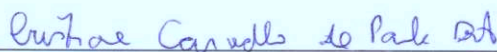
**INTERDISCURSIVIDADE JURÍDICO-PUNITIVA EM “OS MISERÁVEIS”**

**WILLIAN FERNANDES**

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. João Bosco Cabral dos Santos (UFU – Orientador)



Prof. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito (UFU)



Prof. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG)

Uberlândia, 20 de julho de 2017

*“ENQUANTO, por efeito e costumes, houver proscricção social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século – a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância – não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como estes não serão inúteis.”*

Hauteville-House<sup>1</sup>, 1862

---

<sup>1</sup> Hauteville-House é o nome da mansão que Victor Hugo comprou em Guernesey, pequena ilha inglesa no mar da Mancha. Lá passou a maior parte de seu exílio, originado por sua oposição ao golpe de Estado que elevou ao poder Luís Bonaparte, Napoleão III. Retrata a ilha em sua obra *Os trabalhadores do mar*.

A Ele, o alpha e o ômega, princípio e o fim. Senhor da minha história.

*“Sei que os que confiam no Senhor  
Revigoram suas forças, suas forças se renovam  
Posso até cair ou vacilar, mas consigo levantar  
Pois recebo d'Ele asas  
E como águia, me preparo pra voar...”*  
Celina Borges

## AGRADECIMENTOS

Esse é o momento, por excelência, em que a total negativa da imanência do significado se cristaliza. Digo isso, porque ainda que eu tentasse descrever as condições de produção que poderiam dar significância aos meus agradecimentos, toda materialidade linguística do mundo seria insuficiente para dizer o quanto sou grato a cada um de vocês.

A você, mãe, pelas orações constantes, por ser fonte de inspiração inesgotável, por acreditar e fomentar todos os meus sonhos. Sou grato a Deus, por nessa travessia terrena, ter me dado o privilégio de ter nascido seu filho. Sou reflexo do seu amor.

Ao meu pai, por me ensinar, nos últimos tempos, um jeito de amar com os olhos, de falar com um abraço e sentir com o silêncio. Obrigado por ensinar a todos os seus filhos a dignidade do trabalho.

À Eveli, minha alma-irmã, por sonhar meus sonhos, chorar minhas dores, rir meus risos, por ser sempre um porto seguro onde eu pudesse descansar minha alma quando o navegar pela vida me furtaram as forças.

Ao Whanio, meu irmão, pelas acolhidas calorosas quando busquei em Ponto Chique um lugar para fugir de mim mesmo.

Ao Davi, meu raio de luz, meu afilhado, meu sobrinho, meu filho do coração, que já na idade adulta ressignificou em mim o que é o amor.

À Jaque, por ser ouvido nas inúmeras vezes em que me perdi tentando me elaborar e que sem que se desse conta me acompanhou durante todo o processo de escrita na dedicatória da edição de *Os miseráveis* com a qual me apresentou: “Que tenha sorte e que esta jornada seja leve.” Saiba que leve sempre foi o amor que nos une.

Ao Pablo Martuscelli, exemplo de advogado e de professor do Direito. Ao Zacarias Leal e ao Fabiano Flório por perpetuar em mim o amor pelo Direito Penal. `

À Maria de Fátima por tamanho deslocamento e ruptura no que diz respeito ao ensino de língua materna. À Ana Cris e Rosélles por me apresentar as infindáveis águas dos estudos linguísticos.

A Fernanda Mussalin pelas orações, e pelas palavras de sabedoria quando me perdi em meio a minha fê.

Aos amigos do mestrado e que certamente serão para toda uma vida: Bruna e Rowena, por ouvir minha angústias, Rafael por tornar as várias viagens para Uberlândia mais leves, à Kênia por compartilhar tantas loucuras. Amo vocês.

Ao amigo Hermanne, por algumas sugestões jurídicas do meu texto. Aos amigos Marcos Antônio por tornar os últimos dias da escrita desse texto algo menos doloroso. Ao amigo João pelo empréstimo do notebook quando estava lecionando em Olhos D'água. Ao Renato, amigo-irmão de uma vida acadêmica. Ao Fábio Figueiredo, pela amizade e acolhimento.

Aos amigos Lázaro e Rosalvo pelas consultas médicas via *Whatsapp* em muitas de minhas madrugadas nesses últimos meses.

Ao Thyago França e a Cris pelas contribuições preciosíssimas à época da qualificação.

Aos amigos do LEP, reflexo de dialogismo e polifonia. Vozes mudas e que berravam em todas as minhas discursividades.

Aos meus alunos, por me lembrarem todos os dias que nasci para ser professor.

E a você, querido John, por ser antes de orientador, amigo, confidente. Um ombro onde pude chorar meus medos e suspirar meus amores. Obrigado pelo carinho, pela atenção e por esse coração tão grandioso. Obrigado por todas as contribuições sempre, sempre valiosíssimas.



## RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida sob o mirante teórico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), com aporte nas teorias de Michel Pêcheux (2008), abordando questões referentes ao sujeito, sentido, interdiscurso, memória discursiva, além da formação discursiva e da formação ideológica. Também busquei conceituações em Pereira (2005) ao trazer a noção de discurso jurídico, associada ao conceito de Muniz (2008), além de Fonseca (1999) com a qual trabalhei com a definição de discurso literário. Quanto às condições de produção do discurso jurídico, fiz uma interface com teorias do direito penal e da teoria da pena, buscando em Capez (2005) e Bitencourt (2015) fazer um levantamento dessas condições de produção à época da enunciação de *Os miseráveis*, me ancorando, ainda, em Beccaria (2014) e Suxberger (2006) para sustentar a teoria de uma pena cujo caráter seja de prevenção especial, capaz de devolver o ex-detento readaptado à sociedade e que é questionada pelo sujeito discursivo Victor Hugo na discursividade dos recortes analisados. No que tange às condições de produção do discurso literário, busquei aporte teórico em Gonzaga (2004) e Chauvin (2014). Em relação ao recorte metodológico, busquei em Santos (2004) a possibilidade de recortar o *corpus*, compondo assim sequências enunciativas que formaram as matrizes discursivas analisadas, por meio das quais efeitos de sentidos dos enunciados selecionados foram examinados para identificação do processo de interdiscursividade subjacente às manifestações dos sujeitos discursivos: Jean Valjean, Victor Hugo, as instituições e a sociedade francesa e o lugar discursivo ocupado pelo Pai/Sr. Madeleine. Diante dessas questões teóricas, me vi interpelado por alguns questionamentos ao reler a discursividade de *Os miseráveis*, quais sejam: Como era decidida a dosimetria da pena; como era a aplicação da pena, à época da enunciação da obra, de forma a garantir, ou não, o fator jurídico da prevenção especial? Na ausência de uma pena que trouxesse esse caráter de prevenção especial, como a sociedade francesa lidava com o preso devolvido à sociedade após o cumprimento da pena? Quais eram as formações discursivas e ideológicas passíveis de inscrição pelos sujeitos discursivos que constituem a primeira parte da discursividade de *Os miseráveis*? Quais os efeitos de sentidos advindos dessas inscrições? Estaria o preso, depois de cumprida a pena, realmente readaptado e pronto para ser devolvido ao convívio social? Assim, de posse desse aporte teórico e norteado por essas questões, objetivei encontrar respostas de modo que pudesse identificar, descrever e compreender os efeitos de sentidos que nascem da relação interdiscursiva e ideológica presentes na discursividade dos recortes de enunciados que demonstrem essa interdiscursividade (*corpus* da pesquisa) da obra *Os miseráveis* de Victor Hugo. De tal modo, intentei analisar as relações entre o discurso Literário e o discurso Jurídico, descrevendo como são construídas as inscrições em formações discursivas na qual os sujeitos discursivos que permeiam a parte “Fantine” revelam por meio da interdiscursividade. Também busquei desvelar qual a gênese do estigma social vivenciado pelo sujeito discursivo Jean Valjean após sua condenação e posterior libertação pelo cometimento do furto famélico e, por fim, depreender a relação do interdiscurso jurídico-punitivo e a produção de sentidos no devir da reintegração social do Pai/Sr. Madeleine pela inscrição no discurso religioso. Orientado por estas questões, percebi que, por meio da enunciação literária, Victor Hugo faz emergir lugares ideológicos e discursivos cuja sociedade francesa, bem como o Estado construíram para todo e qualquer ex-prisioneiro de sua época, levando a uma reflexão sobre o estigma social que o apenado, Jean Valjean, carrega ao longo da obra. Afinal, tanto a sociedade francesa, quanto o estado estava inscritos num lugar que viam num ex-apanado/prisioneiro/detento/forçado uma figura de periculosidade social, financeira e moral. Isto me fez entender que apesar da desordem social quanto à subsistência dos seus cidadãos, o estado francês e o ordenamento jurídico deveriam ser respeitados em detrimento da sobrevivência humana e a pena aplicada tinha um caráter meramente punitivo, apesar da discussão já trazida por Beccaria. Por fim, compreendi que o

único mecanismo que garantia essa prevenção especial à época foi a inscrição enunciativa no discurso religioso, revelado na interdiscursividade do sujeito discursivo Bispo de Digne.

**Palavras-Chaves:** Os Miseráveis. Interdiscursividade jurídico-punitiva. Pena. Prevenção Especial. Sujeito Discursivo.

## ABSTRACT

This research was developed under the theoretical perspective of the French Discourse Analysis (DA), with resources in the theories of Michel Pêcheux (2008), addressing issues related to subject, meaning, interdiscourse, discursive memory, as well as discursive formation and ideological formation. I also sought conceptualizations in Pereira (2005), as he brings the notion of legal discourse, associated with the concept of Muniz (2008), as well as Fonseca (1999) whose literary discourse definition was taken into consideration. In terms of conditions of production of the legal discourse, I have made an interface with theories of criminal law and the theory of penalty, using Capez (2005) and Bitencourt (2015) to rise these conditions of production at the time of the enunciation of *Les Misérables*, and still anchoring in Beccaria (2014) and Suxberger (2006) to support the theory of an adequate and resocializing penalty, which is questioned by the discursive subject Victor Hugo in the discursivities of the analyzed cuts. With regards to the conditions of production of the literary discourse, a theoretical contribution was sought in Gonzaga (2004) and Chauvin (2014). Regarding the methodological aspect, I sought in Santos (2004) the possibility of cutting the corpus, composing enunciative sequences that formed the analyzed discursive matrices, in which were examined effects of meaning of the selected statements to identify the process of interdiscursivity underlying the manifestations of the discursive subjects: Jean Valjean, Victor Hugo, the institutions and the French society and the discursive place occupied by the Father/Mr. Madeleine. Faced with these theoretical questions, I saw myself challenged by some questions in re-reading the discursivities of *Les Misérables*, such as: How was the dosimetry of the penalty decided; how was the application of the penalty at the time of the enunciation of the work, in order to guarantee, or not, the legal factor of resocialization? In the absence of a resocializing penalty, how did French society deal with the prisoner returned to society after serving the penalty? What were the discursive and ideological formations that could be inscribed by the discursive subjects that constitute the first part of the discursivity of *Les Misérables*? What are the effects of meanings resulting from these inscriptions? Was the prisoner resocialized after having his sentence served? Thus, with this theoretical contribution and guided by these questions, I aimed to find answers so that I could identify, describe and understand the effects of meanings that rise from the interdiscursive and ideological relationship present in the discourse of the statements that demonstrate this interdiscursivity (Research Corpus) of Victor Hugo's work *Les Misérables*. Therefore, we attempted to analyze the relations between Literary discourse and Legal discourse, describing how the inscriptions in discursive formations are constructed in which the discursive subjects that surface the "Fantine" part reveal through interdiscursivity. It was also sought to reveal the genesis of the social stigma experienced by the discursive subject Jean Valjean after his condemnation and subsequent release by committing food theft and, finally, to understand the relation of the legal-punitive interdiscourse and the production of meanings in the resocialization of the Father/Mr. Madeleine by his inscription on the religious discourse. Guided by these questions, I realized that through the literary enunciation, Victor Hugo brings out ideological and discursive places whose French society, as well as the State, built for every ex-prisoner of its time, leading to a reflection about social stigma that the punished, Jean Valjean, carries throughout the work. After all, both French society and the state were inscribed in a place where they saw in an ex-punished/ prisoner / inmate /enforced a figure of social, financial and moral danger. This made me understand that despite the social disorder in terms of the subsistence of its citizens, the French state and the legal order should be respected to the detriment of human survival and the punishment applied had only a punitive character, despite the discussion already brought by Beccaria. Finally, I understood that the only

mechanism of resocialization at the time was the enunciative inscription in the religious discourse, revealed in the interdiscursivity of the discursive subject Bishop of Digne.

**Keywords:** *Les Misérables*. Legal-punitive Interdiscursivity. Penalty. Resocialization. Discursive subject.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A ANÁLISE DO DISCURSO PECHEUTIANA E O DISCURSO JURÍDICO .....</b>	<b>21</b>
1.1 Por que a análise do discurso? .....	22
1.2 Formação Ideológica, Formação Discursiva, Discurso Jurídico e Discurso Literário sob a ótica pecheutiana. ....	25
1.3 Sujeito, Sentido, interdiscurso e memória pelo viés de Pêcheux .....	29
 <b>CAPÍTULO 2 - DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO JURÍDICO E LITERÁRIO EM <i>OS MISERÁVEIS</i> .....</b>	 <b>36</b>
2.1 Historicidade e implicações do Direito Penal na França hugoana .....	37
2.2 Da Constituição do discurso literário em <i>Os miseráveis</i> .....	41
 <b>CAPÍTULO 3 - INTERDISCURSIVIDADE JURÍDICO-PUNITIVA EM <i>OS MISERÁVEIS</i> .....</b>	 <b>47</b>
3.1 Considerações metodológicas para uma análise do discurso enfocando a interdiscursividade de uma enunciação .....	48
3.2 Interdiscursividade Jurídico-punitiva pelo viés de Jean Valjean .....	52
3.3 Interdiscursividade Jurídico-punitiva pelo viés de Victor Hugo .....	69
3.4 Interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés do discurso social da França hugoana ...	81
3.5 Interdiscursividade jurídico-punitiva sobre o Pai/Senhor/prefeito Madeleine .....	92
3.6 As interrelações do processo de interdiscursividade nos diferentes lugares discursivos .	108
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	 <b>124</b>
 <b>REFERÊNCIAS .....</b>	 <b>151</b>
 <b>ANEXOS .....</b>	 <b>154</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

AD	Análise do Discurso
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Ideológica
LD	Lugar Discursivo

## **INTRODUÇÃO**

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu do anseio de compreender as formações discursivas e ideológicas na qual os sujeitos discursivos que compõem a discursividade de *Os miseráveis* se inscrevem no momento em que são perpassados pela interdiscursividade jurídico-punitiva que permeia, de maneira significativa, a primeira parte dessa obra de Victor Hugo. Tal busca por compreensão se fez relevante para desvelar a percepção de como os sujeitos discursivos Jean Valjean, Victor Hugo e da sociedade francesa veem a questão social de um ex-apenado/presidiário. Afinal, pautado na minha clivagem como advogado criminalista, algumas questões “berraram” para mim durante a leitura da obra, quais sejam: como era decidida a dosimetria<sup>2</sup> da pena, bem como sua aplicação, à época da enunciação da obra, de forma a garantir, ou não, o fator jurídico prevenção social? Na ausência de uma pena que evitasse essa reincidência, como a sociedade francesa lidava com o preso devolvido a sociedade após o cumprimento da pena?

Para isso, tem-se como escopo a busca pelos lugares discursivos ocupados por cada sujeito discursivo ao entrarem em contato com a situação social da personagem Jean Valjean, sendo ele, um ex-encarcerado em decorrência da prática do que nos tempos atuais é definido como furto famélico<sup>3</sup>. Essas inscrições discursivas trazem à luz sentidos que revelem qual o lugar social do ex-apenado na França hugoana.

Essa percepção eclode de recortes de sequências discursivas (SDs) da primeira parte da discursividade da obra *Os miseráveis* de Victor Hugo, cuja titulação é “Fantine”. A escolha por analisar apenas a primeira parte de um total de cinco, se deu por perceber que nessa parte é que o sujeito discursivo Victor Hugo traz a ascensão social do sujeito discursivo Jean Valjean, respondendo assim, às questões de pesquisa relativas a problemática da prevenção social/não reincidência de um ex-detento. Para essa resposta, buscou-se por meio dos estudos em Análise do Discurso - AD, de linha francesa - compreender os sentidos no momento do entrecruzamento da interdiscursividade jurídico-punitiva que faz com que cada sujeito se inscreva em uma determinada formação discursiva e não em outra.

---

<sup>2</sup> A dosimetria (cálculo) da pena é o momento em que o Estado, aquele que possui o direito de punir, por meio do poder judiciário comina ao indivíduo que comete um crime a sanção que reflete a reprovação estatal do crime cometido.

<sup>3</sup> A palavra “famélico” está relacionada a situação daquele que tem fome. Logo, o furto famélico seria o ato de tomar para si bem alheio móvel, sem o uso de violência contra a vítima, no caso em tela algo que possa saciar a fome do agente do ato delituoso ou de algum do seus, isso diante do seu estado de necessidade.



Este trabalho se justifica na diversidade dos estudos de AD e na interdiscursividade entre o discurso jurídico, presente na enunciação do discurso literário de Victor Hugo, materialidade linguística da qual foram feitos os recortes enunciativos desse interdiscurso, que uma vez analisados por meio de um encaminhamento metodológico de natureza descritivo-interpretativista, desvelarão as formações discursivas e ideológicas na qual os sujeitos discursivos Jean Valjean, Victor Hugo e da sociedade francesa se inscrevem quando são interpeladas pela interdiscursividade jurídico-punitiva presente nas penas do crime de furto famélico.

Essa pesquisa ainda se fez necessária, por apresentar uma vertente de estudos que está se abrindo na seara jurídica, vertente essa em que operadores do direito passam a entender a ciência do direito abrindo-se para a possibilidade de diálogos com outras *epistemes* que não somente na área das ciências sociais, buscando assim, em outras áreas do conhecimento, como nos estudos literários, inscrito aqui nas ciências humanas, subsídios para uma fundamentação de suas peças processuais, bem como de sentenças, acórdãos e pareceres jurídicos. Tal percepção tem se feito tão relevante que há, na contemporaneidade, decisões judiciais, sentenças e acórdãos, perpassadas por citações de enunciações literárias de maneira tal que acabam por constituir o corpo sentencial como mecanismo de arguição.

Diante dessas considerações, é relevante destacar que a gênese da discussão girou em torno dos seguintes questionamentos, alguns já apresentados nessa introdução: Como era decidida a dosimetria da pena, bem como sua aplicação, à época da enunciação da obra, de forma a garantir, ou não, o fator jurídico prevenção especial/não reincidência? Na ausência de uma pena que garantisse a prevenção social, como a sociedade francesa lidava como o preso devolvido à sociedade após o cumprimento da pena? Quais eram as formações discursivas e ideológicas passíveis de inscrição pelos sujeitos discursivos que constituem a primeira parte da discursividade de *Os miseráveis*? Quais os efeitos de sentidos advindos dessa inscrição? Estaria o preso, depois de cumprida a pena, pronto para voltar ao convívio social?

Para alcançar o objetivo de se encontrar respostas para essas questões, busquei identificar e descrever e compreender os efeitos de sentidos que nascem da relação interdiscursiva e ideológica presentes na discursividade dos recortes de enunciados que demonstrem essa interdiscursividade (*corpus* da pesquisa) da obra *Os miseráveis* de Victor Hugo. Assim, intentei analisar as relações entre o discurso Literário e o discurso Jurídico, descrevendo como são construídas as formações discursivas na qual os sujeitos discursivos que permeiam a parte “Fantine” se inscrevem. Também, busquei desvelar qual a gênese do estigma social vivenciado pelo sujeito discursivo Jean Valjean após sua condenação e

posterior libertação pelo cometimento do furto famélico e, por fim, depreender a relação do interdiscurso jurídico-punitivo e a produção de sentidos no devir da reinserção social (não reincidência) do Pai/Sr. Madeleine pela inscrição no discurso religioso.

Após uma primeira leitura da obra, percebi uma discursividade que levou a problematizar a existência do entrelaçamento do discurso jurídico ao discurso literário no romance *Os miseráveis* de Victor Hugo. Assim, tive, então, uma concepção de que, por meio da enunciação literária, Victor Hugo faz emergir lugares ideológicos e discursivos cuja sociedade francesa, bem como o Estado construíram para todo e qualquer ex-prisoneiro de sua época, levando a uma reflexão sobre o estigma social que o apenado, Jean Valjean, carrega ao longo da obra.

O que poderia ser compreendido como uma inscrição social da França hugoana, descrita e interpretado nos recortes feitos, é que a despeito do caos social em matéria da fome que assolava o estado francês, o ordenamento jurídico deveria ser respeitado em detrimento da sobrevivência humana e que não importa se se pagasse pelo crime cometido, o ex-apenado carregaria sobre si o eterno estigma de um dia ter sido sentenciado, condenado e preso por um crime que já pagara ao estado, abrindo aqui a possibilidade de leitura da pena tendo um caráter meramente punitivo, sendo essa punição perpétua, pois se estendia até mesmo depois de cumprida a pena de restrição de liberdade e trabalhos forçados nas Galés, dada a segregação social dessas pessoas. E isso é percebido por meio das análises do interdiscurso presente nos recortes enunciativos feitos na obra *Os miseráveis*.

O arcabouço teórico foi construído partindo de teóricos da Análise do Discurso de linha francesa dando ênfase às teorias de Pêcheux (2008) abordando questões referentes ao sujeito, sentido, interdiscurso, memória discursiva, formação discursiva e ideológica, ainda, em Pereira (2005) ao trazer a conceituação de discurso jurídico juntamente com Muniz (2008), além de Fonseca (1999) com a qual trabalhei com o conceito de discurso literário. No que se refere à historicidade do direito penal e da pena, busquei em Capez (2005) e Bitencourt (2015) traçar um histórico das condições de produção do direito penal à época da enunciação da obra, trazendo ainda como suporte Beccaria (2014), Ferreira (2000) e Suxberger (2006) para sustentar o pensamento de uma pena adequada e que garantisse a prevenção especial/não reincidência que é questionada pelo sujeito discursivo Victor Hugo na discursividade dos recortes analisados. Em relação às condições de produção do discurso literário, buscou-se aporte teórico em Gonzaga (2004) e Chauvin (2014). Por fim, aportei-me no recorte metodológico posto por Santos (2004) que traz a possibilidade de recortar o *corpus* compondo

assim sequências enunciativas que formaram as matrizes discursivas analisadas, por meio das quais efeitos de sentidos dos enunciados selecionados foram examinados.

Esta dissertação encontra-se estruturada em uma introdução, quatro capítulos, e as considerações finais. No capítulo 1, intitulado “A análise do discurso pecheutiana e o discurso jurídico” tive o intuito de fundamentar a análise que fiz, sendo, assim, apresentadas as questões teóricas que abordam a formação ideológica, formação discursiva, discurso jurídico e discurso literário sob a ótica pecheutiana, todas essas questões para a compreensão dos lugares discursivos na qual os sujeitos discursivos que permeiam a discursividade da obra acabam se inscrevendo. Como mencionei a questão do sujeito discursivo, outras questões trabalhadas foram a definição de sujeito, sentido, interdiscurso e memória, ainda, pelo viés de Pêcheux, isso para produzir sentido na memória discursiva evocada pelos sujeitos no momento da enunciação de seus dizeres.

No capítulo 2 mostrarei as condições de produção do discurso Jurídico e Literário em *Os miseráveis*, de modo que trouxe algumas reflexões históricas sobre a constituição do direito penal e do direito de punir à luz de teorias postas por Capez (2005), Bittencourt (2015) e Beccaria (2014), Ferreira (2000) e Suxberger (2006). Encontrei em nesses últimos autores a sustentação filosófica do pensamento de Victor Hugo sobre o direito de punir a sua época. Ainda nesse capítulo mostrarei, também, as condições de produção do discurso literário, isso por ser a obra *Os miseráveis* pertencentes a escola literária do romantismo e ter características que a constitui como uma obra romântica.

Quanto ao capítulo 3, “Considerações metodológicas para uma análise do discurso e Interdiscursividade jurídico-punitiva em *Os miseráveis*, enfocando a interdiscursividade de uma enunciação, buscarei na construção de matrizes discursivas proposta por Santos (2004) trabalhar com os enunciados-operadores, conforme Fernandes e Santos (2008), que deixaram entrever essa interdiscursividade jurídico-punitiva.

Nesse capítulo, ainda, proponho analisar as matrizes discursivas que compõe o *corpus*. Essas matrizes revelam quatro regularidades que produzem efeitos de sentido que ora se aproximam quanto aos lugares discursivos na qual esses sujeitos se inscrevem e ora se distanciam, quais sejam: Interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés de Jean Valjean, Interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés de Victor Hugo, interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés do discurso social da França hugoana e Interdiscursividade jurídico-punitiva sobre o Pai/Sr. Madeleine.

Nas considerações finais, retomarei as perguntas de pesquisa e apresentarei algumas reflexões decorrentes do estudo.

No entanto, antes de iniciar a discussão teórica, faz jus trazer para o leitor uma breve resenha da obra *Os miseráveis* para que assim ele possa situar a análise.

Ao ser preso por roubar um pão para alimentar seus sobrinhos famintos, que por sinal eram órfãos de pai, Jean Valjean passa 19 anos sofrendo castigos, maus tratos e fazendo trabalhos forçados nas Galés, pelo furto do pão e do arrombamento da padaria e os demais por tentativas de fuga.

Após sua libertação, sem saber o paradeiro de sua irmã e sobrinhos, ele vaga sem destino com o pouco que recebeu ao sair da prisão. Sem destino certo, acaba chegando à cidade de Digne, onde tenta inutilmente se hospedar em diversos lugares, no entanto, a identidade trazida no passaporte amarelo de que ele é um ex-prisioneiro das Galés se torna um empecilho que faz ele tomar para si a imagem de pessoa perigosa construída pelo documento amarelo. Sua sorte mudaria, após já cansado de tentar encontrar abrigo, resolve se deitar no banco da praça. Nesse momento, uma mulher o encontra e orienta-o que vá até a casa do Monsenhor Bienvenu, o amável bispo da cidade de Digne, que o acolhe.

O Monsenhor Bienvenu é um cristão com o peso semântico que a palavra significa. Ele vive apenas com o extremamente essencial. Parte do que recebe é doado aos necessitados. As marcas da rejeição social pesam sobre Jean ao adentrar na casa do bispo, trazendo em si uma historicidade de homem perigoso, cuja rejeição social e do Estado pesaram sobre sua alma, endurecendo seu coração e escurecendo sua alma.

Após ser abrigado pelo bispo, alimentado e dado uma cama digna para repousar, Jean acaba por fugir levando os talheres de prata do bispo, porém, essa tentativa foi falha, pois ele acabaria sendo trazido de volta à casa de Monsenhor Bienvenu por oficiais que o acharam com os talheres.

Nesse momento Jean Valjean vive um drama, pois estar prestes a novamente ser acusado e condenado, retornando ao inferno das Gales de onde havia sido liberto recentemente. Contudo, o bispo num ato de misericórdia não o incrimina, declara ter ofertado os talheres e “lembra” a Jean que havia se esquecido dos castiçais de prata que também havia doado a ele. Esses eram os únicos bem de valor afetivo e material do bispo, mas ainda assim os doou. Nesse momento Jean é fortemente interpelado pela ação de misericórdia de Monsenhor Bienvenu, entra num profundo processo de reflexão e decide que nunca mais cometeria crime algum, com a prataria o misericordioso bispo havia interpelado sua condição de ex-presidiário.

Fantine era uma bela jovem que acabou se entregando por amor a um homem que acabou abandonando-a, fruto desse relacionamento nasce Cosette. Porém, ao se ver

abandonada, desempregada e com uma filha, Fantine volta a sua cidade natal. Por ser mãe solteira não conseguiria emprego, assim, resolve deixar sua filha aos cuidados de uma mãe que vigiava suas duas belas filhas, brincando numa cidade vizinha, porém, tinha o propósito de voltar futuramente para buscá-la quando juntasse dinheiro suficiente.

O casal Thénardier aceita ficar com a menina, desde que Fantine envie mensalmente uma quantia em dinheiro para arcar com as despesas da criança. Porém, Fantine não sabia que estava deixando sua filha aos cuidados de dois embusteiros. Em sua cidade natal, ela consegue um emprego e tudo vai bem, até que um dia a existência de sua filha é descoberta, ela é despedida e percebe-se sem renda, com muitas dívidas e ela então começa a fazer de tudo para arcar com as despesas de sua filha. Por amor a filha e medo que seja colocada na rua ela vende tudo, sua beleza e seu corpo para salvar a filha.

Em total estado de miserabilidade, ela é ajudada pelo pai Madeleine, mas ainda assim não resiste e acaba indo a óbito, porém, antes de morrer pai Madeleine, que na verdade é Jean Valjean, havia prometido que buscaria Cosette. Nesse interim, a identidade do ex-condenado é descoberta por Javert, um homem extremamente legalista e Jean acaba preso, porém, foge, mas sua consciência pesa e volta a se entregar, mas não permanece encarcerado por muito tempo, ele forja a sua morte, pois precisava encontrar Cosette, filha de Fantine.

Cosette foi explorada pelos Thénardier como empregada da casa, sendo mal alimentada e mal vestida, sentia frio, fome e apanhava muito. Não aparentava ter a idade que tinha, devido aos maus tratos. Jean a toma para si, levando-a embora e tem por ela o carinho de um pai, tornando-se o centro da sua vida.

Mas o tempo passa, Cosette torna-se uma bela mulher. Surge Marius Pontmercy, personagem pela qual Cosette se apaixona e Jean se vê ameaçado pelo amor que surge entre os jovens.

Passo, a seguir, a apresentar o capítulo primeiro deste trabalho<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> É importante salientar que a despeito de buscas no banco de dissertação e teses da CAPES não consegui localizar trabalhos nas áreas dos Estudos Literários e do Direito que tivessem *Os miseráveis* como *corpus* de pesquisa. Sendo esse o motivo pela qual não mencionei outras pesquisas cuja referida obra fosse objeto de estudo.

## **CAPÍTULO 1**

### **A ANÁLISE DO DISCURSO PECHEUTIANA E O DISCURSO JURÍDICO**

## CAPÍTULO 1

### A ANÁLISE DO DISCURSO PECHEUTIANA E O DISCURSO JURÍDICO

“Quando um rio corta, corta-se de vez  
o discurso-rio de água que ele fazia;  
cortado, a água se quebra em pedaços,  
em poços de água, em água parálitica.  
Em situação de poço, a água equivale  
a uma palavra em situação dicionária:  
isolada, estanque no poço dela mesma,  
e porque assim estanque, estancada;  
e mais: porque assim estancada, muda,  
e muda porque com nenhuma comunica,  
porque cortou-se a sintaxe desse rio,  
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,  
chega raramente a se reatar de vez;  
um rio precisa de muito fio de água  
para refazer o fio antigo que o fez.  
Salvo a grandiloquência de uma cheia  
lhe impondo interina outra linguagem,  
um rio precisa de muita água em fios  
para que todos os poços se enfrasem:  
se reatando, de um para outro poço,  
em frases curtas, então frase e frase,  
até a sentença-rio do discurso único  
em que se tem voz a seca ele combate.”  
(MELO NETO, 1976, P. 26)

#### 1.1 Por que a análise do discurso?

Com o intuito de lançar um gesto de interpretação sobre a interdiscursividade jurídico-punitiva em *Os miseráveis* desvelada no furto famélico cometido pela personagem Jean Valjean e nas consequentes posições ocupadas pelo sujeito discursivo que permeiam a obra, a presente pesquisa ancora-se nos postulados teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente numa vertente pecheutiana, haja vista o preconizador dessa vertente teórica compreende a linguagem perpassada por questões de cunho sócio-histórico-político-ideológico.

Convém observar que o acontecimento discursivo de *Os miseráveis* como uma prática discursiva, desvela uma ideologia típica corrente à época da enunciação de Victor Hugo na França napoleônica. Tal ideologia é cristalizada por meio de um discurso que deixa entrever a interdiscursividade jurídico-punitiva das posições ocupadas pelo sujeito discursivo, quais sejam os lugares ocupados pelo sujeito discursivo de Jean Valjean, Victor Hugo, da sociedade francesa e do Sr. Madeleine.

Dada a importância desse fato, é que me inscrevo nessa linha de análise do discurso, cujo aporte teórico, como já mostrado, se deu nos postulados teóricos trazidos por Michel Pêcheux, com efeitos de uma premissa teórica que traz uma prática discursiva perpassada pela ideologia e pela história. Isso porque compreendo que a possibilidade da produção de efeitos de sentido na busca pela interdiscursividade jurídico-punitiva da obra em análise tem estrita e direta relação com as condições de produção, cujos sujeitos após serem interpelados pela ideologia têm o processo de sua constituição desvelado.

## **1.2 Formação Ideológica, Formação Discursiva, Discurso Jurídico e Discurso Literário sob a ótica pecheutiana.**

Buscar os efeitos de sentidos por meio da interdiscursividade jurídico-punitiva em *Os miseráveis*, mais especificamente na análise dos recortes dos enunciados que compõem o *corpus*, traz a gênese da necessidade de um mirante teórico que possibilite fundamentar sob qual olhar e consequentes efeitos de sentidos emergirão essa análise proposta. Com efeito, buscando respaldo para isso, apresento, a seguir, o mirante teórico na qual essa pesquisa constrói seu arcabouço. No que se refere aos estudos pecheutianos, percebo uma busca epistemológica pela construção dos sentidos, ficando claro que a análise do discurso na vertente de Pêcheux traz que os sentidos se dão pautados no lugar sócio-histórico-ideológico na qual os discursos são produzidos.

Considerando o exposto, é que escolher esse arcabouço teórico fará emergir o funcionamento dos sentidos dos enunciados recortados levando-se em consideração suas condições de produção, bem como as formações ideológicas e discursivas sob as quais esses sujeitos enunciaram. Para tanto, abordarei essa rede de conceituações que envolvem essa investigação.

A Análise do Discurso, como o próprio nome já diz, não tem como escopo de análise a língua, nem a gramática, ainda que essas duas coisas lhe causem interesse. Ela tem como ocupação científica o discurso, tendo essa palavra em sua base etimológica a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. Logo, temos o discurso, então, como palavra em movimento, uma prática de linguagem. Afinal, com a análise do discurso estuda-se o homem falando (BRANDÃO, 2004).

Dessa forma, evidencia-se que a Análise do Discurso, ao contrário do estruturalismo saussuriano que estuda um sistema linguístico abstrato, ela trabalha com a língua no mundo, com maneiras de significar, com o homem falando, logo um acontecimento



discursivo, de modo que para encontrar as regularidades dessa linguagem é necessário relacionar a linguagem a sua exterioridade, daí emerge a ideia de linguagem em movimento.

No entanto, para compreender a produção do discurso é necessário que sejam compreendidos outros processos constitutivos do discurso, quais sejam a formação ideológica, a formação discursiva e a interpelação do sujeito.

Ao pensar nos processos ideológicos que constituem o discurso, há um real afastamento, segundo Pêcheux (1997), da concepção do idealismo neopositivista de ideologia, haja vista que, para essa corrente teórica, a ideologia seria apenas um conjunto de ideias, sendo originadas nos sujeitos. Teríamos sob essa ótica o sujeito como fonte do seu dizer. Em contraposição a essa perspectiva, pautado na releitura do Materialismo Histórico proposta por Althusser (1996), tem-se que as ideologias são concebidas como forças materiais ao serem percebidas num processo de relação com as relações de produção e de transformações das condições reais de existência, se relacionando assim com as lutas de classes. (SILVA, 2009)

Assim,

[...] a instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas (referidas aos Aparelhos Ideológicos de Estado), que ao mesmo tempo, possuem um caráter “regional” e comportam posições de classe [...] as ideologias práticas são práticas (de lutas de classes) na ideologia. (Grifo do autor) (PÊCHEUX, 1997, p. 146)

Dessa maneira, a instância ideológica, numa dada circunstância sócio-histórica, ocorre mediante formações ideológicas referindo-se aos Aparelhos Ideológicos de Estado<sup>5</sup>, de modo que trazem à tona a relação de conflito entre as classes sociais. A constituição do sujeito, então, se daria na sua filiação a grupos sociais e classes sociais que o inscreveria em uma dada formação ideológica, mediante um processo de interpelação enunciativa, cujo sujeito acaba passando por um processo de clivagem ideológica e discursiva que ecoa essa sua inscrição por meio da produção de sentido dos processos enunciativos.

Pode-se dizer, portanto, que a ideologia é a condição para a construção dos sujeitos e dos sentidos, pois o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que produza o dizer e tal processo se dá de maneira inconsciente.

---

<sup>5</sup> Consoante o entendimento de Althusser (1993), a ideologia tem uma existência material, sendo refletida em práticas sociais que são inscritas em Aparelhos Ideológicos de Estado apresentados sob a forma de instituições especializadas (a religião, a igreja, a família, a informação, o Direito, a política, o sindicato, e a cultura) em reforçar/impor a ideologia da classe dominante nas relações de produção, ou melhor, de dar perpetuidade às condições materiais, políticas e ideológicas de exploração. Vale ressaltar que é também nesses Aparelhos Ideológicos de Estado que a luta de classes acontece, haja vista ser esse um dos espaços em que a classe dominada põe sua resistência ou confronto à classe dominante.

Logo, tendo como norte que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, percebe-se que esse binômio dissimula sua existência no interior do seu próprio funcionamento (ORLANDI, 2015), sendo, portanto, o sujeito assujeitado à ideologia e ao inconsciente. Porém, o sujeito não tem consciência desses assujeitamentos, visto serem simulados pela forma-sujeito<sup>6</sup>.

Ancorando-me, então, na relação da língua com a ideologia observo como, por meio da noção de determinação, o sujeito gramatical cria a ilusão de completude, crendo-se ser o senhor de suas palavras. Todavia, essa percepção só teve sua gênese na modernidade, com o surgimento do sujeito-de-direito, ou sujeito jurídico. Não obstante, faz jus acrescentar que a noção de sujeito-de-direito se distingue da de indivíduo, digo isso, porque o sujeito de direito não é uma entidade psíquica, ele é fruto de uma estrutura social bem delimitada, a sociedade capitalista. E embora, exista a determinação do sujeito de direito, existe concomitante, o processo de individualização do sujeito pelo estado, sendo esse processo fundamental para que se possa governar num sistema capitalista. (ORLANDI, 2015)

Percebo, então, que a ilusão de que o sujeito é sempre-já dotado de liberdade (sujeito-de-direito) para escolher as suas ideias e ações (pense-se aqui em liberdade de manifestação do pensamento e liberdade de expressão, como exemplo), além de ser considerado igual em direitos quando comparado aos demais no sistema capitalista só desvela os efeitos ideológicos realizados através do Aparelho Ideológico de Estado Jurídico, o que reforça o querer de uma formação ideológica dominante.

Visto isso, percebo, então, que o sentido não existe em si, mas que é acurado pelas posições ideológicas colocadas em pauta no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Portanto, posso dizer que dependendo de quem as emprega, as palavras podem ter sentidos distintos, estando eles, os sentidos, nessas posições ideológicas em que se inscrevem.

Então, associada à noção de formação ideológica há a noção de formação discursiva. Orlandi (2015, p. 41) ressalta que

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise do Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso.

---

<sup>6</sup> Entendemos forma-sujeito, aqui, “como um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento” (ORLANDI, 2015, p. 48)

Nessa linha, associando os conceitos teóricos de formação ideológica e discursiva, visualizando-os sob a ótica da condição de produção, de forma que se compreenda a situação de enunciação, Pêcheux (1997, p. 160-161) aduz que

Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (Grifos do autor)

A esse respeito Orlandi (2015, p. 41) diz que

[...] as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se neles.

Ancorado nessa máxima de que é inserida numa dada formação ideológica e discursiva que a palavra significa, entendemos que

Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamentos no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo. (PÊCHEUX, 2008, p. 56) (Grifos do autor)

Os enunciados possuem, então, mais de uma interpretação que está no acontecimento e na forma como tais enunciados tiveram na sua constituição a gênese do sentido. Há, aqui, a proposição por Pêcheux (2008) para uma análise do acontecimento e não meramente da estrutura, dado o fato de que há na materialidade do discurso, via língua ou fala, a presença da estrutura linguística na qual o discurso se cristaliza, mas também é vital enxergar o discurso como acontecimento, dado o fato de que é por meio da materialidade histórica que os efeitos de sentido são produzidos, pois há uma inscrição sócio-histórico-ideológica que faz que o sentido de determinado discurso seja um e não outro.

Desta feita, reconfigurando o conceito foucaultiano de formação discursiva, Pêcheux (1999, p. 160) a define como

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)

É importante ressaltar que para Pêcheux os efeitos de sentido estão diretamente relacionados com as tomadas de posição dos sujeitos que enunciam o discurso. Assim, a formação discursiva ao determinar o que deve e pode ser dito imbuí de sentidos o discurso.

A partir dessas considerações, penso o discurso jurídico, mas, sobretudo ciente que ele tem sua gênese de significações imerso numa dada formação discursiva e ideológica, para compreender a constituição dessa discursividade, sendo preciso assumir uma prática discursiva para poder alcançar os sentidos que insurgem dessa formação discursiva jurídica. E nessa perspectiva,

Assumir uma prática discursiva é admitir um mecanismo que integra o funcionamento de uma determinada formação discursiva em uma comunidade discursiva, não basta reconhecer somente uma instituição discursiva, ou seja, a noção de prática discursiva incorpora simultaneamente a comunidade discursiva e a formação discursiva. (MUNIZ, 2008, p. 107)

Como já colocado, é no momento em que há a inscrição pelo sujeito discursivo numa dada formação discursiva, que posso entrever o conceito de discurso jurídico.

Teria, então, aportados na possibilidade de emersão de sentido que a formação discursiva traz, a definição de discurso jurídico como aquele que determina condutas para a proteção do bem estar coletivo e para a manutenção da ordem social. De maneira tal, que por meio da materialização de normas postas (como o caso do direito positivado, ou seja, normas escritas), bem como de princípios inerentes ao direito (como exemplo o princípio da anterioridade da lei que diz que só há crime e pena se o ato foi praticado depois de lei que os define e esteja em vigor) se tenha tutelado o bem estar físico, moral e material de todo cidadão.

Logo, há por detrás desse conceito de discurso jurídico o imbricamento das noções de poder, desvelado na coerção do estado que obriga a todos a cumprirem as leis vigentes, sob pena de punição, e, também, persuasão, pois conforme afirma Muniz (2008), o discurso jurídico é, portanto, essencialmente persuasivo. Sempre haverá, direta ou

indiretamente, um destinatário que tenha um bem da vida violado ou que busque a solução de um litígio, cujo direito deve necessariamente ser proferido.

Nesse sentido, a enunciação do discurso jurídico pode ser compreendida numa formação discursiva, cujos efeitos de poder instaurados entre os sujeitos pertencentes a uma mesma formação ideológica, os levarão a ser vislumbrados como sujeitos que se apoiam em dados argumentos de veracidade (aqui se exemplifica o direito positivado, logo institucionalizado), sendo esses argumentos a discursividade que sustentará a tese apresentada no momento do acontecimento discursivo.

De acordo com Pereira (2005, p. 38)

Dentro do discurso jurídico todos os dizeres, saberes já aceitos e institucionalizados, começam a circular formando ou acionando discursos vários que permeiam a construção discursiva dos produtores textuais, operadores do direito. Existe um objeto de discussão que direciona o desenvolvimento da argumentação, mas as construções discursivas trazem à tona representações sociais que estão situadas no imaginário social. A organização social se faz presente como que retratada discursivamente nessas construções sociais. É como se a sociedade participasse ativamente do caso a ser resolvido, uma vez que o momento de produção discursiva leva em conta as condições de produção do discurso que ora se constitui pela formulação dos enunciados. O mesmo acontece no momento de recepção: a interpretação é condicionada igualmente pelas representações sociais.

Por fim, tem-se no discurso jurídico, por estar no campo do instituído, o ato de estabelecimento como aquele que seria o representante legítimo da ordem social, de maneira que a sua constituição se ancora em argumentos que já foram ditos por meio de formações discursivas que possibilitam a contraposição com o dito. (PEREIRA, 2005)

Outra conceituação que podemos extrair das premissas teóricas já postas é a definição de discurso literário, pois se acredita que no entrecruzamento do discurso jurídico ao literário poderão ser desvelados os efeitos de sentido trazidos na discursividade de *Os miseráveis* de Victor Hugo.

A esse respeito, Fonseca (1999, p. 264) ensina que o discurso literário

[...] pode ser entendido como uma prática que explica um trabalho intencional com a linguagem, elaborado por um sujeito situado num contexto cultural, numa cenografia, como quer Maingueneau, o qual, no entanto, não se fixa em nenhum desses lugares.

Nessa perspectiva, temos o discurso literário eclodindo também de uma formação discursiva distinta, que como mostra Fonseca (1999) nasce de um contexto sócio-ideológico

onde o propósito da ficção de uma cenografia é que levaria o sujeito empírico a enunciá-lo, sem, no entanto, isentar-se das marcações ideológicas que essa discursividade traz impregnada em si, de tal modo que

A obra literária, por ser uma inversão dos códigos estabelecidos, por questionar a ideologia do modo como ela se apresenta, por ser menos setorial, faz aparecer o que se esquivou no conceito superficial. O literário, por ser um fenômeno ilumina o que a ideologia, por si mesma, não tem condições de mostrar. Ele opera uma variação sobre a realidade. Reconstrói um outro sistema, a partir de uma ruptura com o sistema ideológico vigente, provocando o questionamento. (ARAGÃO, 1980, p.19)

Isto posto, é passível de entendimento que o discurso literário abre-se a possibilidade de atravessamentos de discursos outros, discursos esses que desvelam inscrições ideológicas dos vários sujeitos discursivos que podem compor a discursividade literária, como na presente análise, as formações ideológicas que constituem a discursividade jurídico-punitiva de Jean Valjean, de Victor Hugo, da sociedade Francesa, bem como do Sr. Madeleine, todos esses sujeitos e consequentes vinculações ideológicas que os constituem como sujeitos discursivos dentro do *corpus* proposto para análise.

### 1.3 Sujeito, Sentido, interdiscurso e memória pelo viés de Pêcheux

Ainda, alicerçados nas condições de produção, Orlandi (2015) diz que elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e as situações, sem se esquivar do papel da memória na produção dos sentidos, pois a maneira como a memória aciona faz valer as condições de produção. Assim, ao considerar a memória em sentido estrito, tenho as circunstâncias da enunciação que é o contexto imediato. Ao passo que pensar na memória no sentido amplo me leva às condições de produção que incluem o contexto sócio-histórico-ideológico.

Desta feita, no momento em que o sujeito é interpelado ideologicamente, sendo, portanto, constituído em sujeito discursivo há a recorrência inconsciente a um pré-construído, que

corresponde ao *sempre-já-aí* da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (“o mundo das coisas”), ao passo que a ‘articulação’ constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que

*determina a dominação da forma-sujeito.”* (PÊUCHEUX, 1997, p. 164)  
(Grifos do autor.)

Uma exemplificação trazida por Pêcheux (1997, p. 98) de identificação desse pré-construído vem na expressão: “Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu”. Nessa situação entendo que o pré-construído presente nesse enunciado é Jesus, figura religiosa posta nos dogmas do cristianismo que teria morrido numa cruz pela remissão dos pecados da humanidade. No entanto, percebo que a afirmação do enunciado vai de encontro com o posto pelo dogma cristão, sendo perceptível como mostra Pêcheux (1997) ser esse discurso pertencente a uma formação discursiva ateuísta, negando o posto pelo cristianismo.

Nota-se, portanto, como proposto por P. Henry *apud* Pêcheux (1997, p.99) o termo “Pré-construído” para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado.” (Grifos do autor).

Se dessa forma, tenho, então, um pré-construído que fala antes do construído no enunciado, e, assim, é impossível pensarmos, sob o viés pecheutiano, na linguagem como transparente, de modo que o sentido já estivesse posto na palavra. É nas posições ideológicas que tenho a retomada desse pré-construído e, conseqüentemente, das significações que podem emergir de um enunciado, tanto o é que Pêcheux (1997, p. 160) especifica essa evidência por meio da seguinte tese:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e pressuposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões e preposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (no sentido definido acima) nas quais essas posições se inscrevem. (Grifos do autor)

Quanto à memória, a tenho como o saber discursivo que possibilita todo dizer e que retorna sob a forma de um pré-construído, o já-dito que está na base do dizível e que sustenta cada tomada da palavra. É isso que tomo como interdiscurso, pois possibilita dizeres que afetam a maneira como o sujeito significa em uma determinada situação discursiva. (ORLANDI, 2015).

Nesse intento, retoma-se o conceito de discurso em Pêcheux (2008), que leva a uma definição entendida como efeito de sentido entre interlocutores (Pêcheux, 1993), mas não se exaure nisso, visto que

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação (...) (PÊCHEUX, 2008, p. 56).

Isso porque por meio dessa rede de memória, em que o social, o ideológico e o político são identificáveis, é possível se resgatar acontecimentos discursivos implícitos, como os pré-construídos. Ou como diria Pêcheux (1999, p. 52)

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (Grifo do autor)

O interdiscurso é, pois, esse discurso outro, ainda que por meio de pré-construídos, pela memória. Consoante ao posto, Pêcheux (2008) traz a percepção da ideia de rede, de que os discursos estão conectados, sendo assim, o discurso é constituído por um discurso anterior (outro), que nada mais é do que o próprio interdiscurso. O interdiscurso seria, como já dito, aquilo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente. (PÊCHEUX, 2008).

Logo, o interdiscurso é constituinte do sujeito na medida em que há um atravessamento de discursos que determinam os dizeres desse sujeito. Como é ratificado por Pêcheux (1997, p. 149)

(...) o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos e (especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade” enquanto sistema de evidência e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. (Grifos do autor.)

Há ainda, nessa mesma perspectiva de interdiscurso, uma articulação (contraditória) de formações discursivas que se referem às formações ideológicas constituintes dos sujeitos e revelam que há “outros” discursos em um discurso, como é demonstrado na citação seguinte:



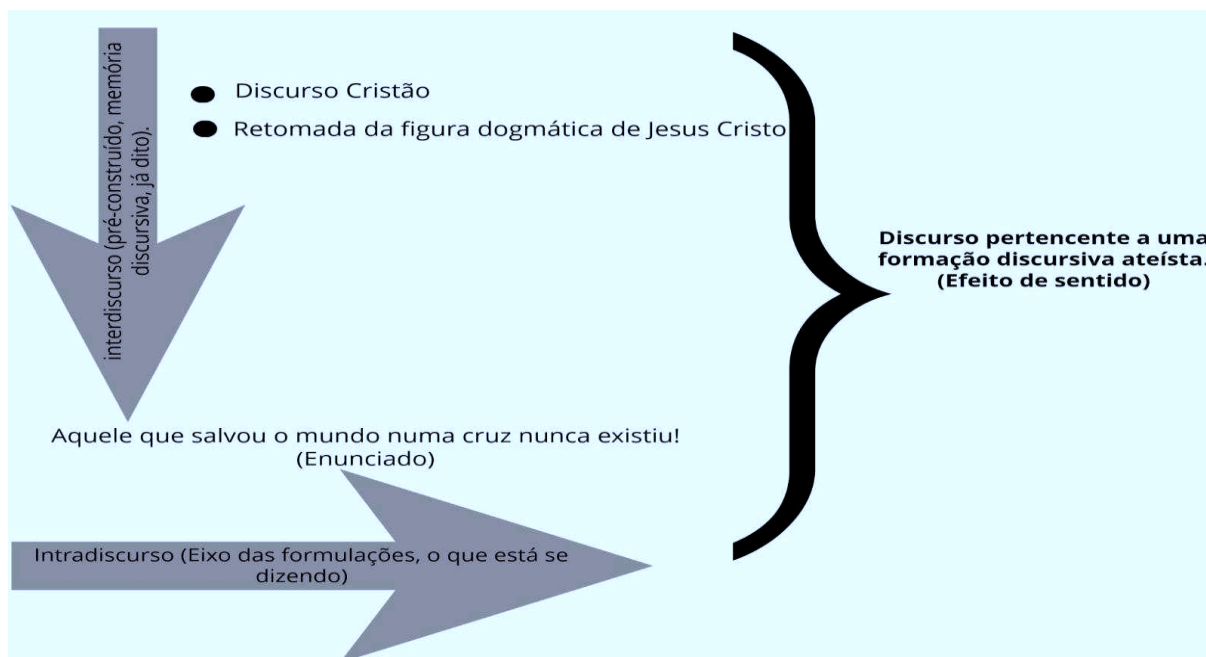
“[...] estamos simplesmente retomando a designação que Lacan e Althusser – cada um a seu modo – deram (adotando deliberadamente as formas revestidas e “fantasmagóricas” inerentes à subjetividade) do processo natural e sócio-histórico pelo qual se constitui-reproduz o efeito-sujeito como *interior* sem *exterior*, e isso pela *determinação do real* (exterior), e especificamente – acrescentaremos – *do interdiscurso como real* (exterior).” (PÊCHEUX, 1997, p. 150) (Grifos do autor.)

Aliada à própria noção de interdiscurso, Pêcheux (2009) retoma a perspectiva de memória discursiva, de maneira que também, como já mencionado, o interdiscurso vem à tona por meio dela. Haja vista, o fato de que um discurso provém de um “retorno às coisas”, isto é, à história, portanto, de outros discursos e o sujeito que o enuncia não o domina (controla), pois ele independe dos sujeitos que nele se inscreve.

[...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma... enquanto pré-construído” e processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os *traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 1993, p. 150) (Grifos do autor.)

Assim, o interdiscurso é “tudo o que já foi dito” (Pêcheux, 1997) por alguém, em algum lugar, em diversos momentos, que pressupõe um saber discursivo.

Dessa premissa se colige que existe uma relação entre o já-dito e o que está se dizendo, relação travada entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou melhor, especificando, entre a constituição do discurso e sua formulação. Courtine *apud* Orlandi (2015) traz a diferença representando o interdiscurso como um eixo vertical onde já teria os dizeres já ditos, porém esquecidos, numa gama de enunciados que na sua totalidade representa o dizível. Doutro lado, no eixo horizontal, teria o intradiscurso, sendo o eixo das formulações, ou seja, aquilo que está se dizendo num dado momento, numa dada condição. Vide esquema abaixo.



Outra evidência da presença do interdiscurso é desvelada pelo não-dito, haja vista que no momento em que se diz algo em dado enunciado há uma inscrição discursiva que significa numa relação de outricidade, pois ao dizer algo, o sujeito nega uma outra situação discursiva na qual ele não se inscreve, vindo à tona um interdiscurso que justifica a sua não-inscrição nessa discursividade, isso evidencia-se no excerto seguinte:

Novas práticas de leitura (sintomáticas, arqueológicas, etc...) aplicadas aos monumentos textuais, e de início aos Grandes dessas leituras consiste, como se sabe, em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, como o que é dito em outro lugar de outro modo, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos no interior do que é dito. (PÊUCHEUX, 2008, p.44) (Grifos do autor.)

A esse respeito, Orlandi (2015, p. 32) conclui que

Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária.

Percebo, com isso, que o interdiscurso é da ordem do saber discursivo e que é, também, afetado pelo esquecimento e que segundo Pêcheux (1997) podemos distinguir duas formas de esquecimento que estão diretamente relacionados com a produção dos sentidos.

O esquecimento número um, chamado de esquecimento ideológico, situa-se na instância do inconsciente resultando da maneira como somos afetados pela ideologia, pois o sujeito tem a ilusão de ser a fonte do nosso dizer, de que os discursos se originam nele mesmo, quando o que acontece é que se faz a retomada inconsciente de discursos preexistentes. Nesse sentido, afirma Pêcheux (1997, p. 163) que

[...] o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob a dupla forma, [...] enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (Grifos do autor)

Quanto ao esquecimento número dois, ele é da ordem da enunciação, pois o sujeito tem a ilusão de que controla aquilo que diz, acreditando que há uma relação direta entre o pensamento a linguagem e o mundo, de maneira que ele acredita que o que ele diz só pode ser dito daquela maneira, com aquelas palavras e não com outras. No entanto, Orlandi (2015) explica que esse é um esquecimento parcial, semiconsciente, pois muitas vezes o sujeito volta-se sobre ele para lançar mão de famílias parafrásticas, no intuito de melhor explicar aquilo que diz.

Imerso na possibilidade de lançar mão dessas famílias parafrásticas, nas múltiplas possibilidades do dizer e na busca pela definição do que seria afinal o sentido, quando penso a linguagem de maneira discursiva é complicado encontrar os liames entre o mesmo e o diferente, de modo que percebo que o funcionamento da linguagem se assenta entre processos parafrásticos e os processos polissêmicos. (Orlandi, 2015)

Sendo, assim, na concepção de Pêcheux (1997) as palavras, expressões ou proposições, etc, assumem sentido frente a uma dada formação discursiva em que estão inseridas, negando-se assim, a imanência de sentido presa na sua literalidade. Logo, ao transitarem de uma formação discursiva a outra, essas mesmas palavras podem assumir sentidos diferentes, contudo, palavras e expressões podem ter sentidos iguais em uma formação discursiva ao passarem por um processo de paráfrase, de sinônima, de substituição, etc.

De maneira mais clara, entendo os processos parafrásticos e polissêmicos como

Aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processo de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2015, p. 34)

Posso concluir, então, que

a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. (ORLANDI, 2015, p. 36)

Por fim, entendo que ao se conceber o discurso como um acontecimento da linguagem, que se constitui por questões de cunho linguístico, histórico, social, ideológico, sujeitudoinal e psicológico, percebo que o interdiscurso, sendo um discurso já-dito, se dá por meio da memória, visto que ela fala antes, em outro lugar numa relação de independência, que retorna sob a forma de um pré-construído, de um já-dito que se sustenta na base do dizível afetando diretamente os dizeres e como o sujeito significa em dada discursividade.

Tendo como mirante teórico a percepção de interdiscurso como pré-construído e que é desvelado por meio da memória discursiva, consigo ler as inúmeras formações discursivas e ideológicas nas quais os sujeitos, que permeiam a discursividade de *Os miseráveis*, se situam no momento de sua enunciação. Vide exemplo da posição discursiva ocupada pelo sujeito discursivo Victor Hugo ou, em rota de oposição, a posição ocupada pelo sujeito discursivo que cristaliza a ideologia da sociedade francesa frente ao interdiscurso jurídico-punitivo, desvelado no furto famélico cometido pelo sujeito discursivo Jean Valjean.

De posse, desse aporte teórico, serei capaz de perceber na relação parafrástica e polissêmica os efeitos de sentido que emergirão do interdiscurso (discurso jurídico) que entrecruza a discursividade literária de *Os miseráveis*, mas para tanto, passarei a abordar alguns conceitos-chave que me são muito caros e que são próprios da formação discursiva do direito, bem como das condições de produção do discurso jurídico no acontecimento da discursividade de *Os miseráveis*.

**CAPÍTULO 2**  
**DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO JURÍDICO E**  
**LITERÁRIO EM *OS MISERÁVEIS***

## CAPÍTULO 2

### DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO JURÍDICO E LITERÁRIO EM *OS MISERÁVEIS*

“As leis não bastam. Os lírios não nascem das leis.”

(ANDRADE, 1945, P. 26-27)

#### 2.1 Historicidade e implicações do Direito Penal na França hugoana

Ao se fazer um retrocesso temporal até a segunda metade do século XVIII percebo que, com o surgimento da revolução industrial houve a gênese da mudança do sistema feudal para o capitalista. Cai a relação de subordinação do servo ao seu senhor, tendo a terra como fator determinante dessa relação cedendo lugar ao capitalismo. Com a burguesia em emergência, a nobreza em processo de decadência necessitou de se conformar com essa ilegítima aliança, afinal, eram os burgueses que nesse momento histórico detinham o capital. A produção que era agrícola passa a ser manufatureira, e o senhor feudal dá espaço para uma nova figura, os proprietários dos bens de produção. (CAPEZ, 2005)

Com a migração para os centros urbanos e com a lei da oferta e da demanda, tem-se a gênese de uma nova relação:

de um lado, o homem formalmente (e apenas formalmente livre) livre, que tinha sua força de trabalho para oferecer, e, do outro, o dono do capital, o qual sabedor da oferta mão-de-obra proporcionada pelo êxodo rural decorrente do fim do feudalismo, oferecia como contraprestação pelo trabalho apenas o mínimo para a subsistência. Os proprietários dos bens de produção possuíam uma ganância proporcionalmente muito superior ao preço do capital, pois, como se aproveitavam da necessidade dos que ofereciam a mão-de-obra passaram a acumular mais capital, que, reinvestindo em novos bens de produção, aumentava a demanda de trabalho e reduzia a oferta. (CAPEZ, 2005, p. 4).

Diante desse processo, a população que se concentrou na cidade, não sendo mais controlada pelas rédeas dos senhores feudais e, em decorrência, da distância que agora possuíam de suas raízes do campo, passa a se tornar perigosa, pois diante da sua situação de miserabilidade não tinham nada a perder. Essa situação de miserabilidade, associada à violência, aumenta os crimes, tornando-se necessário um controle social exemplar, que nesse quadro social era exercido pelo direito penal. (ZAFFARONI; PEIRANGELLI, 1997)

Diante dessa realidade, como mecanismo de proteção desse novo sistema, há o aporte nas teorias contratualistas de Rousseau, que a despeito de num primeiro momento transparecerem uma ideologia de limitação ao abuso do poder estatal, foram, por essa razão, extremamente úteis para a ascendente burguesia. Essas teorias traziam a premissa de que o homem, ao celebrar o contrato com a sociedade, tinha como objetivo viver em segurança, no caso da convivência social, guiado por um rol de normas objetivas e genéricas, logo, para isso era preciso sacrificar direitos que teria vivendo isoladamente. (CAPEZ, 2005)

Com efeito, a constituição do contrato social teve importante relevância para que freios fossem estabelecidos a um poder absoluto da classe então dominante, esbarrando o arbítrio da nobreza com as limitações prescritas pelo jusnaturalismo e pelas garantias mínimas dos direitos humanos. (CAPEZ, 2005)

Surgindo, então, o capitalismo, as premissas trazidas pelo contratualismo têm suas bases adaptadas para servir a burguesia, de maneira que o direito penal que outrora servia para controlar os servos que eram explorados pelos senhores feudais, tem uma nova função: conter as massas insatisfeitas com as disparidades oriundas do capitalismo. Essa contenção protegeria a nova camada social privilegiada e suas relações de comércio. (CAPEZ, 2005).

Em meio a esse caos social, começa-se a propugnar penas justas e igualitárias, enquanto convivia-se com um sistema injusto sem justiça distributiva. Diante desse cenário social, justifica-se a reação de alguns pensadores da época que se agrupam, tendo como pilar de seus pensamentos a razão e a humanidade, dando a gênese ao século das luzes.

A lei que estava em vigor tinha como parâmetro ideias e procedimentos extremamente cruéis que priorizavam os castigos corporais e as penas capitais. Os juízes, ancorando-se no arbítrio que possuíam, faziam do direito um mecanismo de privilegiar e julgar os homens dada à condição social de cada um. A pena tanto era cruel que os mais renomados criminalistas da época defendiam procedimentos e instituições que respondessem à dureza de um rigoroso sistema repressivo. (BITENCOURT, 2015)

Defronte a essa barbárie é que na segunda metade do século XVIII as correntes iluministas e humanitárias da qual Voltaire, Montesquieu e Rousseau faziam parte começaram a fazer críticas austeras aos excessos que imperavam na legislação penal. No ponto de vista deles, a culminância da pena deveria estar relacionada proporcionalmente ao crime cometido, levando-se em consideração as circunstâncias pessoais daquele que cometia o delito, a intencionalidade por trás da ação, mas, sobretudo, que essa pena fosse menos cruel para o corpo do apenado. (BITENCOURT, 2015)

O apogeu desses ideais iluministas se deu na Revolução Francesa, influenciada por um rol de pessoas que comungavam de um sentimento em comum: a reforma do sistema punitivo. Nesse sentido, Bitencourt (2015, p. 82) mostra que

O iluminismo, aliás, foi uma concepção filosófica que se caracterizou por ampliar o domínio da razão a todas as áreas do conhecimento humano. O iluminismo representou uma tomada de posição cultural e espiritual de parte significativa da sociedade da época, que tinha como objetivo a difusão do uso da razão na orientação do progresso da vida em todos os seus aspectos.

Assim, no que concernia à filosofia, destacavam-se Voltarei, Montesquieu, Rousseau, entre outros. É necessário ressaltar que em consonância como esse movimento ideológico, mas voltado para a esfera político-criminal merecem destaque, dada sua importância, Beccaria, Howard e Bentham, acompanhados de Montesinos, Ladirzábal e Concepción Arenal. (BINTENCOURT, 2015). Porém, para efeito de um maior aprofundamento nas inovações teóricas desses pensadores, dada a significativa relevância do Marquês de Beccaria, me deterei a falar apenas de suas filiações teóricas e dos postulados que nasceram a partir dessa interpelação.

É nesse contexto intelectual que Cesar Bonessana, Marquês de Beccaria (Milão, 1738-1794) por influência dos filósofos Montesquieu, Voltaire, Rousseau e Locke publica em 1764 seu livro que traria uma nova maneira de visualizar as ciências criminais: *Dei Delitte e delle Pene*<sup>7</sup>. Essa obra marca de forma significativa o direito penal, sendo definitivamente a gênese do Direito penal Moderno, da Escola Clássica de Criminologia e da Escola Clássica de Direito Penal. (SAINZ CANTERO apud BITENCOURT, 2015)

Apesar da visível evolução em matéria de aplicação de penas, a proposta de Beccaria deve ser percebida dentro de um contexto cultural prevalecente em todos os campos do saber vigente à época. Seu constructo trata-se de uma associação do contratualismo com o utilitarismo. Sua grande importância se dá, também, pela maneira clara e objetiva como problematizou a questão do sistema penal de sua época. Com um discurso ao grande público conseguiu por meio da sua retórica levar os práticos do direito penal a reclamarem aos legisladores que urgia uma reforma quanto à norma penal. (BITENCOURT, 2015)

Beccaria traz um sistema criminal que deveria substituir o desumano, impreciso, confuso e abusivo sistema criminal anterior. As sugestões trazidas eram aprovadas pela opinião pública e isso desvelava que a Europa já estava preparada para receber a mensagem

---

<sup>7</sup> Dos delitos e das penas



do livro em 1974. Em “Dos delitos e das penas” há a menção explícita do “Contrato Social” (o utilitarismo) no seu capítulo de introdução, o que ratifica a inscrição de Beccaria na proposta teórica de Rousseau. Historicamente, essa teoria traz um marco ideológico que garante a proteção da burguesia nascente, haja vista o fato da insistência na recompensa da atividade proveitosa e no castigo da prejudicial. (BITENCOURT, 2015)

Há na sua proposta teórica uma percepção utilitarista da pena, de maneira que ela deveria ter um exemplo para o futuro e não uma vingança pelo passado, perpetuando a máxima de que “é melhor prevenir delitos que castigá-los.” Defendia, sobretudo, a proporcionalidade da pena e sua humanização, insistindo que a prisão tem um sentido punitivo sim, mas há uma finalidade reformadora da pena privativa de liberdade. (BITENCOURT, 2015)

Exemplo que poderia ser facilmente descrito nessa proposta de Beccaria é a situação de Jean Valjean em *Os miseráveis*, no que diz respeito a pena por roubo, este jurista e filósofo propõe que

Um roubo praticado sem o uso de violência apenas deveria ser punido com uma pena em dinheiro. É justo que aquele que rouba o bem de outrem, seja despojado do seu.

Contudo, se o roubo é comumente o crime da miséria e da aflição, se esse crime apenas é praticado por essa classe de homens infelizes, para os quais o direito de propriedade (direito terrível e talvez desnecessário) apenas deixou a vida como único bem as penas em dinheiro contribuirão tão somente para aumentar os roubos, fazendo crescer os números dos mendigos, tirando o pão a uma família inocente para dá-lo a um rico, talvez criminoso.

A pena mais apropriada ao roubo será, portanto, essa espécie de escravidão, a única que pode ser chamada de justa, isto é, a escravidão temporária, que dá a sociedade domínio total sobre a pessoa e sobre o trabalho do culpado para fazê-lo pagar, por essa dependência o dano que causou e a violação do pacto social. (BECCARIA, 2014, p. 74,)

Há nessa proposta, bem como em todas as outras que envolvam os crimes mais comuns à época, como injúrias, contrabando, os crimes de lesa-majestade, dentre outros, uma preocupação vital da aplicação das penas degradantes em matéria de dignidade da pessoa humana dos apenados. Beccaria estava à frente de sua época ao perceber que a pena deveria ter uma função de caráter preventivo especial, ele percebia o caráter educativo que a pena deveria ter, afinal era melhor prevenir delitos que castigá-los e sempre proporcional ao crime praticado, ou, conforme suas palavras:

De tudo, o que acaba de ser exposto pode-se deduzir um teorema geral de muitas utilidades, porém, pouco conforme ao uso, que é o legislador comum dos países.

É que, para não ser um ato de violência contra o cidadão, a pena deve ser, de modo essencial, pública, pronta, necessária, a menos das penas aplicáveis nas circunstâncias referidas, proporcionada ao delito e determinada pela lei. (BECCARIA, 2015, p. 99)

No entanto, a despeito do entendimento percebido até mesmo à época da enunciação da discursividade de *Os miseráveis* compreender o ilícito penal praticado por Jean Valjean como roubo, me baseio em um conceito moderno do direito penal para me referir à sua prática, pois compreendemos que apesar de Victor Hugo não enunciar a ação do personagem Jean Valjean como furto famélico, ele acaba por se inscrever ideologicamente nesse lugar discurso cujo entendimento é de que o estado de necessidade exclui a ilicitude do ato. Nesse sentido,

A palavra famélico traduz, segundo o vernáculo, a situação daquele que tem fome, que está faminto. [...] Em tese, o fato praticado pelo agente seria típico. Entretanto a ilicitude seria afastada em virtude da existência do chamado estado de necessidade. [...] o furto famélico amolda-se às condições necessárias ao reconhecimento do estado de necessidade, uma vez que, de um lado, podemos visualizar o patrimônio da vítima e, do outro, a vida ou a saúde do agente, que corre risco em virtude da ausência de alimentação necessária para a sua subsistência. (GRECO, 2013, p. 18)

Vi então, que a necessidade do agente ativo desse fato típico de saciar sua fome ou de sua família, vide ato cometido por Jean Valjean, deve ser o fato motivador do cometimento do furto famélico.

Com base na exposição das condições de produção do discurso jurídico na França hugoana, abre-se, também, a necessidade de expor os fatores extralinguísticos que possuem direta ligação com a constituição do discurso literário em *Os miseráveis*.

## 2.2 Da historicidade das funções da pena

Outra questão ainda relevante, no que concerne ao discurso Jurídico é compreender a historicidade das funções da pena. Assim, fiz um levante histórico até chegar a teoria da prevenção social, que é a que diz respeito ao momento das condições de produção da discursividade de *Os miseráveis*.

Inicialmente a pena foi vista como mecanismo de fazer com que o condenado tivesse uma retribuição pelo mal causado, nesse sentido, havia as teorias absolutas ou retributiva das penas.

Pelo prisma dessa teoria, influenciada pelo discurso teológico que era regida pelo direito divino, cujo estado era confundido com a figura do soberano, haja vista ele ter sido escolhido por Deus, era imposto castigo às condutas imorais ou a pecados praticados que afrontassem a igreja ou ao estado na figura de seu soberano, a este castigo dava-se o nome de *poena*, cuja etimologia latina denota castigo, expiação ou suplício. (Bittencourt, 2015)

Ainda sobre a pena, na ótica das teorias absolutas ou retributivas, Bittencourt (2015, p. 68) aduz que “segundo esse esquema retribucionista, é atribuída à pena, exclusivamente a difícil incumbência de realizar justiça. A pena tem como fim fazer justiça, mais nada.”

Kant e Hegel defendiam que essa teoria possuía uma base filosófica de cunho ético e moral. (Bittencourt, 2015)

Outra base teórica é a da teoria relativa ou preventiva da pena, nessa corrente via-se na pena a necessidade de evitar-se a prática de delitos. Logo, a pena tinha um visível caráter de prevenção.

Assim, consoante Hireche (2004, p. 22)

Superadas as teorias absolutas, compete, agora fazer o estudo das chamadas teorias relativas, que busca uma finalidade para a pena, razão pela qual esta deixa de ser um fim em si mesma, passando a ser vista como algo instrumental; passa a ser um meio de combate à ocorrência e reincidência dos crimes. É notadamente uma perspectiva utilitária.

Essa corrente, portanto, trata a pena como de caráter preventivo à prática do delito. Dessa forma, a intenção da pena seria obstar a realização de novos delitos. Dentro dessa corrente teórica temos a divisão dela em preventiva geral e preventiva especial. (MORAES, 2013)

A preventiva geral traz um caráter ameaçador, segundo Suxberguer (2006, p. 116)

A teoria da prevenção geral ou cai na utilização do medo como forma de controle social, com o qual se chega num Estado de terror e na transformação dos indivíduos em animais, ou na suposição de uma racionalidade absoluta do homem no juízo de ponderação entre as condutas que poderá eleger, na sua capacidade de motivação, tão ficcional como a ideia de livre arbítrio, ou, por último, cai na teoria do bem social ou da utilidade pública, que tão-somente acoberta os interesses em jogo: uma

determinada socialização das condições e dos conflitos de uma democracia imperfeita.

Defronte a essa percepção, tenho, então, a divisão da teoria prevenção geral em negativa e positiva. Aquela se dá na intimidação da sociedade por meio de aplicação de sanções contidas nas normas incriminadoras, essa relaciona-se com a manutenção da fidelidade jurídica dos cidadãos e opera de diversas formas. (MORAES, 2013)

Ne sentido, sobre o caráter negativo da prevenção geral, Zaffaroni e Batista (2003, p. 117) aclaram que “a criminalização assumiria uma função utilitária, livre de toda consideração ética e, por conseguinte, sua medida deveria ser a necessária para intimidar aqueles que possam sentir tentação de cometer delitos”.

Quanto ao caráter positivo Zaffaroni e Batista (2003, p. 122) também comenta que

A partir da *realidade social*, essa teoria se sustenta em mais dados reais que a anterior. Segundo ela, uma pessoa seria criminalizada porque com isso a opinião pública é normalizada ou renormalizada, dado ser importante o consenso que sustenta o sistema social. Como os crimes de “Colarinho Branco” não alteram o consenso enquanto não forem percebidos como conflitos delituosos, sua criminalização não teria sentido. Na prática, tratar-se-ia de uma ilusão que se mantém porque a opinião pública a sustenta, e convém continuar sustentando-a e reforçando-a porque com ela o sistema penal se mantém: ou seja, o poder a alimenta para ser por ela alimentado. (Grifo do autor)

Logo, para essa teoria, a pena tem um caráter que seria capaz de reestruturar o sistema, de modo que há uniformidade na concordância da comunidade social, pois essa depende dessa crença de que a pena com suas consequências severas é que garante o equilíbrio social, independentemente de quem cometa o crime.

No que concerne a teoria da prevenção Especial, que é a teoria que tem importante relevância para a produção de sentido dos enunciados recortados, tem-se que ela é direcionada ao indivíduo com o intuito de que ele não volte a cometer atos criminosos, medindo a pena por atos preventivos especiais, cuja intenção é a reeducação e ressocialização do sujeito ativo do crime. Essa teoria, ainda traz um caráter educativo, pois também serviria como exemplo para que os demais não cometam crimes ao vislumbrarem as consequências legais da prática criminosa. (MORAES, 2013)

Consoante Suxberger (2006, p.112)

Os defensores da abordagem preventivo-especial preferem a idéia de “medidas”, em lugar de penas. A pena pressupõe a liberdade ou a capacidade

racional do delinqüente, de modo a considerar um critério de igualdade geral; já a medida, ao contrário, parte da idéia de que o criminoso é um sujeito perigoso, diferente do normal, e que há de ser tratado consoante suas peculiares características perigosas. O castigo e a intimidação perdem, assim, sentido, porquanto a incidência da sanção penal volta-se a corrigir ou reabilitar o delinqüente, sempre que seja possível, ou então a afastá-lo para torná-lo inofensivo. (Grifo do autor)

Percebe-se, então que a teoria da prevenção especial age sobre o indivíduo que já cometeu algum crime, de modo que ele não volte a cometê-lo. Assim, essa teoria, orbita em torno de três diferentes premissas: através da intimidação pessoal do condenado, da sua neutralização, decorrente da segregação compulsória e, afinal, da sua ressocialização ou reintegração social. (Suxberger, 2006).

Assim, quando penso nas condições de produção do discurso jurídico em *Os miseráveis*, uma questão que me é muito cara para essa pesquisa, no que tange aos efeitos de sentido que emergiram dos enunciados recortados, é o caráter da pena à época daquele acontecimento discursivo. Afinal, teria a pena um caráter de prevenção especial?

Findada essa discussão, passo, então, a falar da constituição do discurso literário em *Os miseráveis*.

### **2.3 Da Constituição do discurso literário em *Os miseráveis***

Como já demonstrado, a ascensão da burguesia europeia teve seu início com o Mercantilismo nos séculos XVI e XVII, passando pela Revolução Inglesa, de 1688, pela independência Americana de 1776 e chegando ao seu ápice com a Revolução Francesa de 1789.

Esses fatos históricos tiveram grande influência na literatura, primeiro com a Declaração de Direito dos Homens. Gonzaga (2004, p. 95) traz que o artigo 11 dessa declaração dispunha que “A livre comunicação dos pensamentos e opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente.” Assim, todo francês, a partir daquele momento tinha real potencialidade para ser escritor. As bastilhas acadêmicas ruíram e a aventura da palavra escrita teve sua gênese. (GONZAGA, 2004).

Assim, como reflexo da revolução, todo cidadão teve uma entrada acessível na leitura, mesmo porque era necessário conhecer as proclamações do novo regime. Nesse contexto sócio-histórico há o surgimento de um novo público leitor, numeroso e heterogêneo,

nada identificando com a arte neoclássica da aristocracia cortesã. Esse público consumia livros em larga escala (GONZAGA, 2004). Exemplo dessa situação é a primeira publicação de *Os miseráveis* em 1862, que após intensa divulgação, feita em três meses de antecedência, teve uma venda enorme em questão de dias. Na época de sua primeira publicação, apenas a primeira parte do livro (Fantine) foi publicada. (CHAUVIN, 2014).

*Os miseráveis* talvez seja uma das construções narrativas mais extensas e populares do Ocidente, isso quando se foca as publicações do seu tempo. O romance estrutura-se em cinco partes, quais sejam: *Fantine*, a primeira; *Cossette*, a segunda; *Marius*, a terceira, contendo oito livros<sup>8</sup> cada uma delas. *S. Diniz*, a quarta, possuindo quinze livros; e *Jean Valjean*, a última parte, apresentando nove capítulos. (CHAUVIN, 2014)

Como propósito didático, essa organização, certamente aproximou ainda mais os leitores de sua obra. É importante destacar que no que dizia respeito à linguagem utilizada no romance, em vários momentos a obra possui a real aproximação de um franco lirismo, tipicamente romântico. Tanto o é que a linguagem de Victor Hugo desvela certo contraste com o formato clássico do próprio gênero do qual o romance estava inserido. Contudo, o drama vivido por Jean Valjean desfaz qualquer confusão entre forma, expressão e conteúdo. (CHAUVIN, 2015). Tanto o é que,

Um sinal disso está no fato do enredo não se restringir ao caráter exclusivamente romanesco. Em determinados capítulos parecemos tomar contato com um autêntico tratado sobre os vícios e virtudes, contabilizados por personagens enigmáticos, sob a voz de um narrador onisciente, que de tudo e todos sabe: tanto dos indivíduos quanto do contexto social que o cerca. (CHAUVIN, 2015, p. 23)

Torna-se evidente, que por ter sido escrito em um largo período de tempo a obra acaba por se tornar um verdadeiro manual de história do cotidiano. Nessa perspectiva, o enredo, a despeito de apresentar uma linguagem acessível a todos, também desvela inúmeras marcas do quão erudito Victor Hugo fora. Imerso numa variedade de cores, lugares, situações e personagens, a escrita hugona transita entre o histórico e o ficcional, levando o leitor a estar diante de um romance tradicional de matiz épica, mas também diante de cenas cândidas, aderentes ao lirismo romântico. (CHAUVIN, 2014, p.23)

---

<sup>8</sup> “O termo livro é uma denominação de teor clássico, vinculado originalmente, aos tratados de Retórica, Filosofia, História, matemática e Ciências, legados pelos pensadores greco-latinos da antiguidade.” (CHAUVIN, 2014, p. 22). Como o conjunto de livros foi publicado em partes, faz-se necessária a explicação do uso da terminologia. Outro exemplo, para melhorar a compreensão, é a bíblia católica que é agrupada de maneira similar.

É preciso ressaltar, ainda, que há momentos da obra em que o sujeito discursivo toma para si a máscara de historiador, dirigindo-se ao leitor empírico, o que coopera para uma sobreposição de papéis como se a intenção da obra fosse ultrapassar o plano da narração. Deixando no leitor os questionamentos: Seria uma pura ficção? O sujeito discursivo de Victor Hugo estaria falando diretamente com o seu leitor? (CHAUVIN, p. 24)

Tal escolha de construção narrativa leva o leitor a se inscrever discursivamente no ponto de vista trazido pelo sujeito discursivo, despertando um sentimento de benevolência às classes menos favorecidas, permeadas por criaturas dramáticas que a constituem. Fundamentando essa premissa, na ótica de Chauvin (2014, p. 25) “O romance parece traduzir o apelo autoral da esfera empírica para o plano de ficção. Estaria perante uma demanda de Victor Hugo para que atentasse para a miséria dos homens, naquele momento histórico?”

Diante de tal situação, presume que

Tendo em vista o caráter moralizante e didático do livro; considerando-se a característica híbrida desta obra, a oscilar entre a ficção e a realidade de um determinado tempo e espaço, a literatura revela-se, como poucas vezes, uma possibilidade edificante. Sob esse aspecto, não se trata de ler meramente para passar o tempo, mas para municiarmos a nós mesmos, sob o respaldo do ingrediente romanesco. (CHAUVIN, 2014, p. 25)

Findada essas ponderações quanto às condições de produção do discurso jurídico e literário, passo a discutir as questões metodológicas que possibilitarão um gesto de interpretação sobre a interdiscursividade presente nos enunciados operadores recortados.

### **CAPÍTULO 3**

## **INTERDISCURSIVIDADE JURÍDICO-PUNITIVA EM *OS MISERÁVEIS***



## CAPÍTULO 3

### INTERDISCURSIVIDADE JURÍDICO-PUNITIVA EM *OS MISERÁVEIS*

#### 3.1 Considerações metodológicas para uma análise do discurso enfocando a interdiscursividade de uma enunciação

A presente investigação se trata de uma pesquisa de natureza analítico-descritiva e interpretativista, partindo da análise de recortes de enunciados-operadores que compõem a discursividade da obra e desvelam a interdiscursividade advinda da sentença do crime de furto famélico.

A escolha dos recortes se deu pautado na leitura sobre os sentidos produzidos quanto à interdiscursividade posta em evidência presente na enunciação do sujeito discursivo de Jean Valjean, bem como a interdiscursividade pelo prisma do sujeito discursivo de Victor Hugo. Analiso, também, a percepção de sentidos posta no interdiscurso social, e por fim, os sentidos produzidos no interdiscurso presente na enunciação sobre Pai/Senhor/prefeito Madeleine.

Deve-se ratificar que as condições de produções que envolveram a produção da obra *Os miseráveis* de Victor Hugo, quais sejam o latente estado de miserabilidade do estado francês, bem como as reflexões propostas pelo Marquês de Beccaria, influenciado por filósofos iluministas, tais como Montesquieu, Voltaire, Rousseau e Locke, quanto a real função da pena e o *status* do direito penal à época. Esses elementos são de fundamental importância para que se desvelem os efeitos de sentidos que emergem dos enunciados-operadores recortados. Diante de tal consideração, convém ressaltar a relevância de

tomar as condições de produção e um dado discurso e dispô-las no crivo dos sentidos num determinado processo enunciativo em que foram configuradas. É preciso pontuar que essas condições de produção são fundadas em um contexto histórico-social, portanto, portadoras de uma causalidade que as atribui o status de acontecimento. (SANTOS, 2004, p. 112)

Assim, a ordem de análise passa ser o da “causalidade”, de maneira que ao analisar me vejo na condição de interpelar as possíveis significações dos discursos, seguindo o percurso de construção/atribuição/deslocamento dos sentidos.

Desta feita, é importante explicar, conforme Foucault (1995) *apud* Fernandes e Santos (2008) que

O enunciado se distingue de frase, proposição, ato de fala, porque: a) está no plano do discurso; b) não está submetido a uma estrutura linguística canônica (não se encontra o enunciado encontrando-se os constituintes da frase); c) não se trata do ato material (falar e/ou escrever), nem da intenção do indivíduo que o realiza, nem do resultado alcançado: “trata-se da operação efetuada [...] pelo que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado. (FERNANDES e SANTOS, 2008, p. 281)

Logo, se me ancoro na noção de discurso posta por Foucault (1995) tido como um conjunto de enunciados oriundos de uma mesma formação discursiva devo questionar, como propõe o autor na própria noção de discurso quando menciona suas regras de formação e, por conseguinte, interroga sobre a emergência do significado, comparado por Foucault (1995) como um grão que insurge na superfície de um tecido de que é constitutivo, como um átomo discursivo (FERNANDES e SANTOS, 2008, p. 281).

Já no que concerne à relação estabelecida entre o sujeito e o enunciado, sempre haverá um sujeito e uma instância produtora, pois

no enunciado há uma posição-sujeito, ou uma função que pode ser exercida por vários sujeitos. A análise do enunciado na Análise do Discurso deve investigar qual é essa posição sujeito, que se inscreve na história à existência do enunciado, a produção de sentidos vincula-se à memória e reatualiza outros enunciados. (FERNANDES e SANTOS, 2008, p. 282)

Vale lembrar que o que tomo aqui como memória é apresentada por Pêcheux (1999, p 52) como “aquilo que face a um texto que surge a ler, vem reestabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita.” (Grifos do autor). Assim, “O passado quando retomado apresenta-se como condição para ler o presente.” (FERNANDES e SANTOS, 2008. P. 280).

Isso posto me leva, então, ao entendimento que “[...] todo discurso é atravessado por uma memória manifesta pelo retorno de acontecimentos e enunciados de um mundo sociocultural passado sob novas condições sócio-histórico-ideológicas” (FERNANDES e

SANTOS, 2008. P. 280). Isso é de extrema relevância quando nos propomos a um gesto de interpretação sobre os enunciados-operadores mobilizados. Digo isso, dado ao fato de que o pré-construído/memória emerge pelos poros da discursividade de cada sujeito enunciator, desvelando, assim, o interdiscurso que é constitutivo da discursividade da obra de Victor Hugo como um todo.

De posse disso, busco desvelar a disposição distintiva de regularidades discursivas, construindo daí matrizes divididas em duas instâncias: uma macro-instância, cujos discursos seriam situados em sua conjuntura enunciativa e, também uma micro-instância, que teria como objetivo a focalização de potências de significações dos sentidos no interior de uma manifestação discursiva. (SANTOS, 2004, P. 113)

Ainda sobre esse método de análise, na perspectiva de Santos (2004, p. 113)

Essas macro-instância partiriam da perspectiva de uma explicação das condições de produção de uma determinada manifestação discursiva. Tal explicitação envolveria: i) uma descrição das características históricas; ii) uma percepção do cenário social; iii) uma interpretação do lugar dos sujeitos nesse cenário; iv) um esboço da situação enunciativa instaurada; v) uma projeção de sentidos produzidos nessa conjuntura enunciativa.

Assim, obtenho, nessas regularidades discursivas, o mapeamento de ocorrências discursivas por meio do conjunto de enunciados que passaram a constituir unidades de análise de comportamentos subjetivos ou de conjunturas sentidurais.

Entendo por regularidades discursivas, aqui,

As evidências significativas observadas na conjuntura enunciativa da manifestação discursiva em estudo. Essas evidências aparecem como elementos de recorrência, de idiosincrasias enunciativas, ou ainda, de efeito provocado pela natureza de organização dos sentidos da enunciação. É por meio dessas regularidades que se emoldura com mais clareza o tópico em investigação pelo analista, corroborando assim com as projeções determinantes advindas dos objetivos, hipóteses e questões de pesquisa. (SANTOS, 2004, p. 114)

As matrizes construídas para a evidência dessas regularidades são um mapeamento de suas ocorrências no todo do *corpus*, e visaram uma organização distintiva da conjuntura discursiva da enunciação em análise. De posse dessa síntese matricial que se constituiu de sequências discursivas, recortadas da conjuntura de enunciados-operadores em estudo, insurge a micro-análise. (SANTOS, 2004). Essas

Sequências recortadas representam conjuntos de enunciados, recortados do escopo da manifestação em estudo, que sinalizam uma evidência por recorrência, particularidade ou efeito, e passam a constituir unidade-base de análise de comportamento ou de conjunturas sentidurais. (SANTOS, 2004, P. 114)

Sendo, assim, construí uma matriz geral que contém todas as sequências discursivas e os respectivos enunciados operadores que constitui a interdiscursividade jurídico-punitiva em *Os miseráveis*. Por conseguinte, dessa matriz mãe, construí quatro outras matrizes que apresentam as regularidades da interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés de Jean Valjean, pelo viés de Victor Hugo, pelo viés da sociedade francesa e, uma última, matriz cuja interdiscursividade jurídico-punitiva se deu sobre o Pai/Senhor/prefeito Madeleine.

Vale esclarecer que essas matrizes foram compostas por quatro colunas, sendo a primeira delas as regularidades discursivas que se desvelam por meios das sequências discursivas (SD), presentes na primeira coluna, recortadas para análise. Dessas sequências discursivas foram recortados os enunciados operadores (E), constituído a segunda coluna, que me deram uma percepção enunciativa, compondo, assim, a terceira coluna, e, que somadas, foram capazes de me levar a uma percepção discursiva da SD analisada, sendo esse o gesto de interpretação que dá a gênese a quarta coluna.

Assim, ao me reportar a um enunciado operador utilizarei E1, E2... E25 etc, quando disser que a regularidade diz respeito aos elementos da sequência discursiva e que o enunciado-operador é um recorte da regularidade, que neste caso se referiria à interdiscursividade jurídico-punitiva utilizarei, por exemplo, E1 (SD1), E2 (SD1) etc.

Para uma melhor visualização da proposta seria essa a base da construção da matriz:

<b>Regularidade</b>	<b>Recorte</b>	<b>Percepção enunciativa</b>	<b>Percepção Discursiva</b>
<b>SD1:</b>	<b>E1:</b>	<b>E3→</b>	<b>SD1</b>

Dito isso, conclui-se, então, que esse trabalho trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativista que se realizou sobre a leitura da obra *Os miseráveis* e a feitura dos recortes de enunciados-operadores que desvelaram a interdiscursividade advinda do furto famélico cometido por Jean Valjean.

Como já mencionado, a escolha se deu a partir da obra *Os miseráveis*, de Victor Hugo, que trouxe em seu escopo relação interdiscursiva entre o literário e jurídico, abordando

questões sociais, como a pena de prisão e sua função na sociedade, bem como o preconceito social oriundo dessa pena.

### **3.2 Interdiscursividade Jurídico-punitiva pelo viés de Jean Valjean**

Como já demonstrado no capítulo metodológico dessa dissertação, a análise discursiva se dará sobre recortes da matriz geral, de modo que os recortes da matriz dizem respeito às sequências que se referem à interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés de Jean Valjean, de Victor Hugo, da sociedade francesa e sobre o Pai/Senhor/prefeito Madeleine. No interior desses recortes, estão as sequências discursivas que se referem à interdiscursividade jurídico-punitiva (também entendidas como a primeira regularidade da análise) e delas são recortados os enunciados-operadores que demarcam essa interdiscursividade, explicitando as Formações Discursivas, a Formação Ideológica, os discursos aludidos, os lugares sociais e discursivos dos sujeitos discursivos envolvidos e os sentidos produzidos.

A historicidade de Jean Valjean é perpassada pela total situação de miserabilidade da França de sua época. Recém saída de um sistema feudal e produtora de um bolsão de miséria em decorrência da Revolução Industrial, a França tinha um crescente número de miseráveis que lutavam diariamente pela sua subsistência e de sua família. Jean Valjean era mais um, um anônimo em meio a essa luta pela vida.

É nesse cenário que acaba, num rompante de desespero, tomando uma atitude que mudaria sua história e abriria as portas para a nossa análise: Jean Valjean furta/rouba um pedaço de pão para alimentar a sua família (furto famélico) e torna-se uma figura socialmente perigosa, condenado à pena de restrição de liberdade e trabalhos forçados nas Galés. Afinal, era necessário punir o homem por um crime patrimonial “tão violento”.

Após anos de reclusão total e de uma série de humilhações, trabalhos forçados e perda da dignidade de sua pessoa humana, o sujeito discursivo Jean Valjean tem sua liberdade decretada e é justamente nesse momento que começa sua saga, cuja formação discursiva e ideológica da qual se inscreve faz emergir os sentidos de uma França permeada pela repulsa a qualquer criminoso, desconsiderando se a pena aplicada ao crime seria adequada, ou não. Tal percepção é contemporânea à discussão teórica proposta pelo jurista e filósofo Beccaria.

Ao longo da análise que irá se seguir, utilizarei matrizes discursivas compostas por sequências discursivas que revelam a regularidade da percepção do sujeito discursivo de Jean Valjean sobre a interdiscursividade jurídico-punitiva que pesa sobre ele.

A primeira sequência discursiva que propusemos analisar foi a seguinte:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui! O desconhecido virou-se e respondeu brandamente: - Ah! O senhor sabe?... -Sei! - Fui mandado embora de outra hospedaria. - E o expulsam desta também. - Para onde quer que eu vá? - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi. (p. 105)	<b>E1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!	<b>E1→</b> A reprovação social se mostra no advérbio bruscamente e no comando verbal que vem no imperativo afirmativo.	<b>SD1</b> Traz o conflito vivido pelo sujeito ao perceber a repulsa social vivida por ele, isso facilmente posta no uso do advérbio “bruscamente”, haja vista a maneira rude como fora tratado pelo dono da hospedaria. Isso acaba por refletir a própria conduta de quase toda a sociedade de Digne. O grande conflito nasce no jogo antitético dos dois advérbios de modo, “bruscamente” x “brandamente”, pois a maneira branda como Jean Valjean responde ao reportar-se ao dono da caverna põe em tela sua aptidão para ser reinserido no seio social, negando o <b>status</b> de periculosidade posto pelo estado francês. Status esse reforçado na expulsão do Sujeito discursivo de Jean das duas hospedarias. Há ainda a presença da denúncia social de
	<b>E2:</b> O desconhecido virou-se e respondeu brandamente:	<b>E2→</b> O advérbio “brandamente” desvela a possibilidade de autocontrole de Jean Valjean o que contradiz a periculosidade e a repulsa social que começava a pesar sobre ele.	
	<b>E3:</b> - Ah! O senhor sabe?... - Sei!	<b>E3→</b> O uso das reticências traz o reforço de se sustentar o novo lugar discursivo construído para o sujeito discursivo, que é validado na frase afirmativa: “sei”	
	<b>E4:</b> -Fui mandando embora de outra hospedaria.	<b>E4→</b> Confirmação da construção de periculosidade voltada do sujeito discursivo.	
	<b>E5:</b> - E o expulsam desta também.	<b>E5→</b> Ratificação dessa periculosidade por meio da aceitação da representação construída.	
	<b>E6:</b> - Para onde quer que eu vá?	<b>E6→</b> Denúncia do sujeito discursivo da não aceitação	

		social quanto aos ex-apenados.	que os ex-apenados não possuíam lugar onde ancorar-se após conseguirem sua liberdade por meio do pagamento da pena, visto que o estado não possibilitava essa reinserção, nem muito menos a sociedade francesa.
	<b>E7:</b> - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi.	<b>E7→</b> Reconhecimento da impossibilidade de convívio com a sociedade civil.	

Em **E1**(SD1), “O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!”, vemos a reprovação social desvelada no advérbio de modo “bruscamente”, pois brusca era a maneira de tratamento com um cidadão que um dia fora apenado e essa era a formação ideológica (FI) na qual ele, o taverneiro, estava inscrito. Outra percepção dessa inscrição está no comando verbal “Vá embora daqui” que vem no modo verbal imperativo afirmativo. Há, ainda, no advérbio de lugar “aqui” uma metaforização da instituição social do comércio, que não seria meramente o local externo ao discurso em que a enunciação se dá, mas o uso deste dêitico acaba por simbolizar que, ainda que pagasse, não haveria ali espaço para ele.

No **E2** (SD1) “O desconhecido virou-se e respondeu brandamente”, há na utilização do advérbio de modo “brandamente”, em E1, a negativa da periculosidade financeira, como, por exemplo, furtando-o, que o sujeito discursivo Jean Valjean poderia representar para aquele ambiente comercial. A utilização desse advérbio mostra a possibilidade de autocontrole de Jean Valjean, o que contradiz o lugar discursivo (LD) na qual o dono da taverna estava inscrito: lugar de uma FI que vê na figura de um ex-apenado sinônimo de periculosidade.

Já em **E3** (SD1) “- Ah! O senhor sabe?... - Sei!”, há na enunciação pelo sujeito discursivo Jean Valjean a identificação da formação discursiva na qual o dono do comércio estava inscrito. Ao questionar se o dono da taverna tinha ciência de seu estado de ex-apenado, o sujeito discursivo Jean Valjean reconhece o LD que construíram para ele e que é reforçado por meio da utilização das reticências, pois esse sinal de pontuação vem sustentar esse LD, e que é validado na frase afirmativa: “sei”.

Ainda nesse sentido, temos em **E4** (SD1) a confirmação do LD de periculosidade sobre o sujeito discursivo do ex-detento em: “-Fui mandado embora de outra hospedaria.” Vemos nesse enunciado a reconstituição da inscrição na FI supracitada, na qual o sujeito

discursivo dono da estalagem estava inscrito, anterior à percepção de sua existência pelo sujeito discursivo Jean Valjean.

Continuando nesta sequência, temos em **E5** (SD1): “-E o expulsam desta também.” a ratificação da FI de que não há espaço social para qualquer ex-apanado/detendo/presidiário/forçado, haja vista a periculosidade posta sobre ele.

Já no **E6** (SD1) “- Para onde quer que eu vá?”, temos a materialização da dúvida do sujeito discursivo Jean Valjean de qual seria o seu lugar social e discursivo, de maneira que por meio do discurso social trazido por Beccaria de que as penas impostas à época da enunciação da discursividade de *Os miseráveis* não traziam um condão de caráter de prevenção especial, de reintegração do preso na sociedade. Consolida-se, então, a negativa da formação discursiva (FD) da instituição social do comércio quanto à figura de um ex-apanado. Esse fato é corroborado quando o dono da taberna responde ao questionamento em **E7** (SD1) “- Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi.”. No entanto, a despeito da reafirmação deste LD construído por essa FI de periculosidade, percebemos na ação do sujeito discursivo de Jean Valjean o reconhecimento da impossibilidade de seu convívio com a sociedade civil, havendo nesse momento o início de sua movência de sujeito discursivo injustiçado para se inscrever nessa FD de ex-apanado perigoso.

Em suma, *SD1* traz o conflito vivido pelo sujeito discursivo Jean Valjean ao perceber a repulsa social que pesava sobre si. Isso percebido, no uso do advérbio “bruscamente” vemos que, por meio da maneira rude como fora tratado pelo dono da hospedaria, o sujeito discursivo taverneiro acaba por refletir a própria conduta da sociedade de Digne. O grande conflito nasce no jogo antitético dos dois advérbios de modo, “bruscamente” x “brandamente”, pois a maneira branda como Jean Valjean responde ao se reportar ao dono da taberna põe em tela sua aptidão para ser reinserido no seio social, negando o *status* de perigo posto pelo estado francês sobre a figura do ex-detento. *Status* este reforçado na expulsão do sujeito discursivo Jean das duas hospedarias. Há ainda a presença da denúncia social de que os ex-apanados não possuíam lugar em que pudessem reconstruir sua vida de forma digna, após conseguirem sua liberdade por meio do pagamento da pena, visto que o estado não possibilitava essa reinserção, nem tampouco a sociedade francesa, nesta sequência materializada na figura da FD da instituição social do comércio.

O segundo recorte da matriz, que pertence à regularidade da interdiscursividade jurídico-punitiva, pelo viés de Jean Valjean, traz em seu escopo a SD2:

Regularidade	Recorte	Percepção	Percepção
--------------	---------	-----------	-----------



		<b>enunciativa</b>	<b>Discursiva</b>
<b>SD2:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite? Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos. (p. 105)	<b>E8:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite?	<b>E8→</b> Apelo ao estado francês para situação do ex-apanado e apresentação de situação que comprova a ressocialização do sujeito discursivo.	<b>SD2→</b> Apelo ao estado francês apresentado na figura metafórica da cadeia, pois fora ela, figura usurpadora da sua liberdade em outrora que, de repente, poderia restituir a sua dignidade. Esse apelo ainda é marcado pelo uso do advérbio de modo “respeitosamente” que demonstra o reconhecimento do sujeito discursivo de Jean Valjean à autoridade do estado francês, o que ratifica a tese de sua ressocialização e fortalece a da omissão do estado quanto à situação de segregação e ex-presidiários.
	<b>E9:</b> Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos.	<b>E9→</b> Denúncia do sujeito discursivo sobre a omissão do estado na resposta de uma política voltada para a reinserção social de ex-presidiários.	

No E8 (SD2) há a recorrência à instituição do estado francês para a situação do ex-apanado. Percebo na utilização do substantivo “cadeia” a presença do estado francês, isso porque esse estabelecimento de custódia vem viabilizar o exercício de um dever estatal, de maneira que representava fisicamente a busca pela manutenção da ordem social. Há na sua estrutura física, então, a imponência da coerção psicológica de que, caso não se respeitem as leis postas, aquele seria o destino para os provocadores da desordem. Há ainda nesse substantivo a simbolização do próprio direito de punir do estado.

Assim, diante da situação da sensação de completo abandono social, o sujeito discursivo Jean Valjean acaba por apelar a quem tirou dele a dignidade de cidadão francês.

Outro fator observado é a maneira respeitosa com a qual ele se dirige ao porteiro da cadeia. Evidencio isso, principalmente, no uso do advérbio de modo “respeitosamente”.

Há, nesse momento, um real reconhecimento da inscrição do sujeito discursivo no contrato social que via na figura do estado o direito legítimo de punir, tanto é que a maneira como ele se dirige ao porteiro é respeitosa, de maneira que até naquele simples funcionário configura-se a presença do estado francês, demonstrada na autoridade coercitiva daquele servidor público. Logo, diante da maneira como soube se portar ao se dirigir ao porteiro da cadeia, posso compreender que a ressocialização do sujeito discursivo Jean Valjean fora alcançada. Vide *E8* (SD2): “Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite?”

Em contrapartida, o *E9* (SD2) traz a presença da omissão do estado quando se esperava uma resposta de uma política voltada para a reinserção social de ex-presidiários. Vide *E9* (SD2) “Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos.” Essa negativa do acolhimento do sujeito discursivo de Jean Valjean mostrada em “Faça-se prender, e o receberemos” denuncia a omissão do estado quanto aos recém libertos em regimes fechados de reclusão, o estado sentia que a única obrigação que tinha era quanto ao encarceramento de pessoas que de alguma forma rompiam com o contrato social, de maneira que seria necessário restabelecer a ordem pública.

Logo, *SD2* faz emergir um concreto apelo ao estado francês representado na figura metafórica da cadeia, pois fora ela, figura usurpadora da sua liberdade em outrora e que, de repente, poderia restituir a sua dignidade. Esse apelo ainda é marcado pelo uso do advérbio de modo “respeitosamente” que demonstra o reconhecimento do sujeito discursivo de Jean Valjean à autoridade estatal, o que ratifica a tese de sua ressocialização e fortalece a da omissão do estado quanto à situação de segregação a ex-presidiários.

Outro recorte da matriz que desvela essa interdiscursividade jurídico-punitiva vem na sequência discursiva 3

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD3:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie	<b>E10:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie	<b>E10→</b> Evidencia o pavor social perpetuado na representação do ex-apanado.	<b>SD3</b> desvela a percepção da instituição social família frente a questão do ex-apanado, traz à tona toda carga de preconceito advindo da FI que

<p>de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.</p> <p>Ao ouvir as palavras do camponês: Você será o tal?... a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: Tso- maraude Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar. Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse: - Dê o fora! - Por piedade, Senhor, um copo de água. - Que tal um tiro! – disse o camponês. Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi- lo passar dois trincos. Um momento depois, a</p>	<p>de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.</p> <p><b>E11:</b> Ao ouvir as palavras do camponês: <i>Você será o tal?...</i> a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: <i>Tso- maraude</i></p> <p><b>E12:</b> Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar.</p> <p><b>E13:</b> Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse: - Dê o fora!</p> <p><b>E14:</b> - Por piedade, Senhor, um copo de água.</p>	<p></p> <p><b>E11</b>→ Traz o risco do convívio do ex- apenado para a instituição social família por meio de pré-julgamento na qual todos de Digne acabam por se inscrever, desvelado no advérbio de modo “precipitadamente”.</p> <p><b>E12</b>→ Perpetuação do pré-julgamento, visto não haver chances sequer do sujeito discursivo de Jean- Valjean tentar se explicar.</p> <p><b>E13</b>→ O substantivo comum “víbora” c orroborada com a tese de construção da periculosidade do sujeito Jean ValJean. Sendo mais um que dos venenos sociais que deveriam ser evitados.</p> <p><b>E14</b>→ Pedido de clemência à instituição</p>	<p>a essa família estava inscrita. Tal percepção já se disseminara por toda cidade de maneira preconceituosa, o que é desvelado pelo uso do advérbio “precipitadamente”. O uso do substantivo comum “víbora” padroniza a situação do ex- apneado por furto famélico como se fosse mais um criminoso em meio a um amontoado de seres venenoso para a sociedade, destituindo-lhe de identidade de uma historicidade que os constituirá antes do delito cometido. A despeito da percepção da rejeição social, o sujeito discursivo ainda suplica por clemência, mas a instituição família nega-lhe qualquer possibilidade de ajuda social, que é materializada por meio das metáforas das portas se fechando, não haveria espaço para alguém tão perigoso viver novamente no meio social.</p>
--	--	--	--

janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora. (p. 107)		“Família”, já que o estado demonstrava negligente quanto á isso.	
	<b>E15:</b> - Que tal um tiro! – disse o camponês. Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi-lo passar dois trincos. Um momento depois, a janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora.	<b>E15→</b> Confirma a inscrição, também, da instituição família, FD que tem aversão pela figura do ex-detento da figura do ex-detento.	

O *E10* (SD3) desvela a construção do lugar discursivo de que o sujeito discursivo Jean Valjean seria merecedor, a de pavor social, no entanto, essa construção não se restringe ao sujeito discursivo Jean Valjean, mas se perpetua a todo ex-apenado. A desconfiança, o pânico e a necessidade de autoproteção trazida na figura do camponês desvelam o medo social que faz emergir uma FI cuja figura do ex-apenado é associada a motivo de temor extremo. Vejamos: *E10* “O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente *exclamou com uma espécie de tremor*: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.” (Grifo meu). Assim, percebemos no substantivo “tremor” a materialização da ideologia que constitui essa formação ideológica.

O *E11*, por sua vez, apresenta o risco do convívio do ex-apenado para a instituição social família por meio de pré-julgamento na qual todos de Digne acabam por se inscrever, desvelado no advérbio de modo “precipitadamente”. Havia um prejulgamento que se alastrou por toda a cidade. O próprio substantivo “*Tso-maraude*” traz uma imagem pejorativa por traz dele, como de alguém sorrateiro, que deveria ficar extremamente atento, pois a qualquer momento outro crime poderia acontecer.

*E12* (SD5) vai ao encontro do efeito de sentido produzido por *E11*, principalmente no que diz respeito ao prejulgamento, sendo aqui perpetuado, visto não haver

chances sequer do sujeito discursivo Jean Valjean tentar explicar sua real situação. Notemos: “Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar.”

No *E13* (SD5) lê-se “Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse: - Dê o fora!”. Nesse enunciado o substantivo comum “víbora” corrobora com a tese de construção da periculosidade do sujeito Jean Valjean como sendo mais um que dos venenos sociais que deveriam ser evitados.

O *E14* (SD4) cunha o pedido de clemência do sujeito discursivo Jean Valjean à instituição social Família, já que o estado se mostrava negligente quanto a isso: “- Por piedade, Senhor, um copo de água.”

Como resposta a essa súplica, o sujeito discursivo que representa a instituição familiar enuncia:

*E15*: - Que tal um tiro! – disse o camponês.  
Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi-lo passar dois trincos. Um momento depois, a janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora. (VICTOR HUGO, 2014, p. 107)

Em *E15* tenho novamente a confirmação da inscrição, também, da instituição família, em uma formação discursiva que vê periculosidade na figura do ex-detento.

A *SD5* desvela a percepção da instituição social família frente à questão do ex-apanado, traz à tona a carga de preconceito advindo de uma FI sobre a figura do ex-detento. Tal percepção já se disseminara por toda cidade de maneira preconceituosa, o que é mostrado pelo uso do advérbio “precipitadamente”. O uso do substantivo comum “víbora” padroniza a situação do ex-apanado por furto famélico como se ele fosse mais um criminoso em meio a um amontoado de seres venenosos para a sociedade, destituindo-lhe a identidade e a historicidade que o constituía antes do delito cometido. A despeito da percepção da rejeição social, o sujeito discursivo Jean Valjean ainda suplica por clemência, mas a instituição família nega-lhe qualquer possibilidade de ajuda social, que é materializada por meio da metáfora das portas se fechando, não haveria espaço para alguém tão “perigoso” viver novamente na sociedade.

Nesse conjunto de apresentações de SDs, temos no recorte da matriz a *SD8* a inscrição do sujeito discursivo Jean Valjean nesse outro lugar discursivo que fora construído para ele. Vejamos:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD4:</b> Bem, meu nome é Jean ValJean. Era presidiário, passei dezenove anos na cadeia. Fui liberado há quatro dias e estou indo para Pontarlier que é meu destino. Quatro dias andando desde Toulon. Hoje andei doze léguas a pé. No fim da tarde, chegando a esse lugar, fui numa hospedaria, mas mandaram-me embora por causa do passaporte amarelo que eu tinha apresentado na prefeitura. Era preciso. Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me. Bati a porta da cadeia; o carcereiro não quis abrir. Entrei numa cainha de cachorro; o cão me mordeu e me expulsou como se ele fosse um homem; diriam até que ele sabia quem eu era! (p. 114)	<b>E16:</b> Bem, meu nome é Jean ValJean. Era presidiário, passei dezenove anos na cadeia.	<b>E16→</b> A história por traz do nome.	A <b>SD4</b> traz à tona a carga social negativa que vinha atrelada ao nome, destitui-se a real personalidade e constrói-se uma nova. Essa “roupagem” é inicialmente negada por Jean, quando traz seu direito de ir e vir. Aqui, tem-se na ideia de liberdade a ilusão do imbricamento da restituição da dignidade da pessoa humana de Jean ValJean, perspectiva desconstruída por meio da negação de hospedagem pelo povo de Digne. A despeito de ter uma real percepção das suas obrigações como cidadão recém liberto e de se encaixar novamente no sistema legal vigente, ao apresentar-se na prefeitura da cidade com seu passaporte amarelo, posto que caso não o quisesse, poderia fazê-lo, ele acaba por inscrever-se no lugar social que construíram para ele, movendo-se do lugar de injustiçado para o lugar de digno de toda a
	<b>E17:</b> Fui liberado há quatro dias e estou indo para Pontarlier que é meu destino. Quatro dias andando desde Toulon. Hoje andei doze léguas a pé.	<b>E17→</b> Restituição do direito de ir e vir.	
	<b>E18:</b> No fim da tarde, chegando a esse lugar, fui numa hospedaria, mas mandaram-me embora por causa do passaporte amarelo que eu tinha apresentado na prefeitura.	<b>E18→</b> Estigma social revelado na representação da figura do expredidiário.	
	<b>E19:</b> Era preciso.	<b>E19→</b> Reinserção e submissão ao sistema legislativo vigente, posto na obrigatoriedade de da apresentação do passaporte Amarelo. “Era Preciso.”	
	<b>E20:</b> Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me.	<b>E20→</b> Direito de ser reinserido socialmente cerceado, por meio do estigma que lhe é desvelada por essa FI.	
	<b>E21:</b> Entrei numa cainha de cachorro; o cão me mordeu e me expulsou como	<b>E21→</b> Personificação do animal que desvela uma percepção	

	se ele fosse um homem; diriam até que ele sabia quem eu era!	social, na qual o próprio personagem, Jean Valjean, acaba por se inscrever.	punição e condenação social sofrida.
--	--	---	--------------------------------------

Em *E16* (SD4) o sujeito discursivo faz questão de apresentar a historicidade por traz do seu nome, porém, o faz pautado somente nas quase duas décadas que passara interno: “*E16* (SD4) Bem, meu nome é Jean Valjean. Era presidiário, passei dezenove anos na cadeia”.

*E17* (SD4) há, por parte do sujeito discursivo Jean Valjean a apresentação da marca da restituição do direito de ir e vir do ex-apenado, isso fortemente entendido nos verbos “ir” e “andar”, que vai em rota de colisão com a clausura vivida por ele nos dezenove anos mostrado em *E16* (SD4), no *E17* (SD4) “Fui liberado há quatro dias e estou indo para Pontarlier que é meu destino. Quatro dias andando desde Toulon. Hoje andei doze léguas a pé.”

*E18* (SD4) mostra: “No fim da tarde, chegando a esse lugar, fui numa hospedaria, mas mandaram-me embora por causa do passaporte amarelo que eu tinha apresentado na prefeitura.” Há no *E18* um visível processo de estigmatização social e que é produzida por essa FI que traz esse sinônimo de perigo por traz da figura do ex-presidiário. A leitura dessa FI é fortemente sustentada pela utilização do passaporte amarelo, documento que trazia seus antecedentes criminais.

No entanto, o *E19* (SD4), “Era preciso”, exhibe a reinserção e submissão do sujeito discursivo Jean Valjean ao sistema legislativo vigente, posto na obrigatoriedade da apresentação do passaporte amarelo, isso claramente marcado na locução verbal: “Era preciso.” O ato de ter consciência cívica da apresentação desse passaporte amarelo vem mostrar que o sujeito discursivo Jean Valjean, a despeito da pena dura que lhe fora imposta, tinha conhecimento das possíveis sanções penais que seriam aplicadas a ele, caso não cumprisse com o disposto legal de exibição de sua ex-situação de apenado, por isso o faz quando entra em Digne.

O *E20* (SD4), expõe: “Fui à outra pousada; disseram: ‘Vá embora!’ Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me.”, a leitura que emerge do *E20* é a da requisição do direito de ser reinserido socialmente e que lhe fora cerceado por meio do estigma imposto pela formação ideológica sobre a figura do ex-presidiário.

O *E21* (SD4), por sua vez, exibe um processo de personificação do cão que, também, está inscrito na formação ideológica de periculosidade sobre o ex-apenado. E é nesse momento que o sujeito discursivo Jean Valjean acaba por se inscrever nessa FD, vivendo um processo conflituoso de negação e aceitação dessa outra condição discursiva a ele imposta, isso mostrado nas orações “diriam até que ele sabia quem eu era!”

A utilização do verbo “ser” no pretérito perfeito do indicativo traz à tona esse conflito, essa sua periculosidade é um fato passado, uma ação já concluída, Jean agora consegue se perceber como um outro homem, passível de ser reintegrado, tanto é que o dizer enunciado é “quem eu era” e não quem eu sou, ou seja, fato passado já consumado e que não se perpetua no presente. No *E21*: “Entrei numa casinha de cachorro; o cão me mordeu e me expulsou como se ele fosse um homem; diriam até que ele sabia quem eu era!”

A *SD4* desvela a carga social negativa de uma FI que vinha atrelada ao nome do sujeito discursivo Jean Valjean. Destituíram-lhe de sua real personalidade e construíram-lhe outra. Essa “roupagem” que lhe fora dada é inicialmente negada por ele, de modo que nessa FI vemos isso quando tem de volta seu direito de ir e vir. Aqui, tem-se na ideia de liberdade a ilusão do imbricamento da restituição da dignidade da pessoa humana desse sujeito discursivo, perspectiva desconstruída por meio da negação de hospedagem pelo povo de Digne. A despeito de ter uma real percepção das suas obrigações como cidadão recém liberto e de se encaixar novamente no sistema legal vigente, obedecendo às leis, ao apresentar-se na prefeitura da cidade com seu passaporte amarelo, posto que caso não o quisesse, poderia fazê-lo, ele acaba por viver um conflito em se inscrever, ou não, no lugar social que construíram para ele, movendo-se do lugar discursivo de injustiçado para o lugar de digno de punição e condenação social sofrida.

Na SD 5, vejo:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD5:</b> Olhe, não é isso, você não entendeu? Sou um presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão. (p. 114)	<b>E22</b> Olhe, não é isso, você não entendeu? Sou um presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão.	<b>E22:</b> Inscrição do sujeito discursivo Jean Valjean na FD de periculosidade social.	<b>SD5</b> traz a total movência e inserção de Jean Valjean no lugar de “ex-presidiário, condenado de maneira justa, perigoso.



Tenho na *SD5* o seguinte em *E22*: “Olhe, não é isso, você não entendeu? Sou um ex-presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão.” (VICTOR HUGO, 2014, p. 114), lê-se, assim, a movência e inserção de Jean Valjean na formação discursiva de ex-presidiário, condenado de maneira justa. O que se percebe é que, afinal ele era perigoso. Aqui ele já não vive mais o conflito de ter sido injustiçado, mas tão somente de estar pagando, não mais ao estado francês, pelo crime cometido, mas agora também à sociedade. O estigma social lhe fora imposto e agora aceito fez com que o sujeito discursivo Jean Valjean tenha tomado para si a construção discursiva de que ele era de fato perigoso e tinha, portanto, se inscrito nesse lugar discursivo e ideológico de que qualquer ex-apenado era digno de repulsa social.

Já na *SD6* percebemos um elemento discursivo que vem fomentar a concepção posta na FI e que é fomentada pelo estado francês. Vide recorte da matriz discursiva:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD6:</b> É meu passaporte. Amarelo, como veem. Serve para que me expulsem de todo lugar para onde eu vá. Querem ler? (p. 115)	<b>E23:</b> É meu passaporte. Amarelo, como veem.	<b>E23→</b> Institucionalização do estigma social que se materializa por meio da representação construída pelo próprio sistema judiciário/estado.	<b>SD6</b> Ratificação da periculosidade de Jean por meio do passaporte amarelo, instrumento basilar para a construção desse novo lugar discursivo, que é desvelado nos dizeres do estado francês e que é a gênese da segregação sofrida pelo ex-detento.
	<b>E24:</b> Serve para que me expulsem de todo lugar para onde eu vá. Querem ler?	<b>E24→</b> Percepção da FD construída por meio do passaporte amarelo.	

No *E23*(*SD6*) percebemos a cristalização do estigma social construído por essa FI e que se materializa na figura do passaporte amarelo, sendo este o responsável imediato pela construção discursiva e ideológica de periculosidade, construção essa que teve sua gênese e é fomentada pelo próprio sistema judiciário/estado.

Já em *E24* (*SD6*) lemos “Serve para que me expulsem de todo lugar para onde eu vá. Querem ler?”, aqui, percebe-se qual é a concepção ideológica e discursiva construída por meio do passaporte amarelo. Tal leitura é possível de ser compreendida por meio da frase interrogativa: “Sabem ler?”

Na *SD7* tenho a movência do sujeito discursivo Jean Valjean para a formação discursiva inicial: de injustiçado.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD7:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte: “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de ...(isso é indiferente para vocês), passou dezenove anos na prisão . Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar quatro vezes evadir-se. É um homem muito perigoso.” É isso. Todo mundo me pôs pra fora ! O senhor quer me receber, quer?	<b>E25:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte:	<b>E25</b> → Negação da FI construída.	<b>SD7</b> mostra e que negligência a existência do furto famélico cometido por Jean como surgido de um contexto de estado de necessidade, devido a total situação de miserabilidade vivida por sua família, fato presente em “isso é indiferente para vocês”. Com o apagamento do furto, apaga-se também o antigo homem com todas as nuances sociais que o acometera. Nasce, por fim, a FI do ex-presidiário merecedor de todo asco social.
	<b>E26:</b> “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de... (isso é indiferente para vocês)	<b>E26</b> → Anulação da origem socio-história , constituição da alcunha que carrega por quase toda a obra liberto, sim, mas condenado um dia.	
	<b>E27:</b> passou dezenove anos na prisão . Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar quatro vezes evadir-se.	<b>E27</b> → Apagamento do furto famélico.	
	<b>E28:</b> É um homem muito perigoso.”	<b>E28</b> → Construção de nova identidade.	
	<b>E29:</b> É isso,. Todo mundo me pôs pra fora! O senhor que me receber, quer?	<b>E29</b> → Reconhecimento da segregação.	

No *E25* (SD7) tenho a negação do sujeito discursivo de que ele esteja inscrito no lugar discursivo de que é um perigo social, mostrando novamente a crise vivida por ele, afinal ele não sabia qual era o seu lugar social. E isso é perceptível na utilização do verbo no pretérito perfeito do indicativo “puseram”, foram outras pessoas que colocaram este estigma sobre ele, na figura do passaporte amarelo, a imagem que agora recaía sobre si. Vejam: “*E1*: Escutem o que puseram no meu passaporte”.

*E26* (SD7) mostra a anulação da inscrição sócio-histórica do sujeito discursivo Jean Valjean, e a consequente constituição da alcunha que carrega por quase toda a obra: liberto, sim, mas condenado um dia.

No *E27* (SD7) temos o apagamento do furto famélico: “*E27*: passou dezenove anos na prisão. Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar quatro vezes evadir-se.” O passaporte amarelo aponta as penas imputadas, mas em momento algum traz o

contexto em que o crime se deu. Há no enunciado seguinte *E28* (SD7) a construção dessa outra identidade: “É um homem muito perigoso.”. Concluindo, no *E29* (SD7) o motivo pela qual o expulsaram: “É isso. Todo mundo me pôs pra fora! O senhor quer me receber, quer?”. Por meio desse enunciado tem-se o reconhecimento dessa segregação.

A *SD7* comprova a negligência quanto à existência do furto famélico cometido por Jean Valjean. Tal crime se dá num contexto de estado de necessidade, devido a total situação de miserabilidade vivida por sua família, essa indiferença é posta na oração: “isso é indiferente para vocês”. Com o apagamento do furto, apaga-se também o antigo homem com as nuances sociais que o constituía como tal. Sendo assim, nasce, por fim, a formação discursiva e ideológica do ex-presidiário merecedor de asco social.

Outra sequência selecionada e que vai ao encontro do até agora já desvelado, no que diz respeito aos lugares discursivos que o sujeito discursivo Jean Valjean ocupa é *SD8*.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD8:</b> Será verdade? O Senhor vai me acolher? Não vai me expulsar? Um condenado! Trata-me por senhor e não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre? Eu bem pensei que o senhor também me mandaria embora. Por isso disse logo de cara quem eu era. Oh! Bendita mulher que me mostrou sua casa. Vou comer! Vou dormir numa cama com colchão e lençóis! Como todo mundo! Uma cama! Há dezenove anos que não durmo em uma cama! Querem	<b>E30:</b> Será verdade? O Senhor vai me acolher? Não vai me expulsar? Um condenado!	<b>E30</b> → Incredulidade do sujeito discursivo frente ao primeiro contato de credibilidade quanto à sua ressocialização.	<b>SD8</b> a aceitação social de Jean Valjean por meio da instituição igreja, mas especificamente materializada na figura do bispo de Digne que demonstra essa restituição as dignidade da sua pessoas humana por meio do pronome de tratamento “Senhor”, destinado a pessoas de prestígio social, outro fator é a possibilidade de uma noite condição dignas de sono, representados na figura da cama com colchão e lençóis.
	<b>E31:</b> Trata-me por <i>senhor</i> e não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre?	<b>E31</b> → Restituição da dignidade da pessoa humana do sujeito discursivo por meio do pronome de tratamento “Senhor”, que demonstra respeito, prestígio social.	
	<b>E32:</b> Eu bem pensei que o senhor também me mandaria embora. Por isso disse logo de cara quem eu era.	<b>E32</b> → Retomada da memória discursiva do novo lugar social construída para o sujeito discursivo.	
	<b>E33:</b> Oh! Bendita mulher que me mostrou sua casa. Vou comer! Vou	<b>E33</b> → Restituição de condições dignas devidas a qualquer ser	

mesmo que eu não vá embora! São pessoas dignas! Mas eu tenho dinheiro; vou pagar bem. Desculpe, senhor, como se chama? Pagarei o que pedir. O senhor é um bom homem. É estalajadeiro, não é? (Pág. 115)	dormir numa cama com colchão e lençóis! Como todo mundo! Uma cama! Há dezenove anos que não durmo em uma cama!	humana e que lhe eram privadas como detento.	
	<b>E34:</b> Querem mesmo que eu não vá embora! São pessoas dignas! Mas eu tenho dinheiro; vou pagar bem.	<b>E34→</b> Desejo de perpetuação do tratamento humana na tentativa de comprá-lo.	

Tenho no *E30* (SD8), “Será verdade? O Senhor vai me acolher? Não vai me expulsar? Um condenado!”, a incredulidade do sujeito discursivo frente ao primeiro contato de credibilidade quanto à sua ressocialização, culminando na restituição da dignidade da sua pessoa humana por meio do pronome de tratamento “Senhor”, que demonstra respeito, prestígio social: No *E31*: “Trata-me por *senhor* e não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre?”

Por conseguinte, o *E32* (SD8) faz a retomada da memória discursiva desse outro lugar social de periculosidade financeira construído para o sujeito discursivo: No *E32*, “Eu bem pensei que o senhor também me mandaria embora. Por isso disse logo de cara quem eu era.”

No *E33* (SD8), “Oh! Bendita mulher que me mostrou sua casa. Vou comer! Vou dormir numa cama com colchão e lençóis! Como todo mundo! Uma cama! Há dezenove anos que não durmo em uma cama!”, vemos a restituição de condições dignas devidas a qualquer ser humano e que lhe eram privadas como detento, reveladas na oração “Vou dormir numa cama com colchão e lençóis! Como todo mundo!”.

Diante dessa situação, o sujeito discursivo deseja a perpetuação desse tratamento humano e intenta comprá-lo, a exemplo do que ocorre no *E34* (SD8): “Querem mesmo que eu não vá embora! São pessoas dignas! Mas eu tenho dinheiro; vou pagar bem.”

Diante da repulsão das instituições do comércio, do estado e da família, temos em *SD8* a aceitação social de Jean Valjean por meio da instituição social igreja, mas especificamente materializada na figura do bispo de Digne que demonstra essa restituição da dignidade de pessoa humana, tal percepção é materializada por meio do pronome de tratamento “Senhor”, destinado a pessoas de prestígio social. Outro fator é a possibilidade de

uma noite em condição dignas de sono, representados na figura da cama com colchão e lençóis.

Na *SD9* há o relato por parte do sujeito discursivo da situação degradante com a qual eram tratados os presidiários à época da enunciação da discursividade de *Os miseráveis* e que fora denunciada por Beccaria (2014):

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD9:</b> - Oh! A vestimenta vermelha, os pesos presos nos pés, uma tábua para dormir, o calor, o frio, o trabalho, aquele bando de condenado, as bancadas! A corrente dupla por um nada, o calabouço por uma palavra. Mesmo doente as correntes. Os cães, eles são mais felizes. Dezenove anos! E tenho quarenta e seis. E agora o passaporte amarelo. É isso. (Pág. 117)	<b>E35:</b> Oh! A vestimenta vermelha, os pesos presos nos pés, uma tábua para dormir, o calor, o frio, o trabalho, aquele bando de condenado, as bancadas! A corrente dupla por um nada, o calabouço por uma palavra. Mesmo doente as correntes.	<b>E35</b> → Narrativa do tratamento desumano sofrido na prisão.	<b>SD9</b> é uma forte denúncia social do tratamento desumano por traz da pena, há aqui a concretização de que a pena no contexto de produção da obra não tinha uma função de prevenção social, apesar de todo o posto por Beccaria (2014), mas tão somente de punir física e moralmente o condenado. E tal punição era tão extrema que todos se viam decaídos em matéria de dignidade da pessoa humana ao ponto de se sentirem menores que cães.
	<b>E36:</b> Os cães, eles são mais felizes.	<b>E36</b> → Subjugação da figura do condenado-presos, sendo menor e mais desprezível que um cão.	
	<b>E37:</b> Dezenove anos! E tenho quarenta e seis. E agora o passaporte amarelo. É isso.	<b>E37</b> → Retomada da memória discursiva dos anos de reclusão e que a despeito de ter pagado com a restrição da sua liberdade, ele traz agora uma nova condenação na figura do passaporte amarelo.	

No *E35* (*SD9*), lemos: “Oh! A vestimenta vermelha, os pesos presos nos pés, uma tábua para dormir, o calor, o frio, o trabalho, aquele bando de condenado, as bancadas! A corrente dupla por um nada, o calabouço por uma palavra. Mesmo doente às correntes.”. No

*E35* o sujeito discursivo faz uma descrição do tratamento desumano sofrido na prisão, o mesmo ocorrendo no *E36* (SD9) ao mostrar a subjugação da figura do condenado-presos, sendo menor e mais desprezível que um cão: “Os cães, eles são mais felizes.”.

No *E37* (SD9), “Dezenove anos! E tenho quarenta e seis. E agora o passaporte amarelo. É isso.”, há a retomada da memória discursiva dos anos de reclusão e que, a despeito de ter pagado com a restrição da sua liberdade, ele traz agora uma outra condenação na figura do passaporte amarelo.

Tenho na *SD9* uma forte denuncia social do tratamento desumano que existe por traz da pena. Vejo, então, o entrecruzamento das reflexões propostas pelo Marquês de Beccaria (2014) de que a pena, no contexto de enunciação da discursividade da obra, não tinha uma função de prevenção especial, apesar do posto pelo próprio Beccaria (2014), mas tão somente de punir física e moralmente o condenado. E tal punição era tão extrema que todos se viam decaídos em matéria de dignidade da pessoa humana ao ponto de se sentirem menores que cães. Além da liberdade, também foram arrancadas deles qualquer vestígio de serem chamados de humanos.

Há na interdiscursividade jurídico-punitiva desvelada pelo sujeito discursivo Jean Valjean um apontamento do lugar discursivo construído para todo e qualquer ex-presidiário à época da enunciação de *Os miseráveis*. O sujeito discursivo Jean Valjean inicia uma denúncia quanto à situação de abandono social e estatal que todo recém liberto das galés vivenciava na França napoleônica. Não bastasse a restrição de sua liberdade e a imputação e trabalhos forçados, as portas lhe eram fechadas, de maneira tal que esse sujeito discursivo acaba por se inscrever no lugar discursivo de uma formação ideológica que via na figura do ex-apanado sinônimo de perigo.

Assim, ele transita entre a formação discursiva de que a pena social a ele imposta, depois de liberto, lhe era merecida, e outras vezes se inscreve numa formação discursiva de injustiçado socialmente, não compreendendo, por vezes, qual de fato é o seu lugar social. Se de digno de toda segregação ou de cidadão francês que teria direito a uma segunda chance.

Entendo, portanto, que era este conflito que todo ex-detento vivia na França hugoana: afinal, qual seria o seu lugar depois de devolvido à sociedade?

### **3.3 Interdiscursividade Jurídico-punitiva pelo viés de Victor Hugo**

Regularidades que também saltaram aos olhos, no momento da análise, advém dos efeitos de sentidos produzidos na discursividades de Victor Hugo ao enunciar *Os*

*miseráveis*. Há em inúmeros momentos da obra situações em que podemos ouvir a voz do autor se manifestando frente à situação de inúmeros “Jeans” que se faziam presente na figura dessa personagem fictícia. Não seria meramente um personagem fruto de sua imaginação.

Assim, nessa linha me proponho a analisar uma gama de recortes da matriz discursiva que deixa entrever a percepção do próprio Victor Hugo sobre o caso de Jean Valjean.

Inicialmente, tenho a *SD10*, constituída por três enunciados operadores:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD10:</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez. Se tivesse olhado, teria visto o dono do Croix-de-Colbas na porta, rodeado por todos os seus hospedes e por todos os que passavam, falando com alvoroço e apontando-o com o dedo; e pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira. (pág.	<b>E38</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez.	<b>E38</b> → O sujeito discursivo se deparar com o início de toda a segregação que estava por sofrer construída por meio do passaporte amarelo.	<b>SD10</b> Anuncia toda a saga que o sujeito discursivo está por viver. Tal segregação é desvelada por meio dos apontamentos feitos pela população de Digne que frequentava ou que estava passando próximo ao <i>Croix-de-Colbas</i> . Aqui ainda há a exposição do novo lugar discursivo construído para o sujeito discursivo, percebido por meio da FI que é desvelada nas orações “pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira”
	<b>E39:</b> Se tivesse olhado, teria visto o dono do <i>Croix-de-Colbas</i> <sup>9</sup> na porta, rodeado por todos os seus hospedes e por todos os que passavam, falando com alvoroço e apontando-o com o dedo	<b>E39</b> → Emersão da FI.	
	<b>E40:</b> e pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria	<b>E40</b> → Reconhecimento por parte do sujeito discursivo do novo lugar discursivo que haviam construído para ele.	

<sup>9</sup> Espécie de hospedaria que servia refeições e hospedagem para os viajantes que passavam pela cidade de Digne.

103)	o acontecimento da cidade inteira		
------	-----------------------------------	--	--

Lê-se no *E38* (SD10) “O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez.” Nesse enunciado o sujeito discursivo Victor Hugo anuncia o trajeto de segregação social que a personagem de Victor Hugo estava por sofrer, de modo que percebera recair sobre essa personagem o peso moral que uma condenação trazia a qualquer homem de sua época. Ele, Jean, carregava nos ombros o peso jurídico da luta pela sobrevivência em meio ao caos social fruto da revolução industrial: a consequente miséria e exploração incessante da mão de obra dos menos favorecidos socialmente.

No *E39* (SD10) o sujeito discursivo Victor Hugo mostra como emerge a inscrição da sociedade de Digne na formação ideológica e discursiva de que um ex-apenado é, de fato, alguém que me mereça o escárnio social: “Se tivesse olhado, teria visto o dono do *Croix-de-Colbas* na porta, rodeado pelos seus hóspedes e pelos que passavam, falando com alvoroço e apontando-o com o dedo”. Os efeitos de sentido que emanam do verbo “apontar” explicam o lugar discursivo que o próprio estado francês havia construído para Jean Valjean e qualquer outro ex-apenado, de modo que a sociedade francesa, na figura da população de Digne, acabaria por tomar para si e se inscrever nesse lugar discursivo que via na figura do ex-apenado uma periculosidade letal.

Estava direcionada, portanto, sobre aquele sujeito discursivo a reprovação, não teria ele, em hipótese alguma, o direito de ser reinserido socialmente no convívio com os demais cidadãos franceses.

O *E40* (SD10) traz a ratificação desse lugar discursivo que fora construído para Valjean. Veja: “[...] e pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira”.

A *SD10*, trazida pelo sujeito discursivo de Victor Hugo, anuncia a saga que o sujeito discursivo Jean Valjean está por viver. Tal segregação é desvelada por meio dos apontamentos feitos pela população de Digne que frequentava ou que estava passando próximo ao *Croix-de-Colbas*. Aqui, ainda, há a exposição de outro lugar discursivo construído para o sujeito discursivo Jean Valjean, posto por meio de uma formação ideológica que se desvela nessa sequência nas orações na *SD10*: “pelos olhares de desconfiança e medo



daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira”.

Continuando com a análise, agora lançando um gesto de interpretação sobre a *SD11*, encontra-se:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD11:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra, e parece que alguém que passava o ouviu exclamar: “Nem sequer sou um cão!” (Pág. 108)	<b>E41:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra	<b>E41→</b> Reconhecimento da total segregação social na figura da indignidade de ter como abrigo até a casinha do cachorro, aquele representado como o ápice da miserabilidade.	<b>SD11</b> delata o início da percepção da perda de identidade pelo sujeito discursivo de Jean Valjean, ao não se reconhecer nem como um cachorro, resta a incógnita de qual seria, afinal, o novo papel social que construíram para ele.
	<b>E42:</b> e parece que alguém que passava o ouviu exclamar: “Nem sequer sou um cão!”	<b>E42→</b> Percepção da ausência de identidade.	

Nos recortes feitos na *SD11*, no *E41* (SD11), há, por parte do sujeito discursivo Victor Hugo, a descrição do universo segregacionista e de lugar de uma pessoa indigna em ter como ponto de apoio e abrigo até a casinha do cachorro, sendo a figura da casinha a representação do ápice da miserabilidade e exclusão social: “Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra”.

No *E42* (SD11), por meio da abertura do discurso direto livre, o sujeito discursivo Victor Hugo dá voz ao sujeito discursivo Jean Valjean, trazendo um deslocamento na percepção desse sujeito discursivo quanto à condição social que lhe impuseram, no *E42*, “e parece que alguém que passava o ouviu exclamar: ‘Nem sequer sou um cão!’” percebo o início

do apontamento, por parte do sujeito discursivo Victor Hugo, da perda de identidade de Jean Valjean, ele não mais se reconhecia como Jean Valjean.

A *SD11* delata o apontamento por parte do sujeito discursivo de Victor Hugo das consequências que uma pena injusta provoca no apenado, no caso da discursividade da obra, ele traz em evidência a perda de identidade pelo sujeito discursivo de Jean Valjean, ao não se reconhecer nem como um cachorro, resta a incógnita de qual seria, afinal, esse outro papel social que construíram para ele, isso visível no *E42*: “Nem sequer sou um cão”.

Sequência também analisada e que corrobora com os efeitos de sentido desvelados no pronome de tratamento “senhor” foi *SD12*:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD12:</b> Cada vez que dizia a palavra senhor, com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava. Senhor, a um condenado, é um copo de água a um naufrago da Méduse. A ignominia tem sede de consideração. (Pág. 116)	<b>E43:</b> Cada vez que dizia a palavra <i>senhor</i> , com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava.	<b>E43</b> → Emersão da memória discursiva de sua dignidade como pessoa humana por meio do pronome de tratamento “Senhor”	<b>SD12</b> apresenta a retomada da memória discursiva do sujeito Jean Valjean, nessa sequência Jean tem sua dignidade retomada por meio da memória discursiva, acionada novamente no pronome de tratamento “senhor”.
	<b>E44:</b> <i>Senhor</i> , a um condenado, é um copo de água a um naufrago da <i>Méduse</i> . A ignominia tem sede de consideração.	<b>E44</b> → Use da figura comparação para enfatizar o prazer da restituição de sua dignidade.	

No *E43* (*SD12*) o sujeito discursivo Victor Hugo mostra o momento em que emerge, em Jean Valjean, a memória discursiva de sua dignidade como pessoa humana. Isso se dá por meio do pronome de tratamento “Senhor”: *E43*: “Cada vez que dizia a palavra *senhor*, com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava.” (Grifo do autor)

Com efeito, tenho no *E43* (*SD12*) o uso da figura de linguagem “comparação” para enfatizar o prazer da restituição de sua dignidade: *E43*: “*Senhor*, a um condenado, é um copo de água a um naufrago da *Méduse*.<sup>10</sup> A ignominia tem sede de consideração.”

<sup>10</sup> *Méduse*: navio de guerra encalhado em 1816 com quatrocentos marinheiros e soldados a bordo. Ao serem resgatados, os naufragos eram apenas quinze. (Nota de rodapé do autor – VICTOR HUGO, 2014, p. 116)

Em suma, na *SD12* o sujeito discursivo Victor Hugo apresenta não só a retomada da memória discursiva do sujeito Jean Valjean sobre o que é ser tratado de forma humana e digna, mas, sobretudo, mostra como deveria ser o tratamento pela sociedade civil com aqueles que um dia tiveram um passado condenável pelo direito.

A *SD13* no *E45* traz a historicidade do sujeito discursivo, bem como o contexto em que o furto famélico se deu:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD13:</b> Um domingo à noite, Maubert Isabeu, padeiro estabelecido no largo da igreja, em Faverolles, ia deitar-se quando ouviu uma violenta pancada na vidraça gradeada de sua loja. Chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita com um murro na grade e na vidraça. O braço pegou um pão e levou. Isabeau saiu correndo; o ladrão fugia muito rápido, mas Isabeau o alcançou e o agarrou. O ladrão havia jogado o pão fora, mas tinha o braço ensanguentado. Era Jean Valjean. (Pág. 124)	<b>E45</b> Um domingo à noite, Maubert Isabeu, padeiro estabelecido no largo da igreja, em Faverolles, ia deitar-se quando ouviu uma violenta pancada na vidraça gradeada de sua loja. Chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita com um murro na grade e na vidraça. O braço pegou um pão e levou. Isabeau saiu correndo; o ladrão fugia muito rápido, mas Isabeau o alcançou e o agarrou. O ladrão havia jogado o pão fora, mas tinha o braço ensanguentado. Era Jean Valjean.	<b>E45</b> → Descrição do furto famélico.	Em <b>SD13</b> há a apresentação e descrição do furto famélico cometido por Jean Valjean. O sujeito discursivo narra e relata a situação de miserabilidade vivida por Jean Valjean e sua família e que naquela ocasião furtara o pão para saciar a fome da família.

Na *SD13* há a apresentação e descrição do furto famélico cometido por Jean Valjean. O sujeito discursivo Victor Hugo narra e descreve a situação de miserabilidade vivida por Jean Valjean e sua família e que naquela ocasião furtara o pão para saciar a fome de sua irmã e de seus sobrinhos. Nessa sequência discursiva desqualifica-se a periculosidade de Jean Valjean, de modo que por meio da interdiscursividade jurídico-punitiva percebida na *SD13*, o sujeito discursivo Victor Hugo inicia uma reflexão sobre a relação da pena com o crime praticado.

Como consequência do seu crime é-lhe imputada a pena posta em *SD14*:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD14:</b> Jean Valjean foi declarado culpado. As palavras do código eram formais. Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional! Jean Valjean foi condenado a cinco anos de galés. (Pág. 124)	<b>E46:</b> Jean Valjean foi declarado culpado. As palavras do código eram formais.	<b>E46→</b> Sentença de do sujeito discursivo de Jean Valjean.	<b>SD14</b> traz a materialidade da sentença destinada ao sujeito discursivo por ter roubado um pedaço de pão. Não houve considerações quanto ao estado de miserabilidade na qual Jean e sua família vivenciavam, mas tão somente o julgamento do crime pelo crime. E isso represente um verdadeiro naufrágio social. <i>SD17</i> aponta
	<b>E47</b> Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional!	<b>E47→</b> Anunciação do naufrágio social a que o sujeito discursivo fora sentenciado.	
	<b>E48:</b> Jean Valjean foi condenado a cinco anos de galés.	<b>E48→</b> Pena imposta ao sujeito discursivo pelo crime cometido.	

No *E46* (*SD14*) tenho a apresentação da sentença dada ao sujeito discursivo de Jean Valjean: *E46*: “Jean Valjean foi declarado culpado. As palavras do código eram formais.”. Além de sua condenação há nada utilização do adjetivo “formal” que se refere ao substantivo “código” a existência da aplicação do direito por ele mesmo, sem se levar em consideração o processo hermenêutico<sup>11</sup> de aplicação da norma.

<sup>11</sup> A hermenêutica jurídica é o ramo da hermenêutica que se ocupa da interpretação das normas jurídicas, estabelecendo métodos para a compreensão legal. Utilizando-se do círculo hermenêutico<sup>[2]</sup>, o jurista coteja

Já no *E47* (SD14) em “Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional!”, a anunciação do naufrágio social a que o sujeito discursivo Jean Valjean fora sentenciado é diretamente relacionado à pena que lhe foi imposta. O sujeito discursivo Victor Hugo critica abertamente o desamparo social a que todo apenado está destinado e a consequente possibilidade de reincidência na situação de criminalidade, haja vista que para a sua subsistência terá que cometer outro crime.

No *E48* (SD14) vemos a pena imposta ao sujeito discursivo de Jean Valjean pelo crime cometido: “Jean Valjean foi condenado a cinco anos de Galés.”<sup>12</sup> A própria pena a ele imputada já mostra o abuso na decisão do estado. Como posto por Beccaria (2014) não havia qualquer proporcionalidade entre o crime praticado e o destino que lhe fora imposto.

Assim, tenho em *SD14* a materialidade de uma sentença desumana imposta ao sujeito discursivo Jean Valjean por ter roubado/furtado um pedaço de pão. Há uma visível relação de desumanidade e desproporcionalidade na dosimetria<sup>13</sup> da pena. Não houve considerações quanto ao estado de miserabilidade na qual Jean e sua família se encontravam à época da prática do delito, mas tão somente o julgamento do crime pelo crime. Assim, entendo que não havia um processo de hermenêutica jurídica no momento da dosimetria e consequente aplicação da pena, embora Beccaria (2014) à época já provocasse nos operadores do direito, bem como na sociedade francesa a reflexão sobre esse problema jurídico e social.

Já na *SD15* o sujeito discursivo Victor Hugo mostra como se dá o processo de desconstrução da identidade de um apenado e também o tratamento desumano no seu transporte:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD15:</b> Partiu para Toulon. Lá chegou após uma viagem de vinte e sete dias sobre uma charrete e com a corrente no	<b>E49:</b> Partiu para Toulon. Lá chegou após uma viagem de vinte e sete dias sobre uma charrete e com a corrente no	<b>E49→</b> Acusação do tratamento desumano sofrido pelo condenado antes mesmo de começar o	<b>SD15</b> denuncia o tratamento desumano a que eram submetidos os condenados no trajeto até a prisão.

elementos textuais e extra-textuais para chegar-se a uma compreensão. Fundamentado na argumentação, a hermenêutica é um método humanístico de pesquisa, sendo distinto em escopo e procedimento do método científico.

<sup>12</sup> A pena das galés era a punição na qual os condenados cumpriam a pena de trabalhos forçados. Era uma espécie de antiga sanção criminal.

<sup>13</sup> A dosimetria (cálculo) da pena é o momento em que o Estado, aquele que possui o direito de punir, por meio do poder judiciário comina ao indivíduo que comete um crime a sanção que reflete a reprovação estatal do crime cometido.

pescoço. Em Toulon, colocaram-lhe a vestimenta vermelha. Desde então, tudo o que constituía sua existência se apagou, até mesmo seu nome; não era mais Jean Valjean, era apenas o número 24.601.	pescoço. Em Toulon, colocaram-lhe a vestimenta vermelha.	cumprimento da pena.	Sendo tratados como verdadeiros animais. Ao ponto de, depois de entrarem na prisão, terem sua identidade totalmente apagada, nascendo uma nova identidade que se perpetuaria socialmente e que no período de prisão era materializada em um número, mas que levaria todos o ônus social posteriormente dessa pena.
	<b>E50:</b> Desde então, tudo o que constituía sua existência se apagou, até mesmo seu nome; não era mais Jean Valjean, era apenas o número 24.601.	<b>E50→</b> Apagamento da historicidade do sujeito discursivo e nascimento da nova identidade na figura do número 24.601	

No *E49* (SD15) em: “Partiu para Toulon. Lá chegou após uma viagem de vinte e sete dias sobre uma charrete e com a corrente no pescoço. Em Toulon, colocaram-lhe a vestimenta vermelha.” Em *E49* o sujeito discursivo Jean Valjean acusa o tratamento desumano que havia sofrido antes mesmo de começar o cumprimento da pena, a viagem que o levaria ao local em que cumpriria a pena era degradante. Não existia um tratamento humano destinado aos condenados da época, como posto em “Dos Delitos e das penas” de Beccaria (2014). Outro fator é a própria utilização da vestimenta vermelha, vestimenta essa que os distinguiria dos demais.

Já em *E50* (SD15), “Desde então, tudo o que constituía sua existência se apagou, até mesmo seu nome; não era mais Jean Valjean, era apenas o número 24.601.” vejo o apagamento da historicidade do sujeito discursivo e nascimento de outra identidade discursiva na figura do número 24.601. A utilização do número “24.601” revela a concretude do processo de desumanização a que o sujeito discursivo de Jean Valjean estava fadado, a partir daquele momento ele não era mais Jean Valjean, cidadão francês que largara para trás sua irmã viúva com seus filhos, mas tão somente um número, mais um número entre os milhares de cidadãos franceses que comporia a estatística do rol de sentenciados a uma morte social. Aqui morreria a figura social de Jean Valjean e ter-se-ia a o embrião da formação ideológica de extrema periculosidade que lhe fora construída.

Leio, por fim, na *SD15* a denúncia feita pelo sujeito discursivo Victor Hugo quanto ao tratamento desumano a que eram submetidos os condenados no trajeto até a prisão, sendo tratados como animais. Isso, ao ponto de, depois de entrarem na prisão, terem sua identidade totalmente apagada, tendo a gênese de outra identidade que se perpetuaria socialmente. Essa perda da identidade de Jean Valjean, vítima de seu estado de necessidade, para o prisioneiro número 24.601, torna-se segura para a sociedade francesa.

Há na *SD16* a abertura posta pelo próprio sujeito discursivo Victor Hugo para refletir a situação na qual o sujeito discursivo Jean Valjean se encontrava no momento em que cometera o delito:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD16:</b> Momento para um curto parêntese. É a segunda vez que o autor deste livro, em seus estudos sobre a questão penal e a condenação pela lei, se depara com o roubo de um pão como origem da catástrofe de um destino. Claude Gueux roubara um pão; Jean Valjean tinha roubado um pão. Uma estatística inglesa constata que, em Londres, de cada cinco roubos, quatro têm como causa imediata a fome.	<b>E51:</b> Momento para um curto parêntese. É a segunda vez que o autor deste livro, em seus estudos sobre a questão penal e a condenação pela lei, se depara com o roubo de um pão como origem da catástrofe de um destino.	<b>E51→</b> o convite feito pelo sujeito discursivo de Victor Hugo para acompanhá-lo na reflexão de que havia algo nessa sentença, primeiro porque não havia qualquer relação de proporcionalidade entre a pena imposta e o crime cometido, segundo porque essa pena é uma verdadeira catástrofe social.	<b>SD 16</b> é um momento em que o sujeito discursivo de Victor Hugo busca estabelecer um diálogo com o destinatário do seu discurso (o leitor), buscando a inscrição desse nas suas premissas ideológicas. Para tanto, ele mostra como as penas executadas à sua época eram totalmente ilógicas quando tido como mirante teórico em matéria de dosimetria de penas a nova proposta humanizadora trazida por Beccara (2014). Não era justificável a aplicação de uma pena não proporcional ao crime cometido, quando tantos como Jean Valjean e Claude Gueux
	<b>E52:</b> Claude Gueux roubara um pão; Jean Valjean tinha roubado um pão. Uma estatística inglesa constata que, em Londres, de cada cinco roubos, quatro têm como causa imediata a fome.	<b>E51→</b> Apontamento de outra pessoa que tal qual Jean Valjean teve o infortúnio de uma condenação não proporcional e injusta, desconsiderando o estado de miserabilidade que não só a França vivia, mas também outros países, segundo estatística	

		inglesa.	viviam na pele a situação de miserabilidade como feito colateral da revolução francesa, cuja luta pela sobrevivência acabava por sobrepor ao contrato social trazido por Rousseau.
--	--	----------	--

Leio no *E51* (SD16) o convite feito pelo sujeito discursivo Victor Hugo para acompanhá-lo na reflexão de que havia algo errado nessa sentença, primeiro porque não havia qualquer relação de proporcionalidade entre a pena imposta e o crime cometido, segundo porque essa pena é uma verdadeira catástrofe social.

No *E52* (SD16), temos “Claude Gueux roubara um pão; Jean Valjean tinha roubado um pão. Uma estatística inglesa constata que, em Londres, de cada cinco roubos, quatro têm como causa imediata a fome.” Aqui posso perceber o sujeito discursivo Victor Hugo mostrando que, tal qual Jean Valjean, outra pessoa teve o infortúnio de uma condenação não proporcional e injusta, desconsiderando o estado de miserabilidade que não só a França vivia, mas também outros países, segundo estatística inglesa.

A *SD 16* representa o momento em que o sujeito discursivo Victor Hugo busca estabelecer um diálogo com o interlocutor do seu dizer (o leitor), buscando a inscrição deste nas suas premissas ideológicas. Para tanto, ele mostra como as penas executadas à sua época eram totalmente ilógicas quando tido como mirante teórico, em matéria de dosimetria de penas, a proposta humanizadora trazida por Beccara (2014). Não era justificável a aplicação de uma pena não proporcional ao crime cometido, quando tantos como Jean Valjean e Claude Gueux viviam na pele a situação de miserabilidade como efeito colateral da Revolução Industrial cuja luta pela sobrevivência acabava por se sobrepor ao contrato social trazido por Rousseau.

A *SD17* fecha as reflexões em torno do recorte da matriz da interdiscursividade jurídico punitiva posta pelo sujeito discursivo Victor Hugo é:

<b>Regularidade</b>	<b>Recorte</b>	<b>Percepção</b>	<b>Percepção</b>
---------------------	----------------	------------------	------------------



		<b>enunciativa</b>	<b>Discursiva</b>
<b>SD17:</b> Jean Valjean entrou para as galés soluçante e trêmulo; saiu de lá impassível. Entrou desesperado, saiu sombrio. Que passou naquela alma?	<b>E53:</b> Jean Valjean entrou para as galés soluçante e trêmulo;	<b>E53</b> → Descrição do temor e do quão inofensivo O sujeito discursivo de Jean Valjean era no momento em que fora preso.	<b>SD17</b> demonstra as transformações sofridas pelo sujeito discursivo de Jean Valjean após sua prisão. Vemos de maneira clara o quão inofensivo socialmente era ao adentrar na Galés, isso mostrado nos adjetivos “soluçante” e “tremulo”, um homem acuado, sendo injustiçado adentrava na prisão para cumprir sua pena, porém após anos de trabalho forçado, de um processo de degradação da sua dignidade tornou-se impassível, incapaz de demonstrar qualquer sentimento. Tronou-se um ser sombrio. Algo em sua alma transforma-se, algo em sua alma morrera. E é com esse questionamento que o sujeito discursivo de Victor Hugo finda: “Que passou naquela alma?”
	<b>E54:</b> saiu de lá impassível. Entrou desesperado, saiu sombrio.	<b>E54</b> → Resultado dos anos de reclusão num ambiente de total desumanização e degradação da dignidade da pessoa humana.	
	<b>E55:</b> Que passou naquela alma?	<b>E55</b> →Questionamento dos efeitos psicológicos que esse tipo de pena gera num condenado.	

No *E53* (SD17), “Jean Valjean entrou para as galés soluçante e trêmulo”, é possível perceber o quão inofensivo socialmente Jean Valjean era para o sujeito discursivo Victor Hugo, o seu choro soluçante e a sua tremura desvela a denúncia de quantas pessoas recebiam penas degradantes inadequadas com o delito cometido de modo que o choro e

solução desvelam uma convicção de estar sendo injustiçado, de que um direito social que lhe assiste, já que ele era fruto de uma cadeia de eventos sociais que estava afetando a Europa.

Já no *E54* (SD17), “saiu de lá impassível. Entrou desesperado, saiu sombrio.”, tenho o resultado dos anos de reclusão num ambiente de total desumanização e degradação da dignidade da pessoa humana. O sujeito discursivo Victor Hugo denuncia que não havia o propósito de ressocialização de qualquer preso, e que, já que não havia tal propósito por parte do estado em ressocializar, o que lhes restava era sair com a alma sombria em decorrência de tratamentos tão degradantes.

Por fim, no *E55* (SD17) “Que passou naquela alma?”, percebo o questionamento por parte do sujeito discursivo Victor Hugo quanto aos efeitos psicológicos que esse tipo de pena gera num condenado.

Dessa maneira, na *SD17* o sujeito discursivo Victor Hugo demonstra as transformações sofridas pelo sujeito discursivo Jean Valjean após sua prisão. Vejo, então, o quão inofensivo socialmente ele era ao adentrar nas Galés, isso mostrado nos adjetivos “soluçante” e “tremulo”, um homem acuado, sendo injustiçado, adentrava na prisão para cumprir sua pena, porém após anos de trabalho forçado, de um processo de degradação da sua dignidade tornou-se impassível, incapaz de demonstrar qualquer sentimento. Tornou-se um ser sombrio. Algo em sua alma transforma-se, algo em sua alma morrera. E é com esse questionamento que o sujeito discursivo Victor Hugo finaliza: “Que passou naquela alma?”.

A interdiscursividade jurídico-punitiva desvelada pelo sujeito discursivo Victor Hugo traz algumas reflexões sobre a maneira pela qual um ex-presidário era tratado. Influenciado pelos dizeres de alguns teóricos à época como o Marquês de Beccaria, o sujeito discursivo Victor Hugo provoca um profundo deslocamento e tomada de posição no leitor da época.

Suas proposições discursivas fazem refletir acerca do sistema penal Francês, levando o leitor a questionar a real função da pena, bem como se a pena aplicada tinha no momento de sua dosimetria uma hermenêutica que levasse em consideração as condições de produção do ato delituoso, e após essa ponderação se era pensada uma pena que fosse capaz de ressocializar o apenado.

### **3.4 Interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés do discurso social da França hugoana**

As primeiras evidências de uma França dominada pela repulsa social ao ex-condenado, apesar do crime já ter sido devidamente pago ao estado francês na reclusão de sua liberdade e em trabalhos forçados, são encontradas na *SD18*.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD18:</b> Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Valjean! Agora quer que eu lhe diga quem é? Logo que o vi entrar, desconfiei de algumas coisas e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler? Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria. (P.103)	<b>E56:</b> Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Valjean! Agora quer que eu lhe diga quem é?	<b>E56→</b> Demonstra a existência de uma historicidade por traz do nome de Jean Valjean e que é conhecida pelo sujeito discursivo.	Ao analisarmos <b>SD18</b> desvelamos o atravessamento do discurso jurídico, por meio da conduta dos moradores de Digne ao “puxar a ficha” de Jean Valjean, conduta comum no meio criminal. Tal discursividade ainda traz a tona um processo de estigmatização que essa personagem sofreria por ser um ex-presidiário, o que desvela uma percepção preconceituosa, demonstrando inicialmente que a despeito de pagar pelo crime cometido, não estaria Jean Valjean reintegrado, estando aqui uma leitura da ideologia que recai sobre a pena.
	<b>E57:</b> Logo que o vi entrar, desconfiei de algumas coisa e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler?	<b>E57→</b> Traz à tona uma conduta típica no meio jurídico penal: “puxar a ficha” de alguém suspeito.	
	<b>E58:</b> Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria.	<b>E58→</b> Formalização do início do estigma social sofrido por Jean Valjean.	

No *E56* (*SD18*), “Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Valjean! Agora quer que eu lhe diga quem é?”, o sujeito discursivo, que fala na voz do dono da estalagem, já demonstra a existência de uma historicidade por traz do nome de Jean Valjean e que lhe é conhecida. O leitor ainda não foi apresentado ao motivo pelo qual

esse tratamento hostil fora destinada a Jean, mas como dito, é capaz de antever pelo sujeito que enuncia.

Já no *E57* (SD18), “Logo que o vi entrar, desconfiei de alguma coisa e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler?”, traz à tona uma conduta típica no meio jurídico penal: “puxar a ficha” de alguém suspeito. Desde sua entrada em Digne, cidade na qual temos a apresentação de Jean Valjean como sujeito discursivo, todos se sentiram incomodados por sua aparência miserável, o rótulo social já nascera neste momento, daí a necessidade de se saber os antecedentes daquela figura tão mal apresentada.

Por sua vez, no *E58* (SD18) “Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria.” há uma formalização do início do estigma social sofrido por Jean Valjean. O que antes era um mero incômodo de que aquele sujeito não se enquadrava nos padrões sociais de aceitabilidade para o convívio com os demais cidadãos toma concretude por meio do documento apresentado ao sujeito discursivo Jean.

Ao analisar a *SD18* desvelo o atravessamento do discurso jurídico, por meio da conduta dos moradores de Digne ao “puxar a ficha” de Jean Valjean, conduta comum no meio criminal. Tal discursividade ainda traz à tona um processo de estigmatização que essa personagem sofreria por ser um ex-presidiário, o que se apresenta como uma percepção preconceituosa, demonstrando inicialmente que a despeito de pagar pelo crime cometido, não estaria Jean Valjean reintegrado socialmente, estando aqui, também, a configuração da formação ideológica de periculosidade desvelada na figura de um ex-detento.

A visível aversão da população da cidade de Digne, e a consequente inscrição nessa formação ideológica apontada, que ainda estava arraigada no imaginário coletivo da sociedade francesa, evidencia uma perspectiva de direito penal voltada para a extrema punição e execração social de quem tinha uma sentença penal condenatória sobre si. Era a percepção de um direito cuja única função era a punição e consequente morte social.

Tenho na *SD1* que também, foi interpretada pelo viés da interdiscursividade jurídico-punitivo de Jean Valjean, a possibilidade de também lançar um gesto de interpretação pelo viés do discurso social da França hugoana, veja:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou	<b>E1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou	<b>E1</b> → A reprovação social se mostra no advérbio	<b>SD1</b> Traz o conflito vivido pelo sujeito ao perceber

<p>bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui! O desconhecido virou-se e respondeu brandamente: - Ah! O senhor sabe?... -Sei! - Fui mandando embora de outra hospedaria. - E o expulsam desta também. - Para onde quer que eu vá? - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi. (Pág. 105)</p>	<p>bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!</p>	<p>bruscamente e no comando verbal que vem no imperativo afirmativo.</p>	<p>a repulsam social vivida por ele, isso facilmente posta no uso do advérbio “bruscamente”, haja vista a maneira rude como fora tratado pelo dono da hospedaria refletir a própria conduta de quase toda a sociedade de Digne. O grande conflito nasce no jogo antitético dos dois advérbios de modo, “bruscamente” x “brandamente”, pois a maneira branda como Jean Valjean Responde reporta-se ao dono da caverna põe em tela sua aptidão para ser reinserido no seio social, negando o <b>status</b> de perigo posto pelo estado francês. Status esse reforçado na expulsão do Sujeito discursivo de Jean das duas hospedarias. Há ainda a presença d denuncia social de que os ex-apanados não possuíam lugar onde ancorar-se após conseguirem sua liberdade por meio do pagamento da pena, visto que o estado não possibilitava essa reinserção, nem muito menos a sociedade francesa.</p>
	<p><b>E2:</b> O desconhecido virou-se e respondeu brandamente:</p>	<p><b>E2→</b> O advérbio “brandamente” desvela a possibilidade de autocontrole de Jean Valjean o que contradiz a periculosidade posta pelo passaporte amarelo.</p>	
	<p><b>E3:</b> - Ah! O senhor sabe?... - Sei!</p>	<p><b>E3→</b> O uso das reticências traz o reforço de se sustentar o novo lugar discursivo construindo para o sujeito discursivo, que é válido na frase afirmativa: “sei”</p>	
	<p><b>E4:</b> -Fui mandando embora de outra hospedaria.</p>	<p><b>E4→</b> Confirmação da construção de periculosidade voltada do sujeito discursivo.</p>	
	<p><b>E5:</b> - E o expulsam desta também.</p>	<p><b>E5→</b> Ratificação dessa periculosidade por meio da aceitação da representação construída.</p>	
	<p><b>E6:</b> - Para onde quer que eu vá?</p>	<p><b>E6→</b> Denúncia do sujeito discursivo da não aceitação social quanto aos ex-apanados.</p>	
	<p><b>E7:</b> - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi.</p>	<p><b>E7→</b> Reconhecimento da impossibilidade de convívio com a sociedade civil.</p>	

No *E1*(SD1), “O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!”, se apresentam os efeitos de sentido produzidos pela *SD18*, uma vez que ao puxar a ficha do sujeito discursivo Jean Valjean o sujeito discursivo que enuncia a *SD1* desvela as consequências das informações constantes no passaporte amarelo. Isso se evidencia de maneira tal que o que antes era uma ameaça verbal de que o retorno, ao seio social, era algo impossível para um ex-detento, acaba por tomar expressões de violência física, se necessário fosse para extirpar pessoas como Jean Valjean de novamente conviver com a sociedade. Dessa forma, ao tocar de maneira brusca no ombro de Jean Valjean podemos entender que o que fosse necessário para manter a “ordem” social, a sociedade francesa estava disposta a fazer, ainda que isso implicasse em violência física.

No *E2* (SD1) “O desconhecido virou-se e respondeu brandamente”, traz uma relação paradoxal entre o comportamento do sujeito discursivo Jean Valjean e o da sociedade francesa representado na enunciação do sujeito discursivo que age na figura do taverneiro. A atitude de Jean Valjean nos faz refletir sobre quem de fato seria o real “criminoso” naquela situação, haja vista que o que não possuía antecedentes criminais é que agiu de forma brusca, sem se preocupar com o contrato social, na mínima possibilidade de ameaça ele já tomara sobre si o ar de brutalidade, ao passo que o sujeito discursivo Jean Valjean conseguia controlar as suas ações, e percebemos isso no advérbio de modo “brandamente”.

Já no *E3* (SD1) “- Ah! O senhor sabe?... - Sei!”, vemos a reafirmação do lugar discursivo que a sociedade francesa se inscrevera diante da situação social do ex-detento.

Ainda nesse sentido, no *E4* (SD1) o sujeito discursivo Jean Valjean tenta argumentar que a leitura que recaia sobre si estava equivocada, embora ele já percebesse o lugar discursivo de periculosidade voltado para si: “- Fui mandando embora de outra hospedaria.”

Porém, apesar de dizer que já não havia encontrado espaço numa outra hospedaria, o que se encontra no *E5* (SD1) é: “- E o expulsam desta também.” Há a ratificação dessa periculosidade por meio da inscrição da sociedade francesa nessa formação discursiva de que qualquer ex-detento era alguém perigoso.

Na *SD1*, no *E6* (SD3) “- Para onde quer que eu vá?”, percebo a decretação de uma segunda sentença por parte da sociedade francesa para o sujeito discursivo Jean Valjean e que representa qualquer ex-apenado, de maneira que a morte social dessas pessoas era algo real. Assim, ao enunciar o *E7* (SD1) “- Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi.”, há a criação por parte dessa representação discursivo-sujeitucional de um problema

relacionado aos ex-apenados por não haver qualquer possibilidade de sua reinserção na sociedade, tanto é que na expressão “qualquer lugar” exista uma afirmação de que de fato a ressocialização de um ex-presidiário não era um problema social. Há no *E7*(*SD1*) o total reconhecimento por parte do sujeito discursivo que representa a sociedade francesa da época hugoana a impossibilidade de convívio de um ex-presidiário com a sociedade civil.

Em suma, a *SD1* traz a total negativa de ajuda social à figura de qualquer ex-presidiário. Percebo, a partir de *SD1* que a problemática da ressocialização de qualquer ex-apenado não era uma questão social, era um problema do próprio ex-detento, afinal, ele que encontrasse solução para esse ciclo vicioso no qual entrara. Percebo, então, que há a negativa absoluta de sua reinserção, principalmente, porque até a instituição social do comércio lhe fechara as portas, ainda que ele lhes pagasse pela prestação do serviço. Essa percepção me leva a compreender uma inversão da periculosidade, pois a sociedade como um todo é que se tornava agressiva e perigosa quando entendia que sua ordem poderia ser quebrada.

A *SD2* nos aponta para a mesma linha de negação de direitos sociais entendida na *SD18*, veja:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD2:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite? Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos. (Pág. 105)	<b>E8:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite?	<b>E8→</b> Apelo ao estado francês para situação do ex-apenado e apresentação de situação que comprova a ressocialização do sujeito discursivo.	<b>SD2→</b> Apelo ao estado francês apresentado na figura metafórica da cadeia, pois fora ela, figura usurpadora da sua liberdade em outrora que, de repente, poderia restituir a sua dignidade. Esse apelo ainda é marcado pelo uso do advérbio de modo “respeitosamente” que demonstra a o reconhecimento do sujeito discursivo de Jean Valjean à autoridade do estado francês, o que ratifica a tese
	<b>E9:</b> Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos.	<b>E9→</b> Denúncia do sujeito discursivo sobre a omissão do estado na resposta de uma política voltada para a reinserção social de ex-presidiários.	

			de sua ressocialização e fortalece a da omissão do estado quanto à situação de segregação e ex- presidiários.
--	--	--	---

No *E8* (SD2), como mostrado em SD2 há o apelo à instituição do estado francês para a situação do ex-apanado, já mencionado que a figura do estado se faz presente no substantivo “cadeia”, pois compreendo que à época cabia unicamente ao estado a legitimidade para punir às pessoas que não respeitassem as normas postas. No entanto, o apelo do sujeito discursivo Jean Valjean ao estado na figura do porteiro da cadeia é que fomenta a tese da negativa do próprio estado na tarefa da ressocialização do preso, e compreendo nessa negativa um não-dito de que a única função do estado era garantir a ordem nos casos de desobediência civil ou penal no *E9* (SD2) “Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite?”

Esse entendimento é complementado no *E2* (SD2) quando o sujeito discursivo que enuncia na voz do porteiro da cadeia diz: “Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos.” Logo, como já mostrado, a negativa do estado no acolhimento do sujeito discursivo Jean Valjean materializada em “Faça-se prender, e o receberemos” dão força ao entendimento da omissão do estado quanto à recém libertos em regimes fechados de reclusão. Podemos, portanto, aferir que para o estado francês, reforçando o pensamento social, a sua função era garantir a ordem por meio do encarceramento de pessoas que de alguma forma rompiam com o contrato social.

Concluo, então, que há na **SD2** o imbricamento da percepção do estado e da sociedade, de modo que os dois se constituem como uma única pessoa dotada de uma mesma discursividade, afinal o estado estava ali para a manutenção da ordem social e o estado era um ente abstrato que representava a ideologia que constituía a formação discursiva e ideológica na qual a França hugoana estava inscrita, formação discursiva esta que compreendia que não era função do estado, nem da sociedade ressocializar qualquer ex-presidiário.

Ainda nessa linha de análise, tenho a *SD2I*:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD3:</b> O rosto do	<b>E10:</b> O rosto do	<b>E10</b> → Evidencia o	<b>SD3</b> desvela a



camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.	camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.	pavor social perpetuado na representação do ex-apanado.	percepção da instituição social família frente a questão do ex- apanado, traz à tona toda carga de preconceito advindo da FI sobre a figura do ex- detento. Tal percepção já se disseminara por toda cidade de maneira preconceituosa, o
Ao ouvir as palavras do camponês: Você será o tal?... a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: Tso-maraude Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar. Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse: - Dê o fora! - Por piedade, Senhor, um copo de água. - Que tal um tiro! –	<b>E11:</b> Ao ouvir as palavras do camponês: <i>Você será o tal?...</i> a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: <i>Tso-maraude</i>	<b>E11</b> → Traz o risco do convívio do ex-apanado para a instituição social família por meio de pré-julgamento na qual todos de digne acabam por se inscrever, desvelado no advérbio de modo “precipitadamente”.	que ‘desvelado pelo uso do advérbio “precipitadamente”. O uso do substantivo comum “víbora” padroniza a situação do ex-apanado por furto famélico como se fosse mais um criminoso em meio a um amontoado de seres venenoso para a sociedade, destituindo-lhe de identidade de uma historicidade que os constituirá antes do delito cometido. A despeito da percepção da rejeição social, o sujeito discursivo ainda suplica por clemência, mas a instituição família nega-lhe qualquer possibilidade de ajuda social, que é materializada por meio das metáfora das portas se fechando, não haveria espaço para alguém tão
	<b>E12:</b> Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar.	<b>E12</b> → Perpetuação do pré-julgamento, visto não haver chances sequer do sujeito discursivo de Jean- Valjean tentar se explicar.	
	<b>E13:</b> Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse: - Dê o fora!	<b>E13</b> → O substantivo comum “víbora” Corroborar com a tese de construção da periculosidade do sujeito Jean ValJean. Sendo mais um que dos	

disse o camponês. Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi-lo passar dois trincos. Um momento depois, a janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora. (Pág. 107)		venenos sociais que deveriam ser evitados.	perigoso viver novamente no meio social.
	<b>E14:</b> - Por piedade, Senhor, um copo de água.	<b>E14</b> → Pedido de clemência à instituição “Família”, já que o estado demonstrava negligente quanto a isso.	
	<b>E15:</b> - Que tal um tiro! – disse o camponês. Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi-lo passar dois trincos. Um momento depois, a janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora.	<b>E15</b> → Confirma a inscrição, também, da instituição família, na FD da figura de periculosidade do ex-detento.	

Ainda nessa linha de que as instituições sociais que compõem a sociedade francesa possuem uma inscrição ideológica nessa formação discursiva de que o sujeito discursivo Jean Valjean e, conseqüentemente, outros detentos são perigosos e devem ser excluídos da sociedade, leio no *E10* (SD3) o pânico que a instituição social família sente em relação à figura do ex-pesidiário. Como já mostrado na SD3, sob o viés do sujeito discursivo Jean Valjean, a desconfiança, o pânico e a necessidade de autoproteção trazida na figura do camponês corroboram com o entendimento do alarme que a figura do ex-presidiário provocava na instituição família, afinal, era a família a célula da sociedade e não poderia abalar sua estrutura moral. Veja: “O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.”

Já na enunciação do *E11* (SD3) lê-se

Ao ouvir as palavras do camponês: *Você será o tal?*... a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do

marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: *Tso-maraude*.<sup>14</sup> (VICTOR HUGO, 2014, p. 107. Grifo do autor)

O *E11* corrobora com a construção de sentido colocado no *E10*, assim como o marido, o camponês, tanto a mulher como os filhos, sentiam pelo sujeito discursivo Jean Valjean o mesmo medo e aversão. Jean Valjean era de fato, na percepção deles, perigoso. Como já mostrado, o substantivo “*Tso-maraude*”, utilizado pelo camponês traz a ideia de uma pessoa sorrateira, de maneira que qualquer um em sua presença deveria ficar extremamente atento, pois era iminente um ato criminoso.

O *E12* (SD3) conclui a rapidez com a qual a sociedade se inscrevia nessa formação discursiva de periculosidade: “Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar.”

No *E13* (SD3): “Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse: - Dê o fora!”, a utilização do substantivo víbora, bem como de gatuno, enfatizam o olhar negativo que pesava sobre o sujeito discursivo Jean.

No *E14* (SD3) a negativa do copo de água suplicado pelo sujeito discursivo Jean Valjean também se configura como a sentença de morte social posta pela instituição família sobre a figura do ex-apanado, veja a resposta que é enunciada pela instituição familiar:

*E15*: - Que tal um tiro! – disse o camponês.

Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi-lo passar dois trincos. Um momento depois, a janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora. (VICTOR HUGO, 2014, p. 107)

Percebo, então, na *SD3* que, assim como a instituição do comércio, bem como a instituição do estado, há, também, por parte da família a inscrição na formação discursiva que mantém sobre o sujeito discursivo Jean Valjean a periculosidade do ex-detento. Essa leitura social já havia se alastrado pela cidade de modo que recaia sobre o sujeito discursivo Jean Valjean a alcunha de gatuno e víbora.

A *SD7* corrobora as outras SDs até agora postas, consolidando e convalidando a percepção no que diz respeito ao perigo posto na figura do ex-presidiário.

Regularidade	Recorte	Percepção	Percepção
--------------	---------	-----------	-----------

<sup>14</sup> Trazer significado corresponde etimologicamente à Gatuno

		<b>enunciativa</b>	<b>Discursiva</b>
<b>SD7:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte: “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de ...(isso é indiferente para vocês), passou dezenove anos na prisão . Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar quatro vezes evadir-se. É um homem muito perigoso.” É isso. Todo mundo me pôs pra fora ! O senhor que me receber, quer?	<b>E25:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte:	<b>E25→</b> Negação da FI construída.	<b>SD7</b> mostra e que negligência a existência do furto famélico cometido por Jean como surgido de um contexto de estado de necessidade, devido a total situação de miserabilidade vivida por sua família, fato presente em “isso é indiferente para vocês”. Com o apagamento do furto, apaga-se também o antigo homem com todas as nuances sociais que o cometera-se. Nasce, por fim, a FI do ex-presidiário merecedor de todo asco social.
	<b>E26:</b> “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de... (isso é indiferente para vocês)	<b>E26→</b> Anulação da origem socio-história , constituição da alcunha que carrega por quase toda a obra liberto, sim, mas condenado um dia.	
	<b>E27:</b> passou dezenove anos na prisão. Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar quatro vezes evadir-se.	<b>E27→</b> Apagamento do furto famélico.	
	<b>E28:</b> É um homem muito perigoso.”	<b>E28→</b> Construção de nova identidade.	
	<b>E29:</b> É isso,. Todo mundo me pôs pra fora! O senhor que me receber, quer?	<b>E29→</b> Reconhecimento da segregação.	

Na SD7 percebo o exato momento em que a própria sociedade, na figura do estado, faz recair sobre o sujeito discursivo Jean a imagem negativa que carrega. Há dizeres postos no passaporte amarelo como “muito perigoso” uma carga social negativa que fundamenta a construção da FI que a enunciação hugoana acabara por se inscrever.

Há por traz da interdiscursividade jurídico-punitiva posta pelo discurso social representado nas falas do dono da estalagem, como do porteiro da prisão e da família a colocação do lugar discursivo em que a França hugoana se inscrevia quando o assunto era o que fazer com um ex-detento.

O que é possível compreender é um discurso de condenação não só jurídica, como também social, a despeito da sentença decretada e cumprida sobre a figura de um ex-condenado, a morte social, haja vista não existir lugar de cabimento possível para esses cidadãos.

### 3.5 Interdiscursividade jurídico-punitiva sobre o Pai/Senhor/prefeito Madeleine

Uma quarta regularidade que desvela a percepção sobre a interdiscursividade jurídico-punitiva em *Os miseráveis* é sobre o Pai/Senhor, prefeito Madeleine.

A despeito do sujeito discursivo, que enuncia as Sds que compõem o recorte da matriz que constitui a interdiscursividade jurídico-punitiva a seguir, ser o Victor Hugo, decidi dedicar um tópico sobre o Pai/Senhor/prefeito Madeleine, pois percebi que é somente quando o sujeito discursivo Jean Valjean deixa de existir dando lugar ao Pai/Senhor/prefeito Madeleine que a total ressocialização se efetiva. Diante deste argumento, passo a analisar as SDs que corroboram com esse entendimento.

A *SD19*, deixa entrever a ausência de qualquer perigo na figura desse outro sujeito discursivo. Veja:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD19:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal. O tal homem lançara-se ao fogo, e salvara, arriscando a própria vida, duas crianças, filhos do capitão da guarda, o que ensejou não lhe pedirem seu passaporte. Desde então, conheceu-se	<b>E59:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal.	<b>E59</b> → Marcas de formação discursiva de periculosidade que ainda recai sobre o sujeito discursivo de Jean Valjean posta no adverbio de modo “bruscamente”	Na <b>SD19</b> percebemos, ainda, marcas da periculosidade
	<b>E60:</b> O tal homem lançara-se ao fogo, e salvara, arriscando a própria vida, duas crianças, filhos do capitão da guarda, o que ensejou não lhe pedirem seu passaporte. Desde então, conheceu-se seu nome.	<b>E60</b> → Ausência da imagem construída pelo passaporte amarelo, logo, não existência do ser perigoso.	

seu nome. Chamava-se Pai Madeleine. (Pág. 202)	<b>E61:</b> Chamava-se Pai Madeleine.	<b>E61</b> → Nascimento de novo sujeito discursivo: Pai/Sr. Madeleine.	
--	---------------------------------------	--	--

No *E59*, o sujeito discursivo Jean Valjean, já tomando sobre si a ideologia posta pela formação discursiva de que ele era perigoso, encarna a obscuridade que a sociedade francesa lhe impôs, de modo que ao adentrar na cidade de Montreuil-sur-Mer, o sujeito discursivo Victor Hugo descreve que ele havia entrado de maneira obscura. Este advérbio de modo “obscuramente” ratifica a leitura de que a alma do sujeito discursivo Jean Valjean havia se escurecido e embrutecido diante de tantas negativas por ajuda.

No *E60*, o sujeito discursivo Victor Hugo aponta como Jean Valjean lança-se ao fogo para salvar duas crianças em meio a um incêndio. O ato de lançar-se ao fogo para salvar dois desconhecidos faz renascer em meio à obscuridade da lama de Jean Valjean uma centelha de esperança de sua ressocialização. Tal ato de misericórdia rende a ele a desnecessidade de apresentar ao capitão da guarda o passaporte amarelo que pesou sobre ele na cidade de Digne. Foi uma ocasião em que Jean Valjean não teve que se remeter à sua história pregressa, ninguém via nele um ser perigoso, mas tão somente um viajante qualquer.

O *E61* traz a inscrição em uma outra formação discursiva: a de sujeito reintegrado socialmente e inserido em uma outra história. Naquele momento, morria Jean Valjean e nascia o Pai Madeleine. Se for analisar a gênese do nome “Madeleine”, vejo que ela tem uma significação acerca da inscrição discursiva de Jean Valjean nessa outra formação discursiva. Tenho então, Madeleine como uma variante francesa do nome Madalena, nome de origem grega *Magdaléne*, que pode ser traduzido como “habitante de Magdala”. Possui ainda o significado “aquele que vive na Torre de Deus”<sup>15</sup>. Entendo, então, como uma retomada de uma alusão ao discurso religioso que traz em evidência a figura de Maria Madalena, personagem bíblica que se arrepende de seu passado de pecados ao entrar em contato com a doutrina preconizada por Jesus Cristo. Há na utilização deste nome o peso semântico de que o sujeito discursivo Jean Valjean estaria arrependido dos seus pecados e que teria a partir daquele momento outra vida, a de um cidadão não reincidente disposto a ajudar ao próximo.

Outro ponto que chamou a atenção foi a utilização do substantivo comum “Pai” grafado com letra maiúscula, haja vista a gramática normativa prescrever que somente substantivos próprios devem ser grafados com letra inicial maiúscula. Ao utilizar a letra maiúscula nesse substantivo comum, o sujeito discursivo Victor Hugo particulariza o “Pai”

<sup>15</sup> Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/madeleine/>>>

Madeleine como o grande pai da cidade de Montreuil-sur-Mer, pai esse que zelaria pelo bem estar dos seus filhos, mas, em especial, pelos mais necessitados socialmente.

A *SD20* valida a figura que emerge da prevenção especial, sendo o Pai Madeleine um ser bondoso, veja:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD20:</b> Era um homem de aproximadamente cinquenta anos, com aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele. (Pág. 202)	<b>E62:</b> Era um homem de aproximadamente cinquenta anos, com aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele.	<b>E62</b> → Construção de novo lugar discursivo para Jean Valjean, agora, Pai Madeleine.	<b>SD21</b> demonstra a ressocialização de Jean valjean

No *E62* de *SD20* tenho por parte do sujeito discursivo Victor Hugo, a descrição física do Pai Madeleine, de modo que o histórico de periculosidade que recaia outrora sobre ele, nesse momento da discursividade da obra, passa a inexistir, restando, de toda segregação social, apenas um ar de preocupação, considerado na presença de uma oração coordenada adversativa “mas era um homem bom”. A construção dessa outra percepção é encerrada na afirmação do sujeito discursivo Victor Hugo ao enunciar: “isso era tudo o que eu podia dizer a ele.” Ou seja, o que havia no Pai Madeleine e que era possível ver socialmente era sua bondade.

Na *SD21* tenho mais um exemplo do enquadramento de Jean Valjean, agora Pai Madeleine, nos moldes de um cidadão reintegrado socialmente.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD21:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão. Pai Madeleine pedia aos homens que tivessem boa vontade, às mulheres	<b>E63:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão.	<b>E63</b> → Ajuda ao próximo em decorrência de sua ressocialização.	<b>SD21</b> apresenta a ratificação da ressocialização do sujeito discursivo de Jean Valjean, capaz de ajudar ao
	<b>E64:</b> Pai Madeleine	<b>E64</b> → Inscrição no	

bons costumes, e a todos, probidade. (Pág. 203)	pedia aos homens que tivessem boa vontade, às mulheres bons costumes, e a todos, probidade.	sistema legal	próximo.
---	---	---------------	----------

No *E63* o sujeito discursivo Victor Hugo mostra a inscrição discursiva do Pai Madeleine numa formação discursiva que tinha a necessidade de ajudar ao próximo. Compreendo isso como uma retomada da memória discursiva em que o Pai Madeleine acaba por reproduzir discursivamente em suas ações a mesma atitude que o bispo de Digne teve com ele no momento em que passava fome e frio naquela cidade. Esse pecador arrependido fazia pelos outros o mesmo gesto cristão que o bispo fizera por ele no passado: dava um pão a quem tinha fome.

Já no *E64* o sujeito discursivo Victor Hugo mostra o Pai Madeleine, já inserido outra vez no ordenamento social, obedecendo às normas sociais e morais e repassando essas normas a todos com que tinha contato. Isso desvela uma total submissão ao sistema legal da época.

A *SD21* desvela que a questão da ressocialização de Jean Valjean tem ligação com a memória discursiva do bispo de Digne. E essa ligação se dá de forma intrínseca que ele acaba por reproduzir as boas ações que o bispo tivera com ele.

Ainda corroborando com a tese da ressocialização do sujeito discursivo Jean Valjean, a *SD22* associa a prosperidade de Montreuil-sur-Mer a presença do Pai Madeleine (Jean Valjean).

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD22:</b> De resto, sua vinda fora um bem, e sua presença, uma providência. Antes de sua chegada, tudo esmorecia naquela terra; agora, tudo ali tinha a vida sadia do trabalho. (Pág. 203)	<b>E65:</b> De resto, sua vinda fora um bem, e sua presença, uma providência. Antes de sua chegada, tudo esmorecia naquela terra; agora, tudo ali tinha a vida sadia do trabalho.	<b>E65</b> → A presença do Pai Madeleine é associada a uma benção.	<b>SD22</b> traz a associação entre a prosperidade que Montreuil-sur-Mer vivia a presença do pai Madeleine.



Há no *E65* a afirmação do sujeito discursivo Victor Hugo de que a vinda do Pai Madeleine para Montreuil-sur-Mer só havia trazido bons ventos, pois desde sua chegada na cidade o que era matéria de esmorecimento deu lugar à vida sadia do trabalho. Havia na presença do Pai Madeleine uma carga espiritual positiva, e isso é entendido na utilização do substantivo “providência”, retomando a memória discursiva da inscrição no discurso religioso do bispo de Digne. Novamente, o sujeito discursivo Victor Hugo associa a questão da ressocialização do sujeito discursivo Jean Valjean a uma questão religiosa, um desígnio divino, uma providência.

Na *SD23*, tenho *E66* que ratifica a tese da reinserção do sujeito discursivo Jean Valjean à sociedade.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD23:</b> Pai Madeleine empregava todo o mundo, fazendo uma única exigência: “Seja um homem honesto, seja uma mulher honesta!” (Pág. 203)	<b>E66:</b> Pai Madeleine empregava todo o mundo, fazendo uma única exigência: “Seja um homem honesto, seja uma mulher honesta!”	<b>E66</b> → Outra comprovação da adequação ao sistema legal.	<b>SD23</b> as exigências feitas pelo Pai Madeleine comprovam sua reinserção ao sistema legal.

O sujeito discursivo Jean Valjean, ao inscrever-se no lugar discursivo de Pai Madeleine traz uma inscrição no discurso moral e legal. O que compreendo nessa ação é que suas referências de comportamento eram constitutivas dessa outra inscrição discursiva, o que comprova a compreensão de sua ressocialização.

Na *SD24*, leio a reconstrução econômica do sujeito discursivo Jean Valjean:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD24:</b> Em 1820, sabia-se que tinha uma quantia de seiscentos e trinta mil francos, depositada em seu nome no banco Laffite; antes, porém de reservar para si esses seiscentos e	<b>E67:</b> Em 1820, sabia-se que tinha uma quantia de seiscentos e trinta mil francos, depositada em seu nome no banco	<b>E67</b> → Reestruturação da via financeira de Jean Valjean/Pai Madeleine	<b>SD24</b> mostra a reconstrução da vida de Jean Valjean em Pai Madeleine e ainda traz à tona, mais uma vez, a retomada da memória discursiva das ações do Bispo de Digne.
	<b>E68:</b> [...] antes, porém de reservar para si esses	<b>E68</b> → Antes, porém, de preocupar-se em construir um	

trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres. (Pág. 203)	seiscentos e trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres.	patrimônio, Pai Madeleine preocupa-se com o bem estar do seu próximo	
--	--	--	--

No *E67* o sujeito discursivo Victor Hugo traz à luz a reestruturação financeira de Jean Valjean, agora Pai Madeleine, de modo que em *E68* nos remete à memória discursiva que se no passado ele, para ajudar os seus familiares tivera que cometer um crime, agora ele poderia por meios legais ajudar a cidade e aos pobres.

Logo, na *SD24*, leio no ato de ajuda aos pobres, uma retomada da memória discursiva do bispo de Digne, principal responsável por sua ressocialização.

A *SD25* corrobora o enunciado na *SD24*, veja:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD25:</b> O hospital estava mal dotado; ele acrescentou mais dez leitos. Montreuil-Sur-Mer era dividida em cidade baixa era dividida em cidade alta e cidade baixa. A cidade baixa, onde ele habitava, tinha apenas uma escola, péssimo casebre em ruínas; construiu mais duas, uma para meninas e outra para meninos. Pagava do próprio bolso, aos dois professores o dobro do magro ordenado oficial, dizendo um dia a alguém que se admirava disso: “Os dois principais funcionários do Estado são o professor e a ama.” Criara, a suas expensas, uma casa	<b>E69:</b> O hospital estava mal dotado; ele acrescentou mais dez leitos. Montreuil-Sur-Mer era dividida em cidade baixa era dividida em cidade alta e cidade baixa. A cidade baixa, onde ele habitava, tinha apenas uma escola, péssimo casebre em ruínas; construiu mais duas, uma para meninas e outra para meninos. Pagava do próprio bolso, aos dois professores o dobro do magro ordenado oficial, dizendo um dia a alguém que se admirava disso: “Os dois principais funcionários do Estado são o professor e a ama.” Criara, a suas expensas, uma casa	<b>E69</b> → Rol das inúmeras ações boas efetivadas pelo Pai Madeleine. Há uma retomada constante em suas ações da memória discursiva do Bispo de Digne.	<i>SD25</i> percebemos que apesar da sua ascensão financeira, o senhor Madeleine ainda se sentia como um dos inúmeros pobres que ajudava, isso entendido no fato de residir na cidade baixa. O contato diário com os que lá moravam faz com que ele perceba a necessidade da poluição, quais sejam: a construção de escolas, pagando os professores do próprio bolso o dobro do ordenado. E ele via na educação um papel de grande importância para evolução da pessoa como cidadão, ao passo de dizer que o professor era um dos principais funcionários do

de asilo, coisa então quase desconhecida na França, e uma assistência para os operários velhos e enfermos. Sendo sua fábrica um centro, rapidamente surgiu em torno dela um novo bairro, onde havia grande número de famílias indigentes; ali estabeleceu uma farmácia gratuita. (p. 203)	de asilo, coisa então quase desconhecida na França, e uma assistência para os operários velhos e enfermos. Sendo sua fábrica um centro, rapidamente surgiu em torno dela um novo bairro, onde havia grande número de famílias indigentes; ali estabeleceu uma farmácia gratuita. (p. 203)		Estado, porque fornecia alimento intelectual. Dentre as suas ações de caridade, também construiu um asilo, coisa rara na França da época. Também uma assistência financeira para operários velhos e enfermos, como se fosse uma espécie de aposentadoria e auxílio doença. Não bastasse isso tudo, ainda construiu uma farmácia que distribuía remédios gratuitos aos cidadãos pobres que construíram suas vidas no entorno da sua fábrica.
---	---	--	---

No *E70* da SD25 vejo o rol das inúmeras boas ações efetivadas pelo Pai Madeleine. Há uma retomada constante em suas ações da memória discursiva do Bispo de Digne.

Nessa memória discursiva percebo que apesar da sua ascensão financeira, o Senhor Madeleine ainda se sentia como um dos inúmeros pobres que ajudava, isso entendido no fato de residir na cidade baixa. O contato diário com os que lá moravam fazia com que ele percebesse a necessidade da população, quais sejam: a construção de escolas, pagando os professores do próprio bolso o dobro do ordenado. Ele via na educação um papel de grande importância para a evolução da pessoa como cidadão, além de considerar que o professor era um dos principais funcionários do Estado, porque fornecia alimento intelectual. Dentre as suas ações de caridade, também construiu um asilo, coisa rara na França da época. Também uma assistência financeira para operários velhos e enfermos, como se fosse uma espécie de aposentadoria e auxílio doença. Não bastasse isso, ainda construiu uma farmácia que distribuía remédios gratuitos aos cidadãos pobres que moravam no entorno da sua fábrica.

Vejo, então, na retomada dessa memória discursiva, como o sujeito discursivo Jean Valjean fora interpelado pelo lugar discursivo ocupado pelo bispo de Digne, a ponto de começar a reproduzir suas boas ações, de modo que elas se tornaram parte constitutiva de sua

outra inscrição enquanto sujeito discursivo, Pai Madeleine, que era efetivamente um grande pai para a cidade de Montreuil-sur-Mer.

No entanto, apesar das benfeitorias feitas pelo Pai Madeleine, que ratifica a ressocialização do sujeito discursivo Jean Valjean, existem em Montreuil-sur-Mer “boas almas” que desqualificam essa ajuda. Veja a *SD26*.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD26:</b> Nos primeiros tempos, quando o viram começar, as boas almas disseram: “É um espertalhão que quer enriquecer”. Quando o viram enriquecer a cidade antes de enriquecer a si próprio, as mesmas boas almas disseram: “É um ambicioso.” Isso parecia ainda mais provável porque aquele homem era religioso, e, em certa medida, até mesmo praticante, coisa muito bem vista naquela época. Assistia regularmente a missa todos os domingos. (p. 204)	<b>E71</b> Nos primeiros tempos, quando o viram começar, as boas almas disseram: “É um espertalhão que quer enriquecer”. Quando o viram enriquecer a cidade antes de enriquecer a si próprio, as mesmas boas almas disseram: “É um ambicioso.” Isso parecia ainda mais provável porque aquele homem era religioso, e, em certa medida, até mesmo praticante, coisa muito bem vista naquela época. Assistia regularmente a missa todos os domingos. (p. 204)	<b>E71</b> → Apesar de todas as suas benfeitorias algumas “boas almas” o via com resistência.	Em <b>SD26</b> percebemos o sarcasmo colocado pelo sujeito discursivo de Victor Hugo ao utilizar a expressão “as boas almas”, uma vez que de bom não havia nada nessas pessoas, pois mesmo diante das boas ações praticadas pelo sujeito discursivo de Jean Valjean/Pai Madeleine elas ainda questionavam essas ações, nem por vezes se inspirando nisso e copiando.

Na *SD26* percebo o sarcasmo colocado pelo sujeito discursivo Victor Hugo ao utilizar a expressão “as boas almas”, uma vez que de bom não havia nada nessas pessoas, pois mesmo diante das boas ações praticadas pelo sujeito discursivo Jean Valjean/Pai Madeleine elas ainda questionavam essas ações, por vezes se inspirando nelas e copiando-as.

Essa ideia ainda permanece presente na *SD27*, reforçando essa percepção maldosa das “boas almas”:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD27:</b> Ainda dessa	<b>E72:</b> Ainda dessa	<b>E72</b> → Reforça a	<b>SD27</b> A falta de

vez, as boas almas não sentiram impedidas de dizer: “è um homem ignorante e de pouca educação. Não se sabe de onde saiu. Ele não saberia portar-se em sociedade. Nem está provado que saiba ler.” (p. 205)	vez, as boas almas não sentiram impedidas de dizer: “É um homem ignorante e de pouca educação. Não se sabe de onde saiu. Ele não saberia portar-se em sociedade. Nem está provado que saiba ler.” (p. 205)	percepção maldosa das “boas almas”.	abertura para que as pessoas da cidade adentrassem na intimidade do pai Madeleine abria possibilidades para os comentários mais maldosos possíveis.
--	--	-------------------------------------	---

Assim, percebo, também, na *SD27* que a falta de abertura para que as pessoas de Montreuil-sur-Mer adentrassem na intimidade do pai Madeleine abria possibilidades para comentários maldosos. O sujeito discursivo Jean Valjean, ao assumir sua inscrição no lugar discursivo de Pai Madeleine torna-se recluso, não por medo de que seu passado viesse à tona, mas porque esse silêncio contemplativo o possibilitava ver como mais clareza às necessidades sociais.

E a maldade colocada pelas boas almas sobre o Pai Madeleine não cessavam, a *SD28* reforça essa denúncia trazida pelo sujeito discursivo Victor Hugo:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD28:</b> Quando o viram ganhar dinheiro, disseram: “É um negociante”. Quando o viram semear esse dinheiro, disseram: “É um ambicioso”. Quando o viram repelias as honras. Disseram: “É um aventureiro”. Quando o viram repelir todo mundo, disseram: “É um bruto.” (p. 205)	<b>E73:</b> Quando o viram ganhar dinheiro, disseram: “É um negociante”. Quando o viram semear esse dinheiro, disseram: “É um ambicioso”. Quando o viram repelias as honras. Disseram: “É um aventureiro”. Quando o viram repelir todo mundo, disseram: “É um bruto.”	<b>E73</b> → Reforça a percepção maldosa das “boas almas”.	<b>SD28</b> mostra a concepção de uma sociedade francesa fragmentada por estratos sociais. Aqueles que não se enquadrassem nos padrões sociais de nobreza posto eram rotulados, pouco se importava se seu comportamento era benéfico ou não à sociedade.

No *E69* de *SD 28* o sujeito discursivo Victor Hugo desvela à inscrição discursiva de uma sociedade fragmentada por estratos sociais. De maneira que aqueles que não se enquadrassem nos padrões sociais da nobreza eram rotulados, afinal, havia um molde de

como ser da classe dos que detinham os meios de produção. Não eram as boas ações que definiam o caráter social de qualquer cidadão, mas tão somente o fato de estarem inscritos nessa formação discursiva da nobreza de sentimentos e boas ações, por isso ao não se render aos convites para ser inserido nessa formação discursiva, o sujeito discursivo Jean Valjean/Pai Madeleine é rotulado como: negociante, ambicioso, aventureiro e por fim bruto.

As ações de benfeitorias e que demonstravam a evolução do sujeito discursivo Jean Valjean foram tamanhas que fora escolhido prefeito de Montreuil-sur-Mer, veja SD29:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD29:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito. (p. 205)	<b>E74:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito.	<b>E74</b> → Apresentação a evolução do sujeito discursivo de Jean Valjean	<b>Em SD29</b> o sujeito discursivo de Victor Hugo mostra ascensão do sujeito discursivo de Jean Valjeas, saindo de um ex-detento e tornando-se prefeito de Montreuil-sur-Mer.

Na *SD29* o sujeito discursivo Victor Hugo mostra a ascensão do sujeito discursivo Jean Valjean, saindo de um ex-detento e tornando-se prefeito de Montreuil-sur-Mer.

Jean Valjean que no passado fora um ex-condenado aos trabalhos forçados nas Galés havia se mudado de forma significativa que o sujeito discursivo Victor Hugo o ascende a Pai Madeleine, cuja bondade de caráter e nobreza de ações são descritas em inúmeros momentos na discursividade da obra. No entanto, no reconhecimento do seu caráter, muitos diante de sua retidão moral começaram a trata-lo por senhor Madeleine, aquele que outrora fora expulso como a um cachorro da cidade de Digne tinha tomado por denominação esse pronome de tratamento. Porém, sua ascensão como pessoa humana, cidadão reintegrado à sociedade francesa e ressocilaizado atingiria o grau máximo ao ser eleito o prefeito de Montreuil-sur-Mer.

No entanto, essa ressocialização se dera de forma visível, neste gesto de interpretação, pelo contato do sujeito discursivo Jean Valjean com a formação discursiva religiosa da qual o bispo de Digne fora interpelação e que passou a fazer parte das inscrições discursivas de Jean Valjean, como verei em *SD30*:

Regularidade	Recorte	Percepção	Percepção
--------------	---------	-----------	-----------

		enunciativa	Discursiva
<p><b>SD30:</b> Um dia, ao ver uns aldeões muito atarefados arranco as urtigas, olhou para aquele amontoado de plantas arrancadas e já secas, dizendo: “Já estão mortas, mas seria bom se soubesse aproveitá-las. A folha da urtiga, enquanto tenra, é um excelente legume; e depois de velha, tem filamentos e fibras, como o linho e o cânhamo. O tecido da urtiga é tão bom como o de cânhamo. Cortada, é boa para as aves; moída é boa para os bovinos. A semente da urtiga, misturada à comida dá brilho ao pelo do gado, e a raiz misturada com sal produz uma bela cor amarela, além de ser ainda um excelente pasto que se pode segar duas vezes. E de que uma urtiga precisa? Um pouco de terra, nenhum cuidado, nenhuma cultura. Só custa colher a semente que vai caindo quando enquanto amadurece, mais nada. Com mais algum trabalho, a urtiga, a urtiga seria útil; como é desprezada, torna-se nociva, e então a destroem. Quantos homens se parecem</p>	<p><b>E75:</b> Um dia, ao ver uns aldeões muito atarefados arranco as urtigas, olhou para aquele amontoado de plantas arrancadas e já secas, dizendo: “Já estão mortas, mas seria bom se soubesse aproveitá-las. A folha da urtiga, enquanto tenra, é um excelente legume; e depois de velha, tem filamentos e fibras, como o linho e o cânhamo. O tecido da urtiga é tão bom como o de cânhamo. Cortada, é boa para as aves; moída é boa para os bovinos. A semente da urtiga, misturada à comida dá brilho ao pelo do gado, e a raiz misturada com sal produz uma bela cor amarela, além de ser ainda um excelente pasto que se pode segar duas vezes. E de que uma urtiga precisa? Um pouco de terra, nenhum cuidado, nenhuma cultura. Só custa colher a semente que vai caindo quando enquanto amadurece, mais nada. Com mais algum trabalho, a urtiga, a urtiga seria útil; como é desprezada, torna-se nociva, e então a destroem.</p>	<p><b>E75</b> → O sujeito discursivo de Victor Hugo, por meio do discurso indireto dá voz ao sujeito discursivo de Jean Valjean para contar uma parábola a alguns aldeões. Temos aqui uma retomada do discurso religioso posto pelo Bispo de Digne.</p>	<p>Há em <b>SD30</b> a utilização de uma discursividade religiosa que faz retomar a sócio-história do sujeito discursivo de Jean Valjean. Assim como a urtiga ele também fora desprezado e tornou-se nocivo, porém, só quando o bispo de Digne, um bom cultivador, viu nele a possibilidade de ser reintegrado à sociedade. É visível como há uma ligação direta entre a possibilidade de ressocialização com o discurso religioso.</p>
	<p><b>E76:</b> Quantos homens se parecem</p>	<p><b>E76</b>→ Fechamento da parábola,</p>	

com urtigas!” E acrescentou, depois de uma pausa: “Meus amigos, lembre-se disso, não há ervas más, nem homens maus, mas sim maus cultivadores.” (p. 206 - 207)	com urtigas!” E acrescentou, depois de uma pausa: “Meus amigos, lembre-se disso, não há ervas más, nem homens maus, mas sim maus cultivadores.	evocando a memória discursiva de sua própria historicidade.	
--	--	---	--

No *E75* o sujeito discursivo Victor Hugo, ao apoiar-se no discurso indireto dá voz ao sujeito discursivo Jean Valjean. É nesse momento que ao contar uma parábola ao aldeões posso perceber a retomada da inscrição no discurso religioso posto pelo Bispo de Digne emerge por meio da memória discursiva.

Já no *E76*, quando o sujeito discursivo Jean Valjean/Pai Madeleine fecha a parábola, ele evoca essa discursividade a sua inscrição sócio-histórica de ex-apenado que naquela época era segregado pela sociedade francesa e pelo estado francês.

Assim, a *SD30* desvela a inscrição em uma discursividade religiosa que faz retomar as inscrições sócio-históricas do sujeito discursivo Jean Valjean. Assim, Jean Valjean, quando o bispo de Digne o oportuniza com a possibilidade de ser reintegrado à sociedade, o devolve a condição de cidadão digno. Logo, noto que há uma estreita ligação entre a ressocialização moral e o respeito às normas legais pelo sujeito discursivo Jean Valjean com a inscrição discursiva em uma formação discursiva religiosa na qual o bispo de Digne estava inscrito.

A interpelação por essa discursividade religiosa fora significativa porque não havia limites para as benfeitorias realizadas pelo sujeito discursivo Jean Valjean/Pai Madeleine. Veja *SD31*:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD31:</b> Praticava uma infinidade de boas ações, escondendo-se como quem se esconde das más. À noite, entrava furtivamente nas casas subia cauteloso as escadas. Às vezes, um pobre homem, chegando em seu	<b>E77:</b> Praticava uma infinidade de boas ações, escondendo-se como quem se esconde das más.	<b>E77→</b> Não havia limites para suas benfeitorias.	Em <b>SD31</b> temos a perpetuação das inúmeras benfeitorias do Pai Madeleine. Porém, apesar dessa descrição, há a evidenciação da ressocialização de Jean Valjean, agora pai Madeleine, no momento em que ele
	<b>E78:</b> À noite, entrava furtivamente nas casas subia cauteloso as escadas. Às vezes, um pobre homem, chegando em seu	<b>E78:→</b> Há nesse enunciado uma contraposição com a ação que no passado o levava a ser detido e a viver toda a sua	



<p>casebre encontrava a porta aberta, até mesmo forçada enquanto estivera ausente. Vendo isso, exclamava: algum malfeitor esteve aqui! Porém, ao entrar, a primeira coisa que via era uma moeda de ouro deixada em cima de algum móvel. O “malfeitor” que por ali havia andado era Pai Madeleine. (p. 207)</p>	<p>casebre encontrava a porta aberta, até mesmo forçada enquanto estivera ausente. Vendo isso, exclamava: algum malfeitor esteve aqui! Porém, ao entrar, a primeira coisa que via era uma moeda de ouro deixada em cima de algum móvel.</p>	<p>saga jurídica e social. Se no passado ele arrombara uma casa para furta um pão para matar a fome da sua família e dos seus, agora e fazia o caminho inverso, arrombara casa para matar à fome dos que necessitavam de comida.</p>	<p>se propõe a pagar sua dívida social fazendo exatamente o oposto do crime que ele cometera no passado e o que levava a 19 anos de trabalhos forçado nas Gales. Agora, ao invés de tomar para si de maneira sorrateira um bem alheio, ele “invadia” as casas dos pobres para deixar para ele uma moeda de ouro que fosse capaz de saciar as suas necessidades. Nesse novo meio de “invasão, colocado pelo sujeito discursivo de Victor Hugo, Jean Valjean retira de si a alcunha de invasor de propriedade privada e ladrão. Ele efetivamente pagou sua dívida com o Estado e com a sociedade francesa. Não há mais um malfeitor sobre o sujeito de Jean Valjean, mas o Pai Madeleine, aquele que se preocupa e cuida de todos que estão a sua volta.</p>
	<p><b>E79:</b> O “malfeitor” que por ali havia andado era Pai Madeleine.</p>	<p><b>E79→</b> Nesse enunciado o sujeito discursivo de Victor Hugo retira totalmente de Jean Valjean, agora Pai Madeleine, a alcunha de malfeitor e de sua “provável” periculosidade à sociedade francesa, não cabia mais no sujeito discursivo de Jean Valjean a inscrição nessa formação discursiva, ele de fato estava reintegrado à sociedade.</p>	

O *E77* traz o apontamento por parte do sujeito discursivo Victor Hugo da infinidade de benfeitorias praticadas por Jean Valjean, de modo que culmina no *E78* com uma contraposição com a ação que no passado o levava a ser detido e a viver toda a sua saga jurídica e social. Se no passado ele arrombara uma casa para furtar um pão para matar a fome da sua família e dos seus, agora e fazia o caminho inverso, adentrava as casas para matar à fome dos que necessitavam de comida.

Dessa forma, no *E79*, o sujeito discursivo Victor Hugo retira totalmente de Jean Valjean, agora Pai Madeleine, a alcunha de malfeitor e de sua “provável” periculosidade à sociedade francesa, inscrição que já não cabia mais no sujeito discursivo Jean Valjean, uma vez que ele de fato estava reintegrado socialmente.

Na *SD32* tenho, então, a perpetuação das inúmeras benfeitorias do Pai Madeleine. Porém, apesar dessa descrição, há a evidenciação do processo de ressocialização de Jean Valjean, agora pai Madeleine, no momento em que ele se propõe a pagar sua dívida social, fazendo exatamente o oposto do crime que ele cometera no passado e o que levava a 19 anos de trabalhos forçado nas Galés. Dessa vez, ao invés de tomar para si de maneira sorrateira um bem alheio, ele “invadia” as casas dos pobres para deixar para eles uma moeda de ouro que fosse capaz de saciar as suas necessidades. Nessa outra forma de “invasão”, colocado pelo sujeito discursivo Victor Hugo, Jean Valjean retira de si a alcunha de invasor de propriedade privada e ladrão. Ele efetivamente pagou sua dívida com o Estado e com a sociedade francesa. Não há mais um malfeitor sobre o sujeito Jean Valjean, mas o Pai Madeleine, aquele que se preocupa e cuida de todos que estão a sua volta.

O ápice dessa reintegração social de Jean Valjean é desvelada pelo sujeito discursivo Victor Hugo na *SD32*, Veja:

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD32:</b> Pouco a pouco, e com o passar do tempo, tinham caído todas as oposições. No princípio, houve contra o senhor Madeleine um tipo de lei a que estão sujeitos todos os que se destacam: perversidades e calúnias; depois, foram apenas insinuações maldosas, em seguida, não passavam de ditos maliciosos, e, afinal tudo isso desvaneceu inteiramente, o	<b>E80:</b> Pouco a pouco, e com o passar do tempo, tinham caído todas as oposições.	<b>E80</b> → Queda da resistência social com Pai Madeleine.	Em <b>SD32</b> temos o fechamento da ascensão do sujeito discursivo do Pai Madeleine, agora com o status de Senhor Madeleine,, não mais existia sobre ele a possibilidade de comentários maldosos em decorrência do desconhecimento de sua origem. Não pesava mais sobre os seus ombros calúnias, insinuações. E sua evolução como pessoa humana, pessoa do bem,
	<b>E81:</b> No princípio, houve contra o senhor Madeleine um tipo de lei a que estão sujeitos todos os que se destacam: perversidades e calúnias; depois, foram apenas insinuações maldosas, em seguida, não passavam de ditos maliciosos, e, afinal tudo isso desvaneceu inteiramente, o respeito tornou-se	<b>E81</b> → Ascensão de ex-condenado pecador à figura de um santo.	

respeito tornou-se completo, unânime, cordial; e chegou um momento, em 1821, em que as palavras <i>senhor</i> <i>prefeito</i> foram pronunciadas quase no mesmo tom em que se pronunciava Monsenhor Bievenu em Digne, em 1815.	completo, unânime, cordial; e chegou um momento, em 1821, em que as palavras <i>senhor</i> <i>prefeito</i> foram pronunciadas quase no mesmo tom em que se pronunciava Monsenhor Bievenu em Digne, em 1815.		absolutamente reintegrada à sociedade fora tamanha que agora o que pesava sobre ele era a comparação com o Bispo de Digne, o Monsenhor Bievenu. O sujeito discursivo de Jean Valjean passara por uma transformação profunda como pessoa humana que vira impregnar sobre si toda as memórias discursivas do bispo de Digne. Nessa simbiose com o discurso religioso, haja vista que fora o único que lhe abria as portas para uma ressocialização efetiva, Jean Valejan tornara-se Pai Madeleine, pai dos pobres e desvalidos e, por conseguinte, Senhor prefeito Madeleine, ocupando o mais alto posto social da sociedade de Montreuil-sur-Mer. Tornou-se, por fim, o conselheiro e juiz de todos, o pacificador.
Vinha gente de dez léguas dali para consultar o senhor Madeleine. Ele punha fim às disputas, impedia processos, reconciliava os inimigos. Cada qual o tomava por juiz de seus direitos. Parecia ter na alma o livro da lei natural. Era como um contágio de veneração, que em seis ou sete anos, e progressivamente, tomou conta de toda a região. (p. 210)	<b>E82:</b> Vinha gente de dez léguas dali para consultar o senhor Madeleine. Ele punha fim às disputas, impedia processos, reconciliava os inimigos. Cada qual o tomava por juiz de seus direitos. Parecia ter na alma o livro da lei natural. Era como um contágio de veneração, que em seis ou sete anos, e progressivamente, tomou conta de toda a região.	<b>E82→</b> Total ressocialização construída em contato com o discurso religioso a ponto de tronar-se conselheiro e juiz para a sociedade francesa.	

No *E80* o sujeito discursivo Victor Hugo mostra que não mais pesava sobre o sujeito discursivo Jean Valjean barreiras sociais, que a resistência do passado, desconhecido da sua outra inscrição enquanto sujeito discursivo Pai Madeleine, havia caído por terra.

Esse fato, portanto, leva a um outro momento da vida desse sujeito discursivo que é mostrado no *E81*, de maneira tal que aquele que outrora foi visto como escória social, como um pecador, agora era equiparado a figura de um homem digno, a exemplo do bispo de Digne.

Já no *E82*, tem-se a total ressocialização do sujeito discursivo Jean Valjean, de modo que tonara-se, na figura do sujeito discursivo Pai/Senhor/Prefeito Madeleine, um conselheiro, um juiz, um pacificador.

Na *SD32* tenho, finalmente, o fechamento da ascensão do sujeito discursivo Pai Madeleine (Jean Valjean), agora com o *status* de Senhor Madeleine. Não mais existia sobre ele a possibilidade de comentários maldosos em decorrência do desconhecimento de sua origem. Não pesava mais sobre os seus ombros calúnias e insinuações. Sua evolução como pessoa humana, pessoa de bem, absolutamente reintegrada à sociedade fora tamanha que agora o que pesava sobre ele era a comparação com o Bispo de Digne, o Monsenhor Bievenu, homem santo e querido por todos daquela cidade. O sujeito discursivo Jean Valjean passara por uma transformação profunda como pessoa humana, reintegrado, inscreve-se definitivamente na memória discursiva do bispo de Digne. Nessa simbiose de inscrições no discurso religioso, haja vista que o bispo fora o único que lhe abria as portas para uma ressocialização efetiva, Jean Valjean tornara-se Pai Madeleine, pai dos pobres e desvalidos e, por conseguinte, Senhor prefeito Madeleine, ocupando o mais alto posto social da sociedade de Montreuil-sur-Mer. Tornou-se, por fim, o conselheiro e juiz, o pacificador.

Fora preciso Jean Valjean abdicar do seu nome, nome esse que trazia as marcas de um estigma social perpetuado pelo estado na figura do passaporte amarelo. Não fora dado a ele a possibilidade de ressocialização, pois o próprio, que no passado havia tirado dele o seu direito de ir e vir ao impor-lhe a dura pena de trabalhos forçados nas Galés, também o impusera uma morte social, cuja ressurreição de um cidadão digno de aceitação social foi introduzida pela inscrição em uma discursividade religiosa, representada pela interpelação de Monsenhor Bievenu, bispo de Digne, que lhe dera guarida.

Há, por fim, na regularidade da interdiscursividade jurídico-punitiva sobre Madeleine uma estrita ligação do apontamento do sujeito discursivo Victor Hugo de que a única instituição social que possibilitava o retorno social de um ex-condenado à sua época, acreditando na possibilidade de sua ressocialização, era a igreja. Era somente na inscrição em uma formação discursiva religiosa que um ex-presidiário encontrava suporte para sua provável reintegração social, haja vista o fato de que o estado, bem como a sociedade lhes fechavam as oportunidades.

### **3.6 As interrelações do processo de interdiscursividade nos diferentes lugares discursivos**

Este tópico tem como objetivo responder à seguinte pergunta de pesquisa a saber: quais os efeitos de sentidos advindos dessa inscrição?

Ao analisar cada uma das SDs e dos enunciados operadores que as constitui, pôde-se observar que, ao enunciarem, os sujeitos discursivos que compõem as matrizes de cada interdiscursividade se inscrevem em formações discursivas específicas deixando entrever qual a interdiscursividade jurídico-punitiva que os constituem como sujeitos discursivos que são. Assim, os discursos nos quais cada um deles inscrevem os seus dizeres coexistem com outros discursos que provêm de outros lugares discursivos que ocupam, de outras formações discursivas nas quais se circunscrevem.

Dessa forma, procuro compreender como cada discursividade de cada um dos sujeitos discursivos, quais sejam Jean Valjean, Victor Hugo (sobre Jean Valjean e sobre Madeleine) e a sociedade francês, estabelecem pontos de convergência, divergência, ressonância, dissonância e consonância, que são relações necessárias para se construir uma percepção heurística da análise discursiva.

Como pontos de regularidades convergentes, tomarei os enunciados operadores que estão na mesma direção, ocupando a mesma direção na discursividade, sendo assim, as regularidades que possuem as mesmas inscrições discursivas, quer nas formações discursivas ou ideológicas.

Os pontos divergentes serão dos enunciados operadores que se colocam em oposição na relação entre as regularidades, logo serão elementos não coincidentes no processo de interdiscursividade no que tange aos lugares discursivos ocupados pelos sujeitos discursivos. Em suma, serão os enunciados operadores que se opõem na significação da interdiscursividade.

As ressonâncias discursivas se darão nos elementos da regularidade que entre as discursividades dialogam entre si, sendo, dessa forma, elementos que produzem sentidos idênticos, significações similares na relação entre a discursividade e o lugar discursivo ocupado pelos sujeitos discursivos.

Quanto à dissonância serão elementos das regularidades que se colocam em direções opostas e diferenças marcadas, demonstrando assim as diferenças entre as discursividades.

As consonâncias são elementos das regularidades que, embora tenham características diferentes, caminham na mesma direção de significação e de produção de sentidos. Significando, assim, sujeitos em diferentes lugares discursivos, mas que produzem sentidos na mesma direção.

De posse disso, construí um quadro com essa visão heurística capaz de demonstrar a interrelação do processo de interdiscursividade nos diferentes lugares discursivos ocupados pelos diferentes sujeitos discursivos que compõem a análise.

O quadro é composto por uma primeira coluna, constituída pelos sujeitos discursivos Jean Valjean, Victor Hugo sobre Jean Valjean, discursividade da sociedade francesa e Victor Hugo sobre Pai/Senhor/prefeito Madeleine, que demonstrou, por meio de alguns enunciados recortados, a inscrição de cada um deles em uma das três formações discursivas a saber: na FD de injustiçado/Vítima social, na FD de periculosidade social/financeira/moral e na FD de não reincidente/reintegrado socialmente. Já na segunda coluna, esses sujeitos discursivos foram confrontados entre si, trazendo os mesmos enunciados operadores recortados na coluna 1, com suas consequentes inscrições, de modo que me foi capaz de perceber os efeitos de sentido advindos dos pontos de convergência, divergência, ressonância, dissonância e consonância, entre cada um desses sujeitos ao enunciarem e consequentemente se inscreverem em uma, e não em outra, FD e esses efeitos de sentido são trazidos na coluna 3.

<b>INTERRELAÇÕES DO PROCESSO DE INTERDISCURSIVIDADE NOS DIFERENTES LUGARES DISCURSIVOS</b>		
<b>Sujeito discursivo 1</b>	<b>Sujeito discursivo 2</b>	<b>Interrelações interdiscursivas</b>
<p>• <b>Sujeito discursivo Jean Valjean</b>  <b><i>I - FD de injustiçado/Vítima social:</i></b></p> <p><b>E14:</b> - Por piedade, Senhor, um copo de água.  <b>E20:</b> Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me.  <b>E36:</b> Os cães, eles são mais felizes.  Também os <i>E3, E6, E8, E16, E25, E29, E32, E35, E36, E37.</i></p> <p><b><i>II - FD de Periculosidade</i></b></p>	<p>• <b>Sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean</b>  <b><i>I - FD de injustiçado/Vítima social:</i></b></p> <p><b>E38</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez.</p> <p><b>E41:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem</p>	<p>➤ <b>Por Convergência:</b></p> <p>i. Entre os sujeitos discursivos Jean Valjean e o sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean ao se inscreverem na <b><i>FD de injustiçado, vítima social.</i></b> Há, portanto, semelhança, aproximação.</p> <p>ii. Entre o sujeito discursivo Jean Valjean e a discursividade da sociedade francesa (instituição do comércio, família e Estado) ao se inscreverem na <b><i>FD de Periculosidade social/financeira/moral.</i></b></p>

<p><b>social/financeira/moral:</b></p> <p><b>E1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!</p> <p><b>E10:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.</p> <p><b>E11:</b> Ao ouvir as palavras do camponês: <i>Você será o tal?</i>... a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: <i>Tso-maraude</i></p> <p><b>E22:</b> Olhe, não é isso, você não entendeu? Sou um presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão. Também os <i>E4, E5, E7, E9, E11, E12, E13, E15, E21, E23, E24, E26, E27, E28</i>.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <p><b>E2:</b> O desconhecido virou-se e respondeu brandamente: <b>E19:</b> Era Preciso. <b>E31:</b> Trata-me por <i>senhor</i> e não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre? Também em <i>E17, E30, E33, E34</i></p>	<p>abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra.</p> <p><b>E47</b> Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional!</p> <p>Também em <i>E39, E40, E42, E45, E46, E49, E50, E51, E52, E53, E54</i></p> <p><b>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</b></p> <p>✓ Inexiste inscrição do sujeito discursivo Victor Hugo nessa FD.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <p><b>E43:</b> Cada vez que dizia a palavra <i>senhor</i>, com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava.</p> <p><b>E44:</b> <i>Senhor</i>, a um condenado, é um copo de água a um naufrago da <i>Méduse</i>. A ignominia tem sede de consideração.</p> <p>• <b>Discursividade da sociedade francesa (instituições do comércio, família e estado)</b></p> <p><b>I - FD de injustiçado:</b></p> <p>✓ Inexiste inscrição da sociedade francesa nessa FD.</p> <p><b>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</b></p> <p><b>E55:</b> Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Vajjean! Agora quer que eu lhe diga quem é?</p>	<p>Há, portanto, semelhança, aproximação.</p> <p>iii. Entre o sujeito discursivo Victor sobre o Pai/Senhor/prefeito Madeleine ao se inscreverem na <b>FD de não reincidente/reintegrado socialmente</b>. Há, portanto, semelhança, aproximação.</p> <p>➤ <b>Divergência:</b></p> <p>i. Entre o sujeito o sujeito discursivo Jean Valjean ao se inscrever na <b>FD de injustiçado, vítima social</b> ou na <b>FD de não reincidente/reintegrado socialmente</b> com a inscrição da sociedade francesa (instituição do comércio, família e Estado) ao se inscrever na <b>FD de Periculosidade social/financeira e moral</b>. Há, portanto, contradição, afastamento.</p> <p>ii. Entre o sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean ao se inscrever na <b>FD de não reincidente/reintegrado socialmente</b> com a Discursividade da sociedade francesa (instituições do comércio, família e estado) ao se inscrever na <b>FD de periculosidade social/financeira e moral</b>. Há, portanto, contradição, afastamento.</p> <p>➤ <b>Ressonância,</b></p> <p>i. Entre o sujeito discurso Jean Valjean ao enunciar <i>E36</i> e o sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean ao enunciar <i>E41</i>. Há, portanto, sentidos idênticos.</p> <p>➤ <b>Dissonância</b></p> <p>i. Entre o sujeito discursivo Jean Valjean em <i>E2</i> e a</p>
---	---	--

	<p><b>E56:</b> Logo que o vi entrar, desconfiei de alguma coisa e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler?</p> <p><b>E57:</b> Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria. Também os <i>E1, E4, E5, E7, E9, E10, E11, E12, E13, E15, E26, E27, E28</i>.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Inexiste inscrição da sociedade francesa nessa FD.</li> </ul>	<p>discursividade da sociedade francesa (Comércio) em E1. Portanto, há contradição, afastamento.</p> <p>➤ <b>Consonância</b></p> <p>i. Entre o sujeito discursivo Jean Valjean em <i>E8</i> da <b>FD de injustiçado/Vítima social</b> com o sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean ao se inscrever na <b>FD de não reincidente/reintegrado socialmente</b> por meio do <i>E43</i>. Há, portanto, aproximação de sentidos.</p>
	<p>• <b>Sujeito discursivo Victor Hugo sobre Pai/Senhor/prefeito Madeleine</b></p> <p><b>I - FD de injustiçado:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Inexiste inscrição da sociedade do sujeito discursivo Victor Hugo nessa FD.</li> </ul> <p><b>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</b></p> <p><b>E59:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <p><b>E62:</b> Era um homem de aproximadamente cinquenta anos, com aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele.</p>	



	<p><b>E63:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão.</p> <p><b>E68:</b> [...] antes, porém de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres.</p> <p><b>E74:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito.</p> <p>Também os <i>E60, E61, E64, E65, E66, E67, E69, E70, E71, E72, E73, E75, E76, E77, E78, E79, E80, E81, E82.</i></p>	
<p>• <b>Sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean</b> <b><i>I - FD de injustiçado:</i></b></p> <p><b>E38</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez.</p> <p><b>E41:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra.</p> <p><b>E47</b> Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional!</p> <p>Também em <i>E39, E40, E42, E45, E46, E49, E50, E51, E52,</i></p>	<p>• <b>Sujeito discursivo Jean Valjean</b> <b><i>I - FD de injustiçado/Vítima social:</i></b></p> <p><b>E14:</b> - Por piedade, Senhor, um copo de água.</p> <p><b>E20:</b> Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me.</p> <p><b>E36:</b> Os cães, eles são mais felizes.</p> <p>Também os <i>E3, E6, E8, E16, E25, E29, E32, E35, E36, E37.</i></p> <p><b><i>II - FD de Periculosidade social/financeira/moral:</i></b></p> <p><b>E1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!</p> <p><b>E10:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?...</p> <p>Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da</p>	

<p><i>E53, E54</i>  <b>II- FD de Periculosidade</b>  social/financeira/moral:</p> <p>✓ Inexiste inscrição do  sujeito discursivo  Victor Hugo nessa FD.</p> <p><b>III - FD de não  reincidente/reintegrado  socialmente:</b></p> <p><b>E43:</b> Cada vez que dizia a  palavra <i>senhor</i>, com sua voz de  suave gravidade e seu modo  atencioso, o rosto do homem se  iluminava.</p> <p><b>E44:</b> <i>Senhor</i>, a um condenado, é  um copo de água a um naufrago  da <i>Méduse</i>. A ignominia tem  sede de consideração.</p>	<p>parede.</p> <p><b>E11:</b> Ao ouvir as palavras do  camponês: <i>Você será o tal?</i>... a  mulher levantou-se, pegou as  duas crianças no colo e  refugiou-se precipitadamente  atrás do marido, olhando com  terror para o desconhecido, com  o peito descoberto, o olhar  espantado, murmurando em voz  baixa: <i>Tso-maraude</i></p> <p><b>E22:</b> Olhe, não é isso, você não  entendeu? Sou um presidiário,  um ex-condenado, estou vindo  da prisão.  Também os <i>E4, E5, E7, E9,</i>  <i>E11, E12, E13, E15, E21, E23,</i>  <i>E24, E26, E27, E28.</i></p> <p><b>III - FD não  reincidente/reintegrado  socialmente:</b></p> <p><b>E2:</b> O desconhecido virou-se e  respondeu brandamente:  <b>E19:</b> Era Preciso.  <b>E31:</b> Trata-me por <i>senhor</i> e não  por você! “Fora cachorro!” Não  vai dizer isso, como me dizem  sempre?  Também em <i>E17, E30, E33,</i>  <i>E34</i></p> <p>• <b>Discursividade da  sociedade francesa  (instituições do comércio,  família e estado)</b>  <b>I - FD de injustificado:</b></p> <p>✓ Inexiste inscrição da  sociedade francesa  nessa FD.</p> <p><b>II- FD de Periculosidade  social/financeira/moral:</b></p> <p><b>E55:</b> Olhe, chega dessa  conversa. Quer que lhe diga seu  nome? Chama-se Jean Vajjean!  Agora quer que eu lhe diga  quem é?</p> <p><b>E56:</b> Logo que o vi entrar,  desconfiei de alguma coisa e  mandei pedir informações, e  aqui está o que me responderam.</p>	
--	--	--

	<p>Sabe ler?</p> <p><b>E57:</b> Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria. Também os <i>E1, E4, E5, E7, E9, E10, E11, E12, E13, E15, E26, E27, E28</i>.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <p>✓ Inexiste inscrição da sociedade francesa nessa FD.</p>	
	<p>• <b>Sujeito discursivo Victor Hugo sobre Pai/Senhor/prefeito Madeleine</b></p> <p><b>I - FD de injustiçado:</b></p> <p>✓ Inexiste inscrição da sociedade do sujeito discursivo Victor Hugo nessa FD.</p> <p><b>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</b></p> <p><b>E59:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <p><b>E62:</b> Era um homem de aproximadamente cinquenta anos, com aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele.</p> <p><b>E63:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão.</p>	

	<p><b>E68:</b> [...] antes, porém de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres.</p> <p><b>E74:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito.</p> <p>Também os <i>E60, E61, E64, E65, E66, E67, E69, E70, E71, E72, E73, E75, E76, E77, E78, E79, E80, E81, E82.</i></p>	
<p>• <b>Discursividade da sociedade francesa (instituições do comércio, família e estado)</b> <b><i>I - FD de injustiçado:</i></b></p> <p>✓ Inexiste inscrição da sociedade francesa nessa FD.</p> <p><b><i>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</i></b></p> <p><b>E55:</b> Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Vajjean! Agora quer que eu lhe diga quem é?</p> <p><b>E56:</b> Logo que o vi entrar, desconfiei de alguma coisa e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler?</p> <p><b>E57:</b> Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria. Também os <i>E1, E4, E5, E7, E9, E10, E11, E12, E13, E15, E26, E27, E28.</i></p> <p><b><i>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</i></b></p> <p>✓ Inexiste inscrição da sociedade francesa</p>	<p>• <b>Sujeito discursivo Jean Valjean</b> <b><i>I - FD de injustiçado/Vítima social:</i></b></p> <p><b>E14:</b> - Por piedade, Senhor, um copo de água. <b>E20:</b> Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me. <b>E36:</b> Os cães, eles são mais felizes. Também os <i>E3, E6, E8, E16, E25, E29, E32, E35, E36, E37.</i></p> <p><b><i>II - FD de Periculosidade social/financeira/moral:</i></b></p> <p><b>E1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!</p> <p><b>E10:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.</p> <p><b>E11:</b> Ao ouvir as palavras do camponês: <i>Você será o tal?...</i> a mulher levantou-se, pegou as</p>	

<p>nessa FD.</p>	<p>duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: <i>Tso-maraude</i></p> <p><b>E22:</b> Olhe, não é isso, você não entendeu? Sou um presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão. Também os <i>E4, E5, E7, E9, E11, E12, E13, E15, E21, E23, E24, E26, E27, E28.</i></p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <p><b>E2:</b> O desconhecido virou-se e respondeu brandamente: <b>E19:</b> Era Preciso. <b>E31:</b> Trata-me por <i>senhor</i> e não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre? Também em <i>E17, E30, E33, E34</i></p> <p>• <b>Sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean</b> <b>I - FD de injustiçado:</b></p> <p><b>E38</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez.</p> <p><b>E41:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra.</p> <p><b>E47</b> Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto</p>	
------------------	--	--

	<p>aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional!</p> <p>Também em <i>E39, E40, E42, E45, E46, E49, E50, E51, E52, E53, E54</i></p> <p><b>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</b></p> <p>✓ Inexiste inscrição do sujeito discursivo Victor Hugo nessa FD.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <p><b>E43:</b> Cada vez que dizia a palavra <i>senhor</i>, com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava.</p> <p><b>E44:</b> <i>Senhor</i>, a um condenado, é um copo de água a um naufrago da <i>Méduse</i>. A ignominia tem sede de consideração.</p>	
	<p>• <b>Sujeito discursivo Victor Hugo sobre Pai/Senhor/prefeito Madeleine</b></p> <p><b>I - FD de injustiçado:</b></p> <p>✓ Inexiste inscrição da sociedade do sujeito discursivo Victor Hugo nessa FD.</p> <p><b>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</b></p> <p><b>E59:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p>	

	<p><b>E62:</b> Era um homem de aproximadamente cinquenta anos, com aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele.</p> <p><b>E63:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão.</p> <p><b>E68:</b> [...] antes, porém de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres.</p> <p><b>E74:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito.</p> <p>Também os <i>E60, E61, E64, E65, E66, E67, E69, E70, E71, E72, E73, E75, E76, E77, E78, E79, E80, E81, E82.</i></p>	
<p>• <b>Sujeito discursivo Victor Hugo sobre Pai/Senhor/prefeito Madeleine</b></p> <p><b><i>I - FD de injustiçado:</i></b></p> <p>✓ Inexiste inscrição da sociedade do sujeito discursivo Victor Hugo nessa FD.</p> <p><b><i>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</i></b></p> <p><b>E59:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal.</p> <p><b><i>III - FD de não reincidente/reintegrado</i></b></p>	<p>• <b>Sujeito discursivo Jean Valjean</b></p> <p><b><i>I - FD de injustiçado/Vítima social:</i></b></p> <p><b>E14:</b> - Por piedade, Senhor, um copo de água.</p> <p><b>E20:</b> Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me.</p> <p><b>E36:</b> Os cães, eles são mais felizes.</p> <p>Também os <i>E3, E6, E8, E16, E25, E29, E32, E35, E36, E37.</i></p> <p><b><i>II - FD de Periculosidade social/financeira/moral:</i></b></p> <p><b>E1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!</p> <p><b>E10:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de</p>	

<p><b>socialmente:</b></p> <p><b>E62:</b> Era um homem de aproximadamente cinquenta anos, com aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele.</p> <p><b>E63:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão.</p> <p><b>E68:</b> [...] antes, porém de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres.</p> <p><b>E74:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito.</p> <p>Também os <i>E60, E61, E64, E65, E66, E67, E69, E70, E71, E72, E73, E75, E76, E77, E78, E79, E80, E81, E82.</i></p>	<p>desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?...</p> <p>Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.</p> <p><b>E11:</b> Ao ouvir as palavras do camponês: <i>Você será o tal?...</i> a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: <i>Tso-maraude</i></p> <p><b>E22:</b> Olhe, não é isso, você não entendeu? Sou um presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão. Também os <i>E4, E5, E7, E9, E11, E12, E13, E15, E21, E23, E24, E26, E27, E28.</i></p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <p><b>E2:</b> O desconhecido virou-se e respondeu brandamente: <b>E19:</b> Era Preciso. <b>E31:</b> Trata-me por <i>senhor</i> e não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre? Também em <i>E17, E30, E33, E34</i></p> <p>• <b>Sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean</b> <b>I - FD de injustiçado:</b></p> <p><b>E38</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez.</p> <p><b>E41:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade,</p>	
--	--	--



	<p>vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra.</p> <p><b>E47</b> Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional!</p> <p>Também em <i>E39, E40, E42, E45, E46, E49, E50, E51, E52, E53, E54</i></p> <p><b>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</b></p> <p>✓ Inexiste inscrição do sujeito discursivo Victor Hugo nessa FD.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <p><b>E43:</b> Cada vez que dizia a palavra <i>senhor</i>, com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava.</p> <p><b>E44:</b> <i>Senhor</i>, a um condenado, é um copo de água a um naufrago da <i>Méduse</i>. A ignominia tem sede de consideração.</p> <p>• <b>Discursividade da sociedade francesa (instituições do comércio, família e estado)</b></p> <p><b>I - FD de injustificado:</b></p> <p>✓ Inexiste inscrição da sociedade francesa nessa FD.</p> <p><b>II- FD de Periculosidade social/financeira/moral:</b></p> <p><b>E55:</b> Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Vajjean!</p>	
--	--	--

	<p>Agora quer que eu lhe diga quem é?</p> <p><b>E56:</b> Logo que o vi entrar, desconfiei de alguma coisa e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler?</p> <p><b>E57:</b> Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria.</p> <p>Também os <i>E1, E4, E5, E7, E9, E10, E11, E12, E13, E15, E26, E27, E28</i>.</p> <p><b>III - FD de não reincidente/reintegrado socialmente:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Inexiste inscrição da sociedade francesa nessa FD.</li> </ul>	
--	---	--

Diante da construção do quadro das interrelações do processo de interdiscursividade nos diferentes lugares discursivos, pude perceber que é possível estabelecer pontos de convergência entre os sujeitos discursivos de Jean Valjean e o sujeito discursivo de Victor Hugo sobre Jean Valjean quando ambos se inscrevem na FD de injustiçado/vítima social. Há dessa forma uma relação de semelhança, de proximidade dos efeitos de sentido, pois ambos viam na figura de Jean Valjean um cidadão injustiçado pelo sistema e consequentemente vítima do bolsão de misérias que a revolução industrial criara na sociedade francesa, advindo daí a necessidade do furto famélico.

Percebi ainda a relação de convergência no momento em que há a movência do sujeito discursivo Jean Valjean do LD pertencente a FD de injustiçado/vítima social para a FD de Periculosidade social/financeira/moral que é um lugar ocupado pela sociedade francesa, na figura das instituições sociais comércio, família e Estado. Há, dessa forma, também uma relação de sentido de semelhança, de aproximação, pois o sujeito discursivo Jean Valjean acaba tomando para si a discursividade de que de fato ele era um perigo para sociedade.

Também há um ponto de convergência quando o sujeito discursivo Jean Valjean e o sujeito discursivo Victor Hugo sobre Pai/Senhor/prefeito Madeleine se inscrevem na FD de não reincidente/reintegrado socialmente. Havendo, dessa forma, semelhança, aproximação.

No que concerne aos pontos de divergência, eles se dão entre o sujeito o sujeito discursivo Jean Valjean, ao se inscrever na FD de injustiçado/vítima social ou na FD de não reincidente/reintegrado socialmente com a inscrição da sociedade francesa (instituição do comércio, família e Estado) ao se inscrever na FD de Periculosidade social/financeira e moral. Há, portanto, contradição, afastamento. Haja vista que a periculosidade do sujeito discursivo Jean Valjean inexistente quando ele se inscreve nessas duas FDs e já para a discursividade sociedade francesa (instituição do comércio, família e Estado) o que inexistente é o sujeito discursivo Jean Valjean como injustiçado/vítima social ou não reincidente, o que impossibilita a sua inscrição nessa FD. Logo, desvelando os sentidos de contradição e afastamento.

Quanto à ressonância ela se dá entre o sujeito discurso Jean Valjean ao enunciar *E36*: “Os cães, eles são mais felizes.” e o sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean ao enunciar *E41*: “Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra”, pois apesar de pertencerem a discursividades distintas, aquela ao sujeito discursivo Jean Valjean, esta ao sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean, ambas produzem sentidos idênticos. O de que até um cachorro tem um teto para abrigar-se, logo são mais felizes.

Em relação ao ponto de dissonância, é possível percebê-lo entre o sujeito discursivo Jean Valjean em *E2*: “O desconhecido virou-se e respondeu brandamente” e a discursividade da sociedade francesa (Comércio) em *E1* “O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!”. Portanto, há contradição, afastamento dos sentidos, pois há marcadamente na utilização dos advérbios, nos dois enunciados operadores, a presença do comportamento de cada sujeito discursivo: O sujeito discursivo Jean Valjean, reintegrado socialmente, responde de maneira branda”, ao passo que é a sociedade francesa, na figura do dono do comércio que é visto como bruto, de modo a colocar a mão de maneira brusca no ombro de Jean Valjean.

E, por fim, um ponto de consonância entre o sujeito discursivo Jean Valjean em *E8*:

Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê.  
- Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite?

Vindo da FD de injustiçado/Vítima social com o sujeito discursivo Victor Hugo sobre Jean Valjean ao se inscrever na FD de não reincidente/reintegrado socialmente por meio do *E43*: “Cada vez que dizia a palavra *senhor*, com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava.” Há, portanto, aproximação de sentidos, pois apesar de estarem ambos os sujeitos inscritos em FD distintas elas caminham na mesma direção de significação e de produção de sentidos, qual seja: o de que o sujeito discursivo Jean Valjean não representa qualquer perigo para a sociedade francesa, isso desvelado na utilização do pronome de tratamento “Senhor”. Em *E8*, o sujeito discursivo Jean Valjean utiliza-o para se dirigir de maneira respeitosa ao porteiro, mostrando-se, portanto, imerso num sistema legal que via na figura do porteiro da cadeia a própria figura do Estado. Já em *E43* o mesmo pronome de tratamento agora é destinado a ele. Demonstrando que ele era visto como todo cidadão de bem.

Assim, após toda a análise e olhando para o *corpus* de maneira heurística foi possível os efeitos de sentido acima exposto.

Finalizando este capítulo, apresento, a seguir, às considerações finais.

## **Considerações finais**

## Considerações finais

Fundamentado nos recortes da matriz discursiva, composta por sequências discursivas e enunciados-operadores, pude compreender o funcionamento dos LDs ocupados pelos sujeitos discursivos que compõem a discursividade de *Os miseráveis* de Victor Hugo e seus efeitos de sentido, representados pela interdiscursividade.

O primeiro ponto seria acerca da percepção do ilícito penal cometido pelo sujeito discurso Jean Valjean. Os enunciados-operadores, enquanto regularidades da interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés do sujeito discursivo Jean Valjean, evidenciam como a sociedade francesa não compreendia que na figura do criminoso, reveste-se uma periculosidade que o estado colocara sobre ele, por meio do passaporte amarelo, uma referência sócio-histórica que rotula o ex-presidiário como elemento excluído da sociedade. Essa referência sócio-histórica, no entanto, demonstra uma negligência na decisão da pena pelo estado. Há, portanto, uma proliferação da imagem do ex-apanado, como elemento perigoso e essa imagem é preservada pela rotulação do passaporte amarelo, o que acarretou na perpetuação de um estigma social.

A rotulação do ex-presidiário como ser perigoso, impossibilitado, pois, de voltar ao convívio social, acompanha a personagem Jean Valjean por toda a obra. Observa-se uma inscrição da sociedade francesa na representatividade ideológica do passaporte amarelo. Nessa primeira interdiscursividade encontra-se o sujeito discursivo de Jean Valjean vivenciando essa carga social negativa vinculada a qualquer ex-apanado/detento/presidiário/forçado, que carregava sobre si à época do acontecimento discursivo de *Os miseráveis*.

No que diz respeito à aplicação da pena, não havia qualquer ponderação, como posto por Beccaria (2014), no momento da dosimetria. O crime, como sendo algo positivado, tipificado no código, era visto e interpretado por si só, destituído de um contexto de produção, não levando em consideração as nuances sociais que o rodeavam no momento de sua ocorrência. Impossibilitando, dessa forma, qualquer interpretação hermenêutica que levasse em conta fatores sócio-econômicos da época.

Isto posto, percebo que o próprio tipo penal<sup>16</sup>/criminal já trazia sobre si uma carga negativa e de reprovação social. O tipo, nesse caso, não se tratava de uma mera palavra, mas,

---

<sup>16</sup> Tipo penal é o próprio artigo da lei (Nota Nossa)

tomando por base Pêcheux (1997), esta palavra trazia sobre si uma carga ideológica negativa, pois era o lugar discursivo ocupado pelo apenado. Sendo assim, essa carga negativa que eclodia pela construção de um lugar discursivo marginal, marcado pelo passaporte amarelo, fazia com que a personagem Jean Valjean fosse obrigado a apresentar este passaporte como forma de identificação de seu tipo penal, o qual apontava o crime que ele cometera.

Vale ressaltar as críticas postas sobre a desumanidade nessa forma de pena e o seu caráter de não prevenção especial. Nesse sentido, é relevante ressaltar o tratamento das quatro instituições sociais (comércio, estado, família e igreja) que negara ao ex-condenado a possibilidade de abrigo e, conseqüentemente, de reerguer-se socialmente, no sentido, de uma reinserção na sociedade francesa. Como a ressocialização é um acontecimento social, posso explicar tais tratamentos por meio da tese dos fatos sociais de Durkheim (2003) e que explica, neste gesto de leitura, o porquê da inscrição do estado, do comércio e da sociedade francesa no LD construído pelo passaporte amarelo.

Para Durkheim (2003) o fato social era constituído em maneiras de agir, pensar e sentir que exerciam poder sobre os indivíduos, levando-os a se adaptarem às normas da sociedade em que viviam. Porém, não seria toda ação humana que poderia ser considerada como um fato social, esta ação dependeria, sobretudo, de três fatores: generalidade, exterioridade e coercitividade. Na característica da generalidade tenho uma relação com o poder, com a força, de maneira que os padrões do que era moralmente aceito seria imposto aos indivíduos que compõem uma sociedade e todos seriam obrigados a cumprir essas normas.

Quanto à exterioridade, no momento em que cada pessoa nascesse e crescesse seria criada uma sociedade com regras já postas, organizadas, com leis próprias, com seus padrões e com seu sistema financeiro, de modo que o papel de cada pessoa seria o de aprender a comportar-se socialmente por meio da educação. Por último, a generalidade, que é a característica em que os fatos sociais são direcionados a uma coletividade, não existindo para um único membro da sociedade, mas para um grupo. Temos, então, nessas quatro instituições sociais, regras peculiares que as constituem, podendo ser visualizado, a partir dessas premissas, o motivo pela qual o LD construído pelo passaporte amarelo gerou as reações evidenciadas por cada instituição, levando à negativa do acolhimento e da possibilidade de ver no sujeito discursivo Jean Valjean a possibilidade de estar ressocializado.

Assim, como existem pontos de dissonância entre a percepção do sujeito discursivo Jean Valjean como injustiçado, também existem pontos de consonância entre a regularidade posta na interdiscursividade jurídico-punitiva pelos viés da sociedade francesa e

de Jean Valjean quando ele acaba se inscrevendo no lugar discursivo que construíram para ele.

Quando volto o olhar para o comércio, apesar de ter uma finalidade lucrativa e, mesmo o sujeito discursivo Jean Valjean dispondo-se a pagar pelos serviços que buscava, sua aparência maltrapilha já não causara boa impressão desde o primeiro momento que adentrara aquela cidade. Depois, a imagem de ex-forçado posta no passaporte amarelo e que fora repassada pela prefeitura, colocara sobre Jean o peso de um clima de instabilidade, certamente, se fora capaz de furtar algo tão irrisório quanto um pão, poderia também roubar os lucros advindo de cada estalagem. Logo, ele não era um ser confiável, não caberia em lugar nenhum que envolvesse dinheiro.

No que diz respeito ao estado, além do lugar discursivo construído pelo passaporte amarelo, também, há a figura posta no estado como detentor do poder de manter a ordem social. Essa percepção é desvelada no comportamento do porteiro, no momento em que o sujeito discursivo Jean Valjean suplicava por abrigo. A despeito de representar a figura abstrata do estado, a única responsabilidade naquela cadeia era a de prender prováveis subversores da lei, de maneira que garantisse a ordem social. Logo, como recém liberto, não havia lugar ali para Jean Valjean, a não ser que novamente transgredisse a lei.

A instituição familiar não via na figura do sujeito discursivo Jean Valjean um bom exemplo para se trazer ao seio de seu convívio. Formado pela estrutura canônica, pai, mãe e filho, qualquer risco que pudesse afetar o modelo de moral e bons costumes deveria ser extirpado. Não seria sábio, ter à mesa do jantar um convidado que não estivesse inscrito no contrato social posto.

Além da periculosidade moral, também era perigoso quanto à integridade física daquela família. Novamente temos o LD construído pelo passaporte amarelo selando a sorte daquele desgraçado. Por último, temos a instituição social igreja. O que percebo, pautados nas regras que a constitui, pelas quais numa perspectiva teórica, esta instituição deveria ter como norte um discurso de acolhimento, de misericórdia, deixado pelos ensinamentos de Jesus Cristo, o sujeito discursivo Victor Hugo faz inúmeras críticas à avareza de inúmeros membros do clero.

Apenas a figura do bispo de Digne aparece como a materialização dessa misericórdia, como exemplo do que se espera dessa instituição. Vejo no bispo a expressão do acolhimento e a aposta em uma possível ressocialização do sujeito discursivo Jean Valjean. As regras que constituem a instituição igreja certamente tiveram influência significativa na conduta do bispo.



Há nesse comportamento discursivo uma dissonância com a própria construção de sentido posta pela regularidade dos discursos da sociedade francesa. A discursividade do bispo de Digne rompe com os discursos das outras instituições sociais postas na obra. Isso posto, o comportamento das três instituições que negaram acolhimento ao ex-presidiário acaba por fortalecer a tese de sua periculosidade como cidadão, reforçando o LD construído pelo passaporte amarelo, o que possibilita uma leitura do comportamento da França hugoana frente a um ex-forçado.

A cada negativa há a ratificação de que, apesar do cumprimento da sua pena, não caberia àquele sujeito ser restituído ao meio social, não havia lugar para ele em nenhuma das instituições sociais da França. Isso, a partir do gesto de interpretação empreendido, desvela a noção de perpetuidade da pena, ainda que não houvesse clausura física, a clausura moral e psicológica duraria a vida inteira. A sorte do sujeito discursivo Jean Valjean estava definitivamente selada.

Logo, o que vejo é que a igreja foi à única instituição que subverteu a ordem social da época, na construção do LD de um ex-apanado na sociedade e o acolheu. As instituições sociais o consideraram como uma figura de extrema periculosidade social, moral e financeira. Em momento algum cogitaram que, na figura do criminoso, daquele que roubara algo, houvesse uma razão intrínseca que seria para saciar a sua fome e de sua família.

Havia, portanto, uma severa inscrição, uma carga ideológica posta no tipo penal. Não se levava em conta o contexto de produção do crime, mas apenas a sua existência. Apesar da proposta de uma pena humanizadora e proporcional proposta por Beccaria (2014), o que se percebe é que essa discussão teórica ficou restrita apenas aos operadores do direito da época.

Não houve uma necessidade de problematizar, de discutir com a sociedade da época esses fatores. Tanto é que se percebe no comportamento dos sujeitos discursivos que compunham o comércio, o estado e a família uma inscrição na leitura de um direito penal necessariamente punitivo, ainda que essa pena extrapolasse os limites do humanamente aceitável. Em suma, entendo que na regularidade que expõe o processo de interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés de Victor Hugo existe uma denúncia de que no processo de dosimetria da pena não havia, por parte do estado, uma hermenêutica jurídica que levasse em consideração os fatores contextuais que levaram um cidadão em julgamento a cometer um crime.

Dessa forma, no que diz respeito a minha pergunta de pesquisa: Como era decidida a dosimetria da pena, bem como sua aplicação, à época da enunciação da obra, de

forma a garantir, ou não, o fator jurídico ressocialização? Pude perceber que a pena aplicada seria pautada, unicamente, nos preceitos ideológicos desvelados pelo tipo penal. Sendo assim, não havia por traz da dosimetria da pena uma preocupação com essa hermenêutica jurídica. Tampouco haveria uma preocupação com uma pena cuja função, além de punir, tivesse um caráter de prevenção especial.

Quanto à questão de, na ausência de uma pena de caráter de prevenção especial, como a sociedade francesa lidava com o preso devolvido a sociedade após o cumprimento da pena? Percebi que a sociedade francesa da época acabava por se inscrever no lugar discursivo posto pelo direito penal meramente punitivo, não fornecendo em momento algum subsídio para que um ex-forçado fosse reinserido na sociedade.

Em relação à questão de quais eram as formações discursivas e ideológicas passíveis de inscrição pelos sujeitos discursivos que constituem a primeira parte da discursividade de *Os miseráveis*? Alcancei que, como consequência desse direito penal meramente punitivo, o estado francês cristalizava na emissão do passaporte amarelo a sentença de morte social do ex-detendo. A análise mostrou que a representação desse passaporte fez emergir uma formação discursiva e ideológica de que o ex-apanado era sinônimo de periculosidade social, moral e financeira, não havendo para ele qualquer espaço de reinserção social. Sendo contrapostas a essas formações discursivas os LD da FD na qual o sujeito discursivo Victor Hugo se inscreve e o sujeito discursivo Jean Valjean, por vezes, na FD de não reincidente/reintegrado socialmente e de injustiçado/vítima social.

No entanto, apesar da construção desse lugar discursivo, em que essas instituições sociais se escreveram, emerge a figura do bispo de Digne, espelho para a construção da identidade do Pai/Sr. Madeleine como sentido de uma ressocialização. Essa regularidade constitui a dissonância no processo de interdiscursividade jurídico-punitiva posto pela sociedade francesa e em alguns momentos pelo próprio sujeito discursivo Jean Valjean. É no contato com uma inscrição no discurso religioso, na retomada da memória discursiva a partir da atitude do bispo de Digne que a identidade de Jean Valjean faz emergir o LD do Pai/Senhor Madeleine.

O sujeito discursivo Jean Valjean se mostra como um cidadão reintegrado socialmente e reintegrado no sistema legal vigente da França hugona. E essa ressocialização se dera de maneira tão efetiva que ele se tornou referência de legalidade e moralidade para todos da cidade. Com base nisso, concluo que *Os miseráveis* evidencia sentidos e significados de uma discursividade jurídica, não se esgotando as possibilidades de compreender os efeitos

de sentido dessa interdiscursividade jurídico-punitiva no gesto de interpretação que lancei sobre a primeira parte da obra.

Assim, os sentidos não se dão somente na amplitude linguística e extralinguística que constitui o acontecimento discursivo de *Os miseráveis*, mas também na clivagem interpelativa do analista, sempre à deriva, no oceano de possibilidades que podem insurgir dos enunciados que constituem a discursividade da obra.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. L. P. **A paródia em A força do destino**. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n.62, p.18-28, jul./set. 1980.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. São Paulo: Círculo do livro, 1945.
- BECCARIA, C. **Dos delitos e das penas**. 10ª reimp. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004.
- BITENCOURT, C. R. **Tratado de Direito Penal: Parte Geral I**. 21ª ed. Ver. Ampl. E atual. São Paulo: Saraiva, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Direito Penal**. São Paulo: Saraiva, 2000.
- CAPEZ, Fernando. **Curso de Direito Penal: Parte Geral**. 8 ed. rev. E atual. São Paulo: Saraiva, 2005.
- CHAUVIN, J. P. A pena de Victor Hugo em Os miseráveis: Romance historiográfico e reparação social. In; HUGO, Victor. **Os miseráveis**. Tradução; Regina Célia de Oliveira. São Paulo: Martin Claret, 2014. P. 19-33.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. A Imagem como enunciado-operador de memória. In: ROMÃO, L. M. S.; GASPAR, N. R.. (Org.). **Discurso Midiático: sentidos de memória e arquivo**. 1ed.São Carlos: Pedro João Editores, 2008, v. 1, p. 279-286.
- FONSECA, M.N.S. Análise do discurso literário: pontos de vista e controvérsias. In: MARI, H. **Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NADE/FALE/UFGM, 1999.
- GRECO, R. **Curso de Direito Penal**. Parte Especial. Vol. III 10ª ed. Rio de Janeiro: Impetus. 2013.
- GONZAGA, S. **Curso de Literatura Brasileira**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- HUGO, Victor. **Os miseráveis**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2014.

HIRECHE, Gamil Foppel. **A função da pena na visão de Claus Roxin**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

MORAES, Henrique Viana Bandeira. Das funções da pena. In: **Âmbito Jurídico**. Rio Grande do Sul, XVI, n. 108, Jan 2013. Disponível em < [http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=12620](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12620)>. Acesso em ago 2017.

MELO NETO, João Cabral de. In: **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1979, p.26.

MUNIZ, M. I. A. **As práticas discursivas em situação de trabalho e o real da atividade: uma consciência jurídica**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorado em Linguística Aplicada. São Paulo, 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12ª Edição. Campinas: Pontes Editores, 2015.

Pêcheux M. **Análise automática do discurso**. In: Gadet F, Hak T, (org). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2º ed. Campinas (SP): Ed Unicamp; 1993. p. 61 – 161

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio/ tradução Eni Puccinelli Orlandi [et al.] 3ªed**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5 ed. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. O Papel da Memória. Trad. de José Horta Nunes. In: ARCHAD, Pierre et al. **O papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. P. 49-57.

PEREIRA, E. A. **A representação do pai em processo de reconhecimento de paternidade**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João Del-Rei. Programa de Pós-Graduação em Letras. São João Del-Rei, 2005.

SANTOS, J. B. C. **Uma reflexão metodológica sobre a análise de discurso**. In: Análise do discurso: unidade e dispersão. Uberlândia: EntreMeios, 2004.

SILVA, C. L. **Interdiscursividade de um projeto político pedagógico**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia, 2009.

SUXBERGER, Antônio Enrique Graciano. **Legitimidade da Intervenção Penal**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2006.

ZAFFARONI, E. Raúl e BATISTA, Nilo. **Direito Penal Brasileiro I**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

ZAFFARONE, E. Raúl; PIERANGELI, J. Henrique. **Manual de direito penal brasileiro – Parte Geral**. Vol. 1. 8 ed. São Paulo: RT, 2009.

**ANEXOS**

# INTERDISCURSIVIDADE JURÍDICO-PUNITIVA EM *OS MISERÁVEIS*

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui! O desconhecido virou-se e respondeu brandamente: - Ah! O senhor sabe?... -Sei! - Fui mandando embora de outra hospedaria. - E o expulsam desta também. - Para onde quer que eu vá? - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi. (Pág. 105)</p>	<p><b>E1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!</p>	<p><b>E1</b>→ A reprovação social se mostra no advérbio bruscamente e no comando verbal que vem no imperativo afirmativo.</p>	<p><b>SD1</b> Traz o conflito vivido pelo sujeito ao perceber a repulsam social vivida por ele, isso facilmente posta no uso do advérbio “bruscamente”, haja vista a maneira rude como fora tratado pelo dono da hospedaria. Isso acaba por refletir a própria conduta de quase toda a sociedade de Digne. O grande conflito nasce no jogo antitético dos dois advérbios de modo, “bruscamente” x “brandamente”, pois a maneira branda como Jean Valjean responde ao reportar-se ao dono da caverna põe em tela sua aptidão para ser reinserido no seio social, negando o <b>status</b> de periculosidade posto pelo estado francês. Status esse reforçado na expulsão do Sujeito discursivo de Jean das duas hospedarias. Há ainda a presença da denúncia social de</p>
	<p><b>E2:</b> O desconhecido virou-se e respondeu brandamente:</p>	<p><b>E2</b>→ O advérbio “brandamente” desvela a possibilidade de autocontrole de Jean Valjean o que contradiz a periculosidade e a repulsa social que começava a pesar sobre ele.</p>	
	<p><b>E3:</b> - Ah! O senhor sabe?... - Sei!</p>	<p><b>E3</b>→ O uso das reticências traz o reforço de se sustentar o novo lugar discursivo construindo para o sujeito discursivo, que é validado na frase afirmativa: “sei”</p>	
	<p><b>E4:</b> -Fui mandando embora de outra hospedaria.</p>	<p><b>E4</b>→ Confirmação da construção de periculosidade voltada do sujeito discursivo.</p>	
	<p><b>E5:</b> - E o expulsam desta também.</p>	<p><b>E5</b>→ Ratificação dessa periculosidade por meio da aceitação da representação construída.</p>	
	<p><b>E6:</b> - Para onde quer que eu vá?</p>	<p><b>E6</b>→ Denúncia do sujeito discursivo da não aceitação</p>	



		social quanto aos ex-apenados.	que os ex-apenados não possuíam lugar onde ancorar-se após conseguirem sua liberdade por meio do pagamento da pena, visto que o estado não possibilitava essa reinserção, nem muito menos a sociedade francesa.
	<b>E7:</b> - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi.	<b>E7→</b> Reconhecimento da impossibilidade de convívio com a sociedade civil.	

<b>Regularidade</b>	<b>Recorte</b>	<b>Percepção enunciativa</b>	<b>Percepção Discursiva</b>
<b>SD2:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite? Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos. (Pág. 105)	<b>E8:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite? <b>E9:</b> Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos.	<b>E8→</b> Apelo ao estado francês para situação do ex-apenado e apresentação de situação que comprova a presença da prevenção especial que recaia sobre o sujeito discursivo. <b>E9→</b> Denúncia do sujeito discursivo sobre a omissão do estado na resposta de uma política voltada para a reinserção social de ex-presidiários.	<b>SD2→</b> Apelo ao estado francês apresentado na figura metafórica da cadeia, pois fora ela, figura usurpadora da sua liberdade em outrora que, de repente, poderia restituir a sua dignidade. Esse apelo ainda é marcado pelo uso do advérbio de modo “respeitosamente” que demonstra a o reconhecimento do sujeito discursivo de Jean Valjean à autoridade do estado francês, o que ratifica a tese de sua não reicindência e fortalece a da omissão do estado quanto à situação de segregação e ex-presidiários.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD3:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede. Ao ouvir as palavras do camponês: <i>Você será o tal?...</i> a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: <i>Tso-maraude</i> Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar. Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse: - Dê o fora! - Por piedade,	<b>E10:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.	<b>E10→</b> Evidencia o pavor social perpetuado na representação do ex-apenado.	<b>SD3</b> desvela a percepção da instituição social família frente a questão do ex-apenado, traz à tona toda carga de preconceito advindo da FI que a essa família estava inscrita. Tal percepção já se disseminara por toda cidade de maneira preconceituosa, o que é desvelado pelo uso do advérbio “precipitadamente”. O uso do substantivo comum “víbora” padroniza a situação do ex-apneado por furto famélico como se fosse mais um criminoso em meio a um amontoado de seres venenoso para a sociedade, destituindo-lhe de identidade de uma historicidade que os constituirá antes do delito cometido. A despeito da percepção da rejeição social, o sujeito discursivo ainda suplica por clemência, mas a instituição família nega-lhe qualquer possibilidade de ajuda social, que é materializada por meio das metáforas
	<b>E11:</b> Ao ouvir as palavras do camponês: <i>Você será o tal?...</i> a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: <i>Tso-maraude</i>	<b>E11→</b> Traz o risco do convívio do ex-apenado para a instituição social família por meio de pré-julgamento na qual todos de digne acabam por se inscrever, desvelado no advérbio de modo “precipitadamente”.	
	<b>E12:</b> Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar.	<b>E12→</b> Perpetuação do pré-julgamento, visto não haver chances sequer do sujeito discursivo de Jean- Valjean tentar se explicar.	
	<b>E13:</b> Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da	<b>E13→</b> O substantivo comum “víbora” Corroborar com a tese de construção da periculosidade do	

Senhor, um copo de água. - Que tal um tiro! – disse o camponês. Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi-lo passar dois trincos. Um momento depois, a janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora. (Pág. 107)	casa voltou para a porta e disse: - Dê o fora!	sujeito Jean ValJean. Sendo mais um que dos venenos sociais que deveriam ser evitados.	das portas se fechando, não haveria espaço para alguém tão perigoso viver novamente no meio social.
	<b>E14:</b> - Por piedade, Senhor, um copo de água.	<b>E14→</b> Pedido de clemência à instituição “Família”, já que o estado demonstrava negligente quanto á isso.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD4:</b> Bem, meu nome é Jean ValJean. Era presidiário, passei dezenove anos na cadeia. Fui liberado há quatro dias e estou indo para Pontarlier que é meu destino. Quatro dias andando desde Toulon. Hoje andei doze léguas a pé. No fim da tarde, chegando a esse lugar, fui numa hospedaria, mas mandaram-me embora por causa do passaporte amarelo que eu tinha apresentado na prefeitura. Era Preciso. Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho	<b>E16:</b> Bem, meu nome é Jean ValJean. Era presidiário, passei dezenove anos na cadeia.	<b>E16→</b> A história por traz do nome.	A <b>SD4</b> traz à tona a carga social negativa que vinha atrelada ao nome, destitui-se a real personalidade e constrói-se uma nova. Essa “roupagem” é inicialmente negada por Jean, quando traz seu direito de ir e vir. Aqui, tem-se na ideia de liberdade a ilusão do imbricamento da restituição da dignidade da pessoa humana de Jean ValJean, perspectiva desconstruída por meio da negação de hospedagem pelo povo de Digne. A despeito de ter uma real percepção das suas obrigações
	<b>E17:</b> Fui liberado há quatro dias e estou indo para Pontarlier que é meu destino. Quatro dias andando desde Toulon. Hoje andei doze léguas a pé.	<b>E17→</b> Restituição do direito de ir e vir.	
	<b>E18:</b> No fim da tarde, chegando a esse lugar, fui numa hospedaria, mas mandaram-me embora por causa do passaporte amarelo que eu tinha apresentado na prefeitura.	<b>E18→</b> Estigma social revelado na representação da figura do expredidiário.	
	<b>E19:</b> Era Preciso.	<b>E19→</b> Reinserção	

<p>andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me. Bati a porta da cadeia; o carcereiro não quis abrir. Entrei numa cainha de cachorro; o cão me mordeu e me expulsou como se ele fosse um homem; diriam até que ele sabia quem eu era! (Pág. 114)</p>		<p>e submissão ao sistema legislativo vigente, posto na obrigatoriedade de da apresentação do passaporte Amarelo. “Era Preciso.”</p>	<p>como cidadão recém liberto e de se encaixar novamente no sistema legal vigente, ao apresentar-se na prefeitura da cidade com seu passaporte amarelo, posto que caso não o quisesse, poderia fazê-lo, ele acaba por inscrever-se no lugar social que construíram para ele, movendo-se do lugar de injustiçado para o lugar de digno de toda a punição e condenação social sofrida.</p>
	<p><b>E20:</b> Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me.</p>	<p><b>E20→</b> Direito de ser reinserido socialmente cerceado, por meio do estigma que lhe é desvelado por essa FI.</p>	
	<p><b>E21:</b> Entrei numa cainha de cachorro; o cão me mordeu e me expulsou como se ele fosse um homem; diriam até que ele sabia quem eu era!</p>	<p><b>E21→</b> Personificação do animal que desvela uma percepção social, na qual o próprio personagem, Jean valjen, acaba por se inscrever.</p>	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD5:</b> Olhe, não é isso, você não entendeu? Sou um presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão. (Pág. 114)</p>	<p><b>E22</b> Olhe, não é isso, você não entendeu? Sou um presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão.</p>	<p><b>E22:</b> Inscrição do sujeito discursivo Jean Valjean na FD de periculosidade social.</p>	<p><b>SD5</b> traz a total movência e inserção de Jean Valjean no lugar de “ex-presidiário, condenado de maneira justa, perigoso.</p>

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD6:</b> É meu passaporte. Amarelo, como veem. Serve para que me expulsem de todo lugar para onde eu vá. Querem ler?</p>	<p><b>E23:</b> É meu passaporte. Amarelo, como veem.</p>	<p><b>E23→</b> Institucionalização do estigma social que se materializa por meio da representação construída pelo próprio sistema</p>	<p><b>SD6</b> Ratificação da periculosidade de Jean por meio do passaporte amarelo, instrumento basilar para a construção desse novo lugar discursivo, que é</p>

(Pág. 115)		judiciário/estado.	desvelado nos dizeres do estado francês e que é a gênese da segregação sofrida pelo ex-detento.
	<b>E24:</b> Serve para que me expulsem de todo lugar para onde eu vá. Querem ler?	<b>E24→</b> Percepção da FD construída por meio do passaporte amarelo.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD7:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte: “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de ... (isso é indiferente para vocês), passou dezenove anos na prisão . Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar evadir-se. É um homem muito perigoso.” É isso. Todo mundo me pôs pra fora ! O senhor que me receber, quer?	<b>E25:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte:	<b>E25→</b> Negação da FI construída.	<b>SD7</b> mostra e que negligência a existência do furto famélico cometido por Jean como surgido de um contexto de estado de necessidade, devido a total situação de miserabilidade vivida por sua família, fato presente em “isso é indiferente para vocês”. Com o apagamento do furto, apaga-se também o antigo homem com todas as nuances sociais que o cometera-se. Nasce, por fim, a FI do ex-presidiário merecedor de todo asco social.
	<b>E26:</b> “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de... (isso é indiferente para vocês)	<b>E26→</b> Anulação da origem socio-história , constituição da alcunha que carrega por quase toda a obra liberto, sim, mas condenado um dia.	
	<b>E27:</b> passou dezenove anos na prisão . Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar evadir-se.	<b>E27→</b> Apagamento do furto famélico.	
	<b>E28:</b> É um homem muito perigoso.”	<b>E28→</b> Construção de nova identidade.	
	<b>E29:</b> É isso,. Todo mundo me pôs pra fora! O senhor que me receber, quer?	<b>E29→</b> Reconhecimento da segregação.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD8:</b> Será verdade? O Senhor vai me acolher? Não vai me expulsar? Um condenado! Trata-me por senhor e	<b>E30:</b> Será verdade? O Senhor vai me acolher? Não vai me expulsar? Um condenado!	<b>E30→</b> Incredulidade do sujeito discursivo frente ao primeiro contato de credibilidade quanto à sua não	<b>SD8</b> a aceitação social de Jean Valjean por meio da instituição igreja, mas especificamente materializada na

<p>não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre? Eu bem pensei que o senhor também me mandaria embora. Por isso disse logo de cara quem eu era. Oh! Bendita mulher que me mostrou sua casa. Vou comer! Vou dormir numa cama com colchão e lençóis! Como todo mundo! Uma cama! Há dezenove anos que não durmo em uma cama! Querem mesmo que eu não vá embora! São pessoas dignas! Mas eu tenho dinheiro; vou pagar bem. Desculpe, senhor, como se chama? Pagarei o que pedir. O senhor é um bom homem. É estalajadeiro, não é? (Pág. 115)</p>		reincidência.	<p>figura do bispo de Digne que demonstra essa restituição as dignidade da sua pessoas humana por meio do pronome de tratamento “Senhor”, destinado a pessoas de prestígio social, outro fator é a possibilidade de uma noite condição dignas de sono, representados na figura da cama com colchão e lençóis.</p>
	<p><b>E31:</b> Trata-me por <i>senhor</i> e não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre?</p>	<p><b>E31→</b> Restituição da dignidade da pessoa humana do sujeito discursivo por meio do pronome de tratamento “Senhor”, que demonstra respeito, prestígio social.</p>	
	<p><b>E32:</b> Eu bem pensei que o senhor também me mandaria embora. Por isso disse logo de cara quem eu era.</p>	<p><b>E32→</b> Retomada da memória discursiva do novo lugar social construída para o sujeito discursivo.</p>	
	<p><b>E33:</b> Oh! Bendita mulher que me mostrou sua casa. Vou comer! Vou dormir numa cama com colchão e lençóis! Como todo mundo! Uma cama! Há dezenove anos que não durmo em uma cama!</p>	<p><b>E33→</b> Restituição de condições dignas devidas a qualquer ser humana e que lhe eram privadas como detento.</p>	
	<p><b>E34:</b> Querem mesmo que eu não vá embora! São pessoas dignas! Mas eu tenho dinheiro; vou pagar bem.</p>	<p><b>E34→</b> Desejo de perpetuação do tratamento humana na tentativa de comprá-lo.</p>	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD9:</b> - Oh! A vestimenta vermelha, os pesos presos nos pés, uma tábua para dormir, o calor, o frio, o trabalho, aquele bando de condenado, as</p>	<p><b>E35:</b> Oh! A vestimenta vermelha, os pesos presos nos pés, uma tábua para dormir, o calor, o frio, o trabalho, aquele bando de condenado, as</p>	<p><b>E35→</b> Narrativa do tratamento desumano sofrido na prisão.</p>	<p><b>SD9</b> é uma forte denuncia social do tratamento desumano por traz da pena, há aqui a concretização de que a pena no contexto de produção da obra</p>

<p>bancadas! A corrente dupla por um nada, o calabouço por uma palavra. Mesmo doente as correntes. Os cães, eles são mais felizes. Dezenove anos! E tenho quarenta e seis. E agora o passaporte amarelo. É isso. (Pág. 117)</p>	<p>bancadas! A corrente dupla por um nada, o calabouço por uma palavra. Mesmo doente as correntes.</p>		<p>não tinha uma função de prevenção especial, apesar de todo o posto por Beccaria (2014), mas tão somente de punir física e moralmente o condenado. E tal punição era tão extrema que todos se viam decaídos em matéria de dignidade da pessoa humano ao ponto de se sentirem menores que cães.</p>
	<p><b>E36:</b> Os cães, eles são mais felizes.</p>	<p><b>E36</b>→ Subjugação da figura do condenado-presos, sendo menor e mais desprezível que um cão.</p>	
	<p><b>E37:</b> Dezenove anos! E tenho quarenta e seis. E agora o passaporte amarelo. É isso.</p>	<p><b>E37</b>→ Retomada da memória discursiva dos anos de reclusão e que a despeito de ter pago a restrição da sua liberdade, ele traz agora uma nova condenação na figura do passaporte amarelo.</p>	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD10:</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez. Se tivesse olhado, teria visto o dono do Croix-de-Colbas na porta, rodeado por todos os seus hóspedes e</p>	<p><b>E38</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez.</p>	<p><b>E38</b> → O sujeito discursivo se depara com o início de toda a segregação que estava por sofrer construída por meio do passaporte amarelo.</p>	<p><b>SD10</b> Anuncia toda a saga que o sujeito discursivo está por viver. Tal segregação é desvelada por meio dos apontamentos feitos pela população de Digne que frequentava ou que estava passando próximo ao <i>Croix-de-Colbas</i>. Aqui ainda há a exposição do novo lugar discursivo construído para o sujeito discursivo, entendida por meio</p>
	<p><b>E39:</b> Se tivesse olhado, teria visto o dono do <i>Croix-de-Colbas</i><sup>17</sup> na porta, rodeado por todos</p>	<p><b>E39</b>→ Emersão da FI.</p>	

<sup>17</sup> Espécie de hospedaria que servia refeições e hospedagem para os viajantes que passavam pela cidade de Digne.

por todos os que passavam, falando com alvoroço e apontando-o com o dedo; e pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira. (pág. 103)	os seus hospedes e por todos os que passavam, falando com alvoroço e apontando-o com o dedo		da FI que é desvelada nas orações “pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira”
	<b>E40:</b> e pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira	<b>E40→</b> Reconhecimento por parte do sujeito discursivo do novo lugar discursivo que haviam construído para ele.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD11:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra, e parece que alguém que passava o ouviu exclamar: “Nem sequer sou um cão!” (Pág. 108)	<b>E41:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra	<b>E41→</b> Reconhecimento da total segregação social na figura da indignidade de ter como abrigo até a casinha do cachorro, aquele representado como o ápice da miserabilidade.	<b>SD11</b> delata o início da percepção da perda de identidade pelo sujeito discursivo de Jean Valjean, ao não se reconhecer nem como um cachorro, resta a incógnita de qual seria, afinal, o novo papel social que construíram para ele.
	<b>E42:</b> e parece que alguém que passava o ouviu exclamar: “Nem sequer sou um cão!”	<b>E42→</b> Percepção da ausência de identidade.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD12:</b> Cada vez que dizia a palavra	<b>E43:</b> Cada vez que dizia a palavra	<b>E43→</b> Emersão da memória discursiva	<b>SD12</b> apresenta a retomada da



senhor, com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava. Senhor, a um condenado, é um copo de água a um naufrago da Méduse. A ignominia tem sede de consideração. (Pág. 116)	<i>senhor</i> , com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava.	de sua dignidade como pessoa humana por meio do pronome de tratamento “Senhor”	memória discursiva do sujeito Jean Valjean, nessa sequência Jean tem sua dignidade retomada por meio da memória discursiva, acionada novamente no pronome de tratamento “senhor”.
	<b>E44:</b> <i>Senhor</i> , a um condenado, é um copo de água a um naufrago da Méduse. A ignominia tem sede de consideração.	<b>E44</b> → Use da figura comparação para enfatizar o prazer da restituição de sua dignidade.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD13:</b> Um domingo à noite, Maubert Isabeu, padeiro estabelecido no largo da igreja, em Faverolles, ia deitar-se quando ouviu uma violenta pancada na vidraça gradeada de sua loja. Chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita com um murro na grade e na vidraça. O braço pegou um pão e levou. Isabeau saiu correndo; o ladrão fugia muito rápido, mas Isabeau o alcançou e o agarrou. O ladrão havia jogado o pão fora, mas tinha o braço ensanguentado. Era Jean Valjean. (Pág. 124)	<b>E45</b> Um domingo à noite, Maubert Isabeu, padeiro estabelecido no largo da igreja, em Faverolles, ia deitar-se quando ouviu uma violenta pancada na vidraça gradeada de sua loja. Chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita com um murro na grade e na vidraça. O braço pegou um pão e levou. Isabeau saiu correndo; o ladrão fugia muito rápido, mas Isabeau o alcançou e o agarrou. O ladrão havia jogado o pão fora, mas tinha o braço ensanguentado.	<b>E45</b> → Descrição do furto famélico.	Em <b>SD13</b> há a apresentação e descrição do furto famélico cometido por Jean Valjean. O sujeito discursivo narra e relata a situação de miserabilidade vivida por Jean Valjean e sua família e que naquela ocasião furtara o pão para saciara a fome da família.

	Era Jean Valjean.		
--	-------------------	--	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD14:</b> Jean Valjean foi declarado culpado. As palavras do código eram formais. Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional! Jean Valjean foi condenado a cinco anos de galés. (Pág. 124)	<b>E46:</b> Jean Valjean foi declarado culpado. As palavras do código eram formais.	<b>E46→</b> Sentença de do sujeito discursivo de Jean Valjean.	<b>SD14</b> traz a materialidade da sentença destinada ao sujeito discursivo por ter roubado um pedaço de pão. Não houve considerações quanto ao estado de miserabilidade na qual Jean e sua família vivenciavam, mas tão somente o julgamento do crime pelo crime. E isso represente um verdadeiro naufrágio social. SD17 aponta
	<b>E47</b> Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional!	<b>E47→</b> Anunciação do naufrágio social a que o sujeito discursivo fora sentenciado.	
	<b>E48:</b> Jean Valjean foi condenado a cinco anos de galés.	<b>E48→</b> Pena imposta ao sujeito discursivo pelo crime cometido.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD15:</b> Partiu para Toulon. Lá chegou após uma viagem de vinte e sete dias sobre uma charrete e com a corrente no pescoço. Em Toulon, colocaram-lhe a vestimenta vermelha. Desde então, tudo o que constituiria sua existência se apagou, até mesmo seu nome; não era mais Jean valjean, era apenas o número 24.601.	<b>E49:</b> Partiu para Toulon. Lá chegou após uma viagem de vinte e sete dias sobre uma charrete e com a corrente no pescoço. Em Toulon, colocaram-lhe a vestimenta vermelha.	<b>E49→</b> Acusação do tratamento desumano sofrido pelo condenado antes mesmo de começar o cumprimento da pena.	<b>SD15</b> denuncia o tratamento desumano a que eram submetidos os condenados no trajeto até a prisão. Sendo tratados como verdadeiros animais. Ao ponto de, depois de entrarem na prisão, terem sua identidade totalmente apagada, nascendo uma nova identidade que se perpetuaria
	<b>E50:</b> Desde então, tudo o que constituiria sua existência se apagou, até mesmo seu nome; não era mais Jean valjean, era apenas o	<b>E50→</b> Apagamento da historicidade do sujeito discursivo e nascimento da nova identidade na figura do número 24.601	

	número 24.601.		socialmente e que no período de prisão era materializada em um número, mas que levaria todos o ônus social posteriormente dessa pena.
--	----------------	--	---

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD16:</b> Momento para um curto parêntese. É a segunda vez que o autor deste livro, em seus estudos sobre a questão penal e a condenação pela lei, se depara com o roubo de um pão como origem da catástrofe de um destino. Claude Gueux roubara um pão; Jean Valjean tinha roubado um pão. Uma estatística inglesa constata que, em Londres, de cada cinco roubos, quatro têm como causa imediata a fome.</p>	<p><b>E51:</b> Momento para um curto parêntese. É a segunda vez que o autor deste livro, em seus estudos sobre a questão penal e a condenação pela lei, se depara com o roubo de um pão como origem da catástrofe de um destino.</p>	<p><b>E51→</b> o convite feito pelo sujeito discursivo de Victor Hugo para acompanhá-lo na reflexão de que havia algo nessa sentença, primeiro porque não havia qualquer relação de proporcionalidade entre a pena imposta e o crime cometido, segundo porque essa pena é uma verdadeira catástrofe social.</p>	<p><b>SD 16</b> é um momento em que o sujeito discursivo de Victor Hugo busca estabelecer um diálogo com o destinatário do seu discurso (o leitor), buscando a inscrição desse nas suas premissas ideológicas. Para tanto, ele mostra como as penas executadas à sua época eram totalmente ilógicas quando tido como mirante teórico em matéria de dosimetria de penas a nova proposta humanizadora trazida por Beccara (2014). Não era justificável a aplicação de uma pena não proporcional ao crime cometido, quando tantos como Jean Valjean e Claude Gueux viviam na pele a situação de miserabilidade como feito colateral da</p>
	<p><b>E52:</b> Claude Gueux roubara um pão; Jean Valjean tinha roubado um pão. Uma estatística inglesa constata que, em Londres, de cada cinco roubos, quatro têm como causa imediata a fome.</p>	<p><b>E51→</b> Apontamento de outra pessoa que tal qual Jean Valjean teve o infortúnio de uma condenação não proporcional e injusta, desconsiderando o estado de miserabilidade que não só a França vivia, mas também outros países, segundo estatística inglesa.</p>	

			revolução francesa, cuja luta pela sobrevivência acabava por sobrepor ao contrato social trazido por Rousseau.
--	--	--	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD17:</b> Jean Valjean entrou para as galés soluçante e trêmulo; saiu de lá impassível. Entrou desesperado, saiu sombrio. Que passou naquela alma?	<b>E53:</b> Jean Valjean entrou para as galés soluçante e trêmulo;	<b>E53</b> → Descrição do temor e do quanto inofensivo O sujeito discursivo de Jean Valjean era no momento em que fora preso.	<b>SD17</b> demonstra as transformações sofridas pelo sujeito discursivo de Jean Valjean após sua prisão. Vemos de maneira clara o quanto inofensivo socialmente era ao adentrar na Galés, isso mostrado nos adjetivos “soluçante” e “tremulo”, um homem acuado, sendo injustiçado adentrava na prisão para cumprir sua pena, porém após anos de trabalho forçado, de um processo de degradação da sua dignidade tornou-se impassível, incapaz de demonstrar qualquer sentimento. Tronou-se um ser sombrio.
	<b>E54:</b> saiu de lá impassível. Entrou desesperado, saiu sombrio.	<b>E54</b> → Resultado dos anos de reclusão num ambiente de total desumanização e degradação da dignidade da pessoa humana.	
	<b>E55:</b> Que passou naquela alma?	<b>E55</b> → Questionamento dos efeitos psicológicos que esse tipo de pena gera num condenado.	

			Algo em sua alma transforma-se, algo em sua alma morrera. E é com esse questionamento que o sujeito discursivo de Victor Hugo finda: “Que passou naquela alma?”
--	--	--	---

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD18:</b> Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Vajjean! Agora quer que eu lhe diga quem é? Logo que o vi entrar, desconfiei de algumas coisas e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler? Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria. (P.103)	<b>E56:</b> Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Vajjean! Agora quer que eu lhe diga quem é?	<b>E56→</b> Demonstra a existência de uma historicidade por traz do nome de Jean Valjean e que é conhecida pelo sujeito discursivo.	Ao analisarmos <b>SD18</b> desvelamos o atravessamento do discurso jurídico, por meio da conduta dos moradores de Digne ao “puxar a ficha” de Jean Valjean, conduta comum no meio criminal. Tal discursividade ainda traz a tona um processo de estigmatização que essa personagem sofreria por ser um ex-presidiário, o que desvela uma percepção preconceituosa, demonstrando inicialmente que a despeito de pagar pelo crime cometido, não estaria Jean Valjen reintegrado, estando aqui uma leitura da ideologia que recai sobre a pena.
	<b>E57:</b> Logo que o vi entrar, desconfiei de algumas coisa e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler?	<b>E57→</b> Traz à tona uma conduta típica no meio jurídico penal: “puxar a ficha” de alguém suspeito.	
	<b>E58:</b> Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria.	<b>E58→</b> Formalização do início do estigma social sofrido por Jean Valjean.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD19:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal. O tal homem lançara-se ao fogo, e salvara, arriscando a própria vida, duas crianças, filhos do capitão da guarda, o que ensejou não lhe pedirem seu passaporte. Desde então, conheceu-se seu nome. Chamava-se Pai Madeleine. (Pág. 202)	<b>E59:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal.	<b>E59</b> → Marcas de formação discursiva de periculosidade que ainda recai sobre o sujeito discursivo de Jean Valjean posta no adverbio de modo “bruscamente”	Na <b>SD19</b> percebemos, ainda, marcas da periculosidade
	<b>E60:</b> O tal homem lançara-se ao fogo, e salvara, arriscando a própria vida, duas crianças, filhos do capitão da guarda, o que ensejou não lhe pedirem seu passaporte. Desde então, conheceu-se seu nome.	<b>E60</b> → Ausência da imagem construída pelo passaporte amarelo, logo, não existência do ser perigoso.	
	<b>E61:</b> Chamava-se Pai Madeleine.	<b>E61</b> → Nascimento de novo sujeito discursivo: Pai/Sr. Madeleine.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD20:</b> Era um homem de aproximadamente cinquenta anos, com aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele. (Pág. 202)	<b>E62:</b> Era um homem de aproximadamente cinquenta anos, com aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele.	<b>E62</b> → Construção de novo lugar discursivo para Jean Valjean, agora, Pai Madeleine.	<b>SD21</b> demonstra o caráter de não reincidência de Jean Valjean

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD21:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão. Pai Madeleine pedia aos homens que tivessem boa vontade, às mulheres bons costumes, e a todos, probidade. (Pág. 203)	<b>E63:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão.	<b>E63</b> → Ajuda ao próximo em decorrência de sua reintegração social.	<b>SD21</b> apresenta a ratificação da ressocialização do sujeito discursivo de Jean Valjean, capaz de ajudar ao próximo.
	<b>E64:</b> Pai Madeleine pedia aos homens que tivessem boa vontade, às mulheres bons costumes, e a todos, probidade.	<b>E64</b> → Inscrição no sistema legal	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD22:</b> De resto, sua vinda fora um bem, e sua presença, uma providência. Antes de sua chegada, tudo esmorecia naquela terra; agora, tudo ali tinha a vida sadia do trabalho. (Pág. 203)	<b>E65:</b> De resto, sua vinda fora um bem, e sua presença, uma providência. Antes de sua chegada, tudo esmorecia naquela terra; agora, tudo ali tinha a vida sadia do trabalho.	<b>E65</b> → A presença do Pai Madeleine é associada a uma benção.	<b>SD22</b> traz a associação entre a prosperidade que Montreuil-sur-Mer vivia a presença do pai Madeleine.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD23:</b> Pai Madeleine empregava todo o mundo, fazendo uma única exigência: “Seja um homem honesto, seja uma mulher honesta!” (Pág. 203)	<b>E66:</b> Pai Madeleine empregava todo o mundo, fazendo uma única exigência: “Seja um homem honesto, seja uma mulher honesta!”	<b>E66</b> → Outra comprovação da adequação ao sistema legal.	<b>SD23</b> as exigências feitas pelo Pai Madeleine comprovam sua reinserção ao sistema legal.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD24:</b> Em 1820, sabia-se que tinha uma quantia de seiscentos e trinta mil francos, depositada em seu nome no banco Laffite; antes, porém de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres. (Pág. 203)	<b>E67:</b> Em 1820, sabia-se que tinha uma quantia de seiscentos e trinta mil francos, depositada em seu nome no banco	<b>E67</b> → Reestruturação da via financeira de Jean Valjean/Pai Madeleine	<b>SD24</b> mostra a reconstrução da vida de Jean Valjean em Pai Madeleine e ainda traz à tona, mais uma vez, a retomada da memória discursiva das ações do Bispo de Digne.
	<b>E68:</b> [...] antes, porém de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres.	<b>E68</b> → Antes, porém, de preocupar-se em construir um patrimônio, Pai Madeleine preocupava-se com o bem estar do seu próximo	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD25:</b> O hospital estava mal dotado; ele acrescentou mais dez leitos. Montreuil-Sur-Mer era dividida em cidade baixa era dividida em cidade alta e cidade baixa. A cidade baixa, onde ele habitava, tinha apenas uma escola, péssimo casebre em ruínas; construiu mais duas, uma para meninas e outra para meninos. Pagava do próprio bolso, aos dois professores o dobro do magro ordenado oficial, dizendo um dia a alguém que se admirava disso: “Os dois principais funcionários do Estado são o professor e a ama.” Criara, a suas expensas, uma casa	<b>E69:</b> O hospital estava mal dotado; ele acrescentou mais dez leitos. Montreuil-Sur-Mer era dividida em cidade baixa era dividida em cidade alta e cidade baixa. A cidade baixa, onde ele habitava, tinha apenas uma escola, péssimo casebre em ruínas; construiu mais duas, uma para meninas e outra para meninos. Pagava do próprio bolso, aos dois professores o dobro do magro ordenado oficial, dizendo um dia a alguém que se admirava disso: “Os dois principais funcionários do Estado são o professor e a ama.” Criara, a suas expensas, uma casa	<b>E69</b> → Rol das inúmeras ações boas efetivadas pelo Pai Madeleine. Há uma retomada constante em suas ações da memória discursiva do Bispo de Digne.	<b>SD25</b> percebemos que apesar da sua ascensão financeira, o senhor Madeleine ainda se sentia como um dos inúmeros pobres que ajudava, isso posto no fato de residir na cidade baixa. O contato diário com os que lá moravam faz com que ele perceba a necessidade da poluição, quais sejam: a construção de escolas, pagando os professores do próprio bolso o dobro do ordenado. E ele via na educação um papel de grande importância para evolução da pessoa como cidadão, ao passo de dizer que o professor era um dos principais funcionários do Estado, porque fornecia alimento



de asilo, coisa então quase desconhecida na França, e uma assistência para os operários velhos e enfermos. Sendo sua fábrica um centro, rapidamente surgiu em torno dela um novo bairro, onde havia grande número de famílias indigentes; ali estabeleceu uma farmácia gratuita. (Pág. 203)	de asilo, coisa então quase desconhecida na França, e uma assistência para os operários velhos e enfermos. Sendo sua fábrica um centro, rapidamente surgiu em torno dela um novo bairro, onde havia grande número de famílias indigentes; ali estabeleceu uma farmácia gratuita. (Pág. 203)		intelectual. Dentre as suas ações de caridade, também construiu um asilo, coisa rara na França da época. Também uma assistência financeira para operários velhos e enfermos, como se fosse uma espécie de aposentadoria e auxílio doença. Não bastasse isso tudo, ainda construiu uma farmácia que distribuía remédios gratuitos aos cidadãos pobres que construíram suas vidas no entorno da sua fábrica.
---	---	--	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD26:</b> Nos primeiros tempos, quando o viram começar, as boas almas disseram: “É um espertalhão que quer enriquecer”. Quando o viram enriquecer a cidade antes de enriquecer a si próprio, as mesmas boas almas disseram: “É um ambicioso.” Isso parecia ainda mais provável porque aquele homem era religioso, e, em certa medida, até mesmo praticante, coisa muito bem vista naquela época. Assistia regularmente a missa todos os domingos. (pág. 204)	<b>E71</b> Nos primeiros tempos, quando o viram começar, as boas almas disseram: “É um espertalhão que quer enriquecer”. Quando o viram enriquecer a cidade antes de enriquecer a si próprio, as mesmas boas almas disseram: “É um ambicioso.” Isso parecia ainda mais provável porque aquele homem era religioso, e, em certa medida, até mesmo praticante, coisa muito bem vista naquela época. Assistia regularmente a missa todos os domingos. (pág. 204)	<b>E71</b> → Apesar de todas as suas benfeitorias algumas “boas almas” o via com resistência.	Em <b>SD26</b> percebemos o sarcasmo colocado pelo sujeito discursivo de Victor Hugo ao utilizar a expressão “as boas almas”, uma vez que de bom não havia nada nessas pessoas, pois mesmo diante das boas ações praticadas pelo sujeito discursivo de Jean Valjean/Pai Madeleine elas ainda questionavam essas ações, nem por vezes se inspirando nisso e copiando.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD27:</b> Ainda dessa vez, as boas almas não sentiram impedidas de dizer: “è um homem ignorante e de pouca educação. Não se sabe de onde saiu. Ele não saberia portar-se em sociedade. Nem está provado que saiba ler.” (Pág. 205)	<b>E72:</b> Ainda dessa vez, as boas almas não sentiram impedidas de dizer: “É um homem ignorante e de pouca educação. Não se sabe de onde saiu. Ele não saberia portar-se em sociedade. Nem está provado que saiba ler.” (Pág. 205)	<b>E72</b> → Reforça a percepção maldosa das “boas almas”.	<b>SD27</b> A falta de abertura para que as pessoas da cidade adentrassem na intimidade do pai Madeleine abria possibilidades para os comentários mais maldosos possíveis.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD28:</b> Quando o viram ganhar dinheiro, disseram: “É um negociante”. Quando o viram semear esse dinheiro, disseram: “É um ambicioso”. Quando o viram repelias as honras. Disseram: “É um aventureiro”. Quando o viram repelir todo mundo, disseram: “É um bruto.” (Pág. 205)	<b>E73:</b> Quando o viram ganhar dinheiro, disseram: “É um negociante”. Quando o viram semear esse dinheiro, disseram: “É um ambicioso”. Quando o viram repelias as honras. Disseram: “É um aventureiro”. Quando o viram repelir todo mundo, disseram: “É um bruto.” (Pág. 205)	<b>E73</b> → Reforça a percepção maldosa das “boas almas”.	<b>SD28</b> mostra a concepção de uma sociedade francesa fragmentada por estratos sociais. Aqueles que não e enquadrassem nos padrões sociais de nobreza posto eram rotulados, pouco se importava se seu comportamento era benéfico ou não à sociedade.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD29:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito. (Pág. 205)	<b>E74:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito. (Pág. 205)	<b>E74</b> → Apresentação a evolução do sujeito discursivo de Jean Valjean	<b>Em SD29</b> o sujeito discursivo de Victor Hugo mostra ascensão do sujeito discursivo de Jean Valjeas, saindo de um ex-detento e tornando-se prefeito de Montreuil-sur-Mer.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD30:</b> Um dia, ao ver uns aldeões muito atarefados arranco as urtigas, olhou para aquele amontoado de plantas arrancadas e já secas, dizendo: “Já estão mortas, mas seria bom se soubesse aproveitá-las. A folha da urtiga, enquanto tenra, é um excelente legume; e depois de velha, tem filamentos e fibras, como o linho e o cânhamo. O tecido da urtiga é tão bom como o de cânhamo. Cortada, é boa para as aves; moída é boa para os bovinos. A semente da urtiga, misturada à comida dá brilho ao pelo do gado, e a raiz misturada com sal produz uma bela cor amarela, além de ser ainda um excelente pasto que se pode segar duas vezes. E de que uma urtiga precisa? Um pouco de terra, nenhum cuidado, nenhuma cultura. Só custa colher a semente que vai caindo quando enquanto amadurece, mais nada. Com mais algum trabalho, a urtiga, a urtiga seria útil; como é desprezada, torna-se nociva, e então a destroem. Quantos</p>	<p><b>E75:</b> Um dia, ao ver uns aldeões muito atarefados arranco as urtigas, olhou para aquele amontoado de plantas arrancadas e já secas, dizendo: “Já estão mortas, mas seria bom se soubesse aproveitá-las. A folha da urtiga, enquanto tenra, é um excelente legume; e depois de velha, tem filamentos e fibras, como o linho e o cânhamo. O tecido da urtiga é tão bom como o de cânhamo. Cortada, é boa para as aves; moída é boa para os bovinos. A semente da urtiga, misturada à comida dá brilho ao pelo do gado, e a raiz misturada com sal produz uma bela cor amarela, além de ser ainda um excelente pasto que se pode segar duas vezes. E de que uma urtiga precisa? Um pouco de terra, nenhum cuidado, nenhuma cultura. Só custa colher a semente que vai caindo quando enquanto amadurece, mais nada. Com mais algum trabalho, a urtiga, a urtiga seria útil; como é desprezada, torna-se nociva, e então a destroem.</p> <p><b>E76:</b> Quantos</p>	<p><b>E75</b> → O sujeito discursivo de Victor Hugo, por meio do discurso indireto dá voz ao sujeito discursivo de Jean Valjean para contar uma parábola a alguns aldeões. Temos aqui uma retomada do discurso religioso posto pelo Bispo de Digne.</p> <p><b>E76</b>→ Fechamento</p>	<p>Há em <b>SD30</b> a utilização de uma discursividade religiosa que faz retomar a sócio-história do sujeito discursivo de Jean Valjean. Assim como a urtiga ele também fora desprezado e tornou-se nocivo, porém, só quando o bispo de Digne, um bom cultivador, viu nele a possibilidade de ser reintegrado à sociedade. É visível como há uma ligação direta entre a possibilidade de reintegração social com o discurso religioso.</p>

homens se parecem com urtigas!” E acrescentou, depois de uma pausa: “Meus amigos, lembre-se disso, não há ervas más, nem homens maus, mas sim maus cultivadores.” (Pág. 206 - 207)	homens se parecem com urtigas!” E acrescentou, depois de uma pausa: “Meus amigos, lembre-se disso, não há ervas más, nem homens maus, mas sim maus cultivadores.	da parábola, evocando a memória discursiva de sua própria historicidade.	
--	--	--	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD31:</b> Praticava uma infinidade de boas ações, escondendo-se como quem se esconde das más. À noite, entrava furtivamente nas casas subia cauteloso as escadas. Às vezes, um pobre homem, chegando em seu casebre encontrava a porta aberta, até mesmo forçada enquanto estivera ausente. Vendo isso, exclamava: algum malfeitor esteve aqui! Porém, ao entrar, a primeira coisa que via era uma moeda de ouro deixada em cima de algum móvel. O “malfeitor” que por ali havia andado era Pai Madeleine. (Pág. 207)	<b>E77:</b> Praticava uma infinidade de boas ações, escondendo-se como quem se esconde das más.	<b>E77→</b> Não havia limites para suas benfeitorias.	Em <b>SD31</b> temos a perpetuação das inúmeras benfeitorias do Pai Madeleine. Porém, apesar dessa descrição, há a evidência da reintegração de Jean Valjean, agora pai Madeleine, no momento em que ele se propõe a pagar sua dívida social fazendo exatamente o posto do crime que ele cometera no passado e o que levava a 19 anos de trabalhos forçados nas Gales. Agora, ao invés de tomar para si de maneira sorrateira um bem alheio, ele “invadia” as casas dos pobres para deixar para ele uma moeda de ouro que fosse capaz de saciar as suas necessidades. Nesse novo meio de “invasão, colocado pelo sujeito discursivo de Victor Hugo, Jean Valjean retira de si a alcunha de invasor de propriedade privada
	<b>E78:</b> À noite, entrava furtivamente nas casas subia cauteloso as escadas. Às vezes, um pobre homem, chegando em seu casebre encontrava a porta aberta, até mesmo forçada enquanto estivera ausente. Vendo isso, exclamava: algum malfeitor esteve aqui! Porém, ao entrar, a primeira coisa que via era uma moeda de ouro deixada em cima de algum móvel.	<b>E78:→</b> Há nesse enunciado uma contraposição com a ação que no passado o levava a ser detido e a viver toda a sua saga jurídica e social. Se no passado ele arrombava uma casa para furta um pão para matar a fome da sua família e dos seus, agora e fazia o caminho inverso, arrombava casa para matar à fome dos que necessitavam de comida.	
	<b>E79:</b> O “malfeitor” que por ali havia andado era Pai Madeleine.	<b>E79→</b> Nesse enunciado o sujeito discursivo de Victor Hugo retira totalmente de Jean Valjean, agora Pai Madeleine, a alcunha de malfeitor e de sua “provável” periculosidade à sociedade francesa, não cabia mais no sujeito discursivo de	

		Jean Valjean a inscrição nessa formação discursiva, ele de fato estava reintegrado à sociedade.	e ladrão. Ele efetivamente pagou sua dívida com o Estado e com a sociedade francesa. Não há mais um malfeitor sobre o sujeito de Jean Valjean, mas o Pai Madeleine, aquele que se preocupa e cuida de todos que estão a sua volta.
--	--	---	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD32:</b> Pouco a pouco, e com o passar do tempo, tinham caído todas as oposições. <i>No princípio, houve contra o senhor Madeleine um tipo de lei a que estão sujeitos todos os que se destacam: perversidades e calúnias; depois, foram apenas insinuações maldosas, em seguida, não passavam de ditos maliciosos, e, afinal tudo isso desvaneceu inteiramente, o respeito tornou-se completo, unânime, cordial; e chegou um momento, em 1821, em que as palavras senhor prefeito foram pronunciadas quase no mesmo tom em que se pronunciava Monsenhor Bievenu em Digne, em 1815.</i> Vinha gente de dez	<b>E80:</b> Pouco a pouco, e com o passar do tempo, tinham caído todas as oposições.	<b>E80→</b> Queda da resistência social com Pai Madeleine.	Em <b>SD32</b> temos o fechamento da ascensão do sujeito discursivo do Pai Madeleine, agora com o status de Senhor Madeleine,, não mais existia sobre ele a possibilidade de comentários maldosos em decorrência do desconhecimento de sua origem. Não pesava mais sobre os seus ombros calúnias, insinuações. E sua evolução como pessoa humana, pessoa do bem, absolutamente reintegrada à sociedade fora tamanha que agora o que pesava sobre ele era a comparação com o Bispo de Digne, o Monsenhor Bievenu. O sujeito discursivo de Jean Valjean passara por uma transformação profunda como
	<b>E81:</b> No princípio, houve contra o senhor Madeleine um tipo de lei a que estão sujeitos todos os que se destacam: perversidades e calúnias; depois, foram apenas insinuações maldosas, em seguida, não passavam de ditos maliciosos, e, afinal tudo isso desvaneceu inteiramente, o respeito tornou-se completo, unânime, cordial; e chegou um momento, em 1821, em que as palavras senhor prefeito foram pronunciadas quase no mesmo tom em que se pronunciava Monsenhor Bievenu em Digne, em 1815.	<b>E81→</b> Ascensão de ex-condenado pecador à figura de um santo.	
	<b>E82:</b> Vinha gente de	<b>E82→</b> Total	

léguas dali para consultar o senhor Madeleine. Ele punha fim às disputas, impedia processos, reconciliava os inimigos. Cada qual o tomava por juiz de seus direitos. Parecia ter na alma o livro da lei natural. Era como um contágio de veneração, que em seis ou sete anos, e progressivamente, tomou conta de toda a região. (pág. 210)	dez léguas dali para consultar o senhor Madeleine. Ele punha fim às disputas, impedia processos, reconciliava os inimigos. Cada qual o tomava por juiz de seus direitos. Parecia ter na alma o livro da lei natural. Era como um contágio de veneração, que em seis ou sete anos, e progressivamente, tomou conta de toda a região.	reintegração construída em contato com o discurso religioso a ponto de tronar-se conselheiro e juiz para a sociedade francesa.	pessoa humana que vira impregnar sobre si toda as memórias discursivas do bispo de Digne. Nessa simbiose com o discurso religioso, haja vista que fora o único que lhe abria as portas para uma reintegração efetiva, Jean Valejan tornara-se Pai Madeleine, pai dos pobres e desvalidos e, por conseguinte, Senhor prefeito Madeleine, ocupando o mais alto posto social da sociedade de Montreuil-sur-Mer. Tornou-se, por fim, o conselheiro e juiz de todos, o pacificador.
--	---	--	--

### INTERDISCURSIVIDADE JURÍDICO-PUNITIVA PELO VIÉS DE JEAN VALJEAN

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui! O desconhecido virou-se e respondeu brandamente: - Ah! O senhor sabe?... -Sei! - Fui mandando embora de outra hospedaria. - E o expulsam desta também. - Para onde quer que	<b>E1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!	<b>E1→</b> A reprovação social se mostra no advérbio bruscamente e no comando verbal que vem no imperativo afirmativo.	<b>SD1</b> Traz o conflito vivido pelo sujeito ao perceber a repulsam social vivida por ele, isso facilmente posta no uso do advérbio “bruscamente”, haja vista a maneira rude como fora tratado pelo dono da hospedaria. Isso acaba por refletir a própria conduta de quase toda a sociedade de Digne. O grande conflito nasce no jogo antitético dos dois advérbios de modo, “bruscamente” x “brandamente”, pois a maneira branda como Jean Valjean responde ao reportar-se ao dono da caverna põe em tela sua aptidão para ser reinserido no seio social, negando o <b>status</b> de periculosidade posto pelo
	<b>E2:</b> O desconhecido virou-se e respondeu brandamente:	<b>E2→</b> O advérbio “brandamente” desvela a possibilidade de autocontrole de Jean Valjean o que contradiz a periculosidade e a repulsa social	

eu vá? - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi. (Pág. 105)		que começava a pesar sobre ele.	estado francês. Status esse reforçado na expulsão do Sujeito discursivo de Jean das duas hospedarias. Há ainda a presença da denúncia social de que os ex-apenados não possuíam lugar onde ancorar-se após conseguirem sua liberdade por meio do pagamento da pena, visto que o estado não possibilitava essa reinserção, nem muito menos a sociedade francesa.
	<b>E3:</b> - Ah! O senhor sabe?... - Sei!	<b>E3→</b> O uso das reticências traz o reforço de se sustentar o novo lugar discursivo construindo para o sujeito discursivo, que é validado na frase afirmativa: “sei”	
	<b>E4:</b> -Fui mandando embora de outra hospedaria.	<b>E4→</b> Confirmação da construção de periculosidade voltada do sujeito discursivo.	
	<b>E5:</b> - E o expulsam desta também.	<b>E5→</b> Ratificação dessa periculosidade por meio da aceitação da representação construída.	
	<b>E6:</b> - Para onde quer que eu vá?	<b>E6→</b> Denúncia do sujeito discursivo da não aceitação social quanto aos ex-apenados.	
	<b>E7:</b> - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi.	<b>E7→</b> Reconhecimento da impossibilidade de convívio com a sociedade civil.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD2:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro	<b>E8:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro	<b>E8→</b> Apelo ao estado francês para situação do ex-apenado e	<b>SD2→</b> Apelo ao estado francês apresentado na figura metafórica da cadeia, pois fora ela, figura usurpadora

<p>presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite? Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos. (Pág. 105)</p>	<p>presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite? <b>E9:</b> Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos.</p>	<p>apresentação de situação que comprova a reintegração do sujeito discursivo.  <b>E9→</b> Denúncia do sujeito discursivo sobre a omissão do estado na resposta de uma política voltada para a reinserção social de ex-presidiários.</p>	<p>da sua liberdade em outrora que, de repente, poderia restituir a sua dignidade. Esse apelo ainda é marcado pelo uso do advérbio de modo “respeitosamente” que demonstra a o reconhecimento do sujeito discursivo de Jean Valjean à autoridade do estado francês, o que ratifica a tese de sua reintegração e fortalece a da omissão do estado quanto à situação de segregação e ex-presidiários.</p>
---	---	--	---

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD3:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede. Ao ouvir as palavras do camponês: Você será o tal?... a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o</p>	<p><b>E10:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede. <b>E11:</b> Ao ouvir as palavras do camponês: <i>Você será o tal?...</i> a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o</p>	<p><b>E10→</b> Evidencia o pavor social perpetuado na representação do ex-apanado.  <b>E11→</b> Traz o risco do convívio do ex-apanado para a instituição social família por meio de pré-julgamento na qual todos de digne acabam por se inscrever, desvelado no advérbio de modo “precipitadamente”.</p>	<p><b>SD3</b> desvela a percepção da instituição social família frente a questão do ex-apanado, traz à tona toda carga de preconceito advindo da FI que a essa família estava inscrita. Tal percepção já se disseminara por toda cidade de maneira preconceituosa, o que é desvelado pelo uso do advérbio “precipitadamente”. O uso do substantivo comum “víbora” padroniza a situação do ex-apanado por furto famélico como se fosse mais um criminoso em meio a um amontoado de seres venenoso para a sociedade, destituindo-lhe de identidade de uma historicidade que os constituirá antes do delito cometido. A despeito da percepção da rejeição social, o sujeito discursivo ainda suplica por</p>



<p>desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: Tso-maraude</p> <p>Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar.</p> <p>Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse:</p> <p>- Dê o fora!</p> <p>- Por piedade, Senhor, um copo de água.</p> <p>- Que tal um tiro! – disse o camponês.</p> <p>Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi-lo passar dois trincos. Um momento depois, a janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora.</p> <p>(Pág. 107)</p>	<p>desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: <i>Tso-maraude</i></p>		<p>clemência, mas a instituição família nega-lhe qualquer possibilidade de ajuda social, que é materializada por meio das metáforas das portas se fechando, não haveria espaço para alguém tão perigoso viver novamente no meio social.</p>
	<p><b>E12:</b> Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar.</p>	<p><b>E12→</b> Perpetuação do pré-julgamento, visto não haver chances sequer do sujeito discursivo de Jean- Valjean tentar se explicar.</p>	
	<p><b>E13:</b> Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse:</p> <p>- Dê o fora!</p>	<p><b>E13→</b> O substantivo comum “víbora” Corroborar com a tese de construção da periculosidade do sujeito Jean ValJean. Sendo mais um que dos venenos sociais que deveriam ser evitados.</p>	
	<p><b>E14:</b> - Por piedade, Senhor, um copo de água.</p>	<p><b>E14→</b> Pedido de clemência à instituição “Família”, já que o estado demonstrava negligente quanto á isso.</p>	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD4:</b> Bem, meu nome é Jean ValJean. Era presidiário, passei dezenove anos na cadeia. Fui liberado há quatro dias e estou indo para Pontarlier que é</p>	<p><b>E16:</b> Bem, meu nome é Jean Valjean. Era presidiário, passei dezenove anos na cadeia.</p>	<p><b>E16→</b> A história por traz do nome.</p>	<p>A <b>SD4</b> traz à tona a carga social negativa que vinha atrelada ao nome, destituiu-se a real personalidade e constrói-se uma nova. Essa “roupagem” é inicialmente negada por Jean, quando traz seu direito de ir e vir. Aqui, tem-se na ideia de</p>
	<p><b>E17:</b> Fui liberado há quatro dias e</p>	<p><b>E17→</b> Restituição do direito de ir e</p>	

<p>meu destino. Quatro dias andando desde Toulon. Hoje andei doze léguas a pé. No fim da tarde, chegando a esse lugar, fui numa hospedaria, mas mandaram-me embora por causa do passaporte amarelo que eu tinha apresentado na prefeitura. Era Preciso. Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me. Bati a porta da cadeia; o carcereiro não quis abrir. Entrei numa cainha de cachorro; o cão me mordeu e me expulsou como se ele fosse um homem; diriam até que ele sabia quem eu era!</p> <p>(Pág. 114)</p>	<p>estou indo para Pontarlier que é meu destino. Quatro dias andando desde Toulon. Hoje andei doze léguas a pé.</p>	<p>vir.</p>	<p>liberdade a ilusão do imbricamento da restituição da dignidade da pessoa humana de Jean Valjean, perspectiva desconstruída por meio da negação de hospedagem pelo povo de Digne. A despeito de ter uma real percepção das suas obrigações como cidadão recém liberto e de se encaixar novamente no sistema legal vigente, ao apresentar-se na prefeitura da cidade com seu passaporte amarelo, posto que caso não o quisesse, poderia fazê-lo, ele acaba por inscrever-se no lugar social que construíram para ele, movendo-se do lugar de injustiçado para o lugar de digno de toda a punição e condenação social sofrida.</p>
	<p><b>E18:</b> No fim da tarde, chegando a esse lugar, fui numa hospedaria, mas mandaram-me embora por causa do passaporte amarelo que eu tinha apresentado na prefeitura.</p>	<p><b>E18→</b> Estigma social revelado na representação da figura do expredidiário.</p>	
	<p><b>E19:</b> Era Preciso.</p>	<p><b>E19→</b> Reinserção e submissão ao sistema legislativo vigente, posto na obrigatoriedade de da apresentação do passaporte Amarelo. “Era Preciso.”</p>	
	<p><b>E20:</b> Fui à outra pousada; disseram: “Vá embora!” Assim, tenho andado de um lado para outro, sem que ninguém queira acolher-me.</p>	<p><b>E20→</b> Direito de ser reinserido socialmente cerceado, por meio do estigma que lhe é posto por essa FI.</p>	
	<p><b>E21:</b> Entrei numa cainha de cachorro; o cão me mordeu e me expulsou como se ele fosse um homem; diriam até que ele sabia quem eu era!</p>	<p><b>E21→</b> Personificação do animal que desvela uma percepção social, na qual o próprio personagem, Jean valjen, acaba por se inscrever.</p>	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD5:</b> Olhe, não é isso, você não	<b>E22</b> Olhe, não é isso, você não	<b>E22:</b> Inscrição do sujeito discursivo	<b>SD5</b> traz a total movência e inserção de Jean Valjean

entendeu? Sou um presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão. (Pág. 114)	entendeu? Sou um presidiário, um ex-condenado, estou vindo da prisão.	Jean Valjean na FD de periculosidade social.	no lugar de “ex-presidiário, condenado de maneira justa, perigoso.
--	---	--	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD6:</b> É meu passaporte. Amarelo, como veem. Serve para que me expulsem de todo lugar para onde eu vá. Querem ler? (Pág. 115)	<b>E23:</b> É meu passaporte. Amarelo, como veem.	<b>E23→</b> Institucionalização do estigma social que se materializa por meio da representação construída pelo próprio sistema judiciário/estado.	<b>SD6</b> Ratificação da periculosidade de Jean por meio do passaporte amarelo, instrumento basilar para a construção desse novo lugar discursivo, que é desvelado nos dizeres do estado francês e que é a gênese da segregação sofrida pelo ex-detento.
	<b>E24:</b> Serve para que me expulsem de todo lugar para onde eu vá. Querem ler?	<b>E24→</b> Percepção da FD construída por meio do passaporte amarelo.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD7:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte: “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de ...(isso é indiferente para vocês), passou dezenove anos na prisão . Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar quatro vezes evadir-se. É um homem muito perigoso.” É isso. Todo mundo me pôs pra fora ! O senhor que me receber, quer?	<b>E25:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte:	<b>E25→</b> Negação da FI construída.	<b>SD7</b> mostra e que negligência a existência do furto famélico cometido por Jean como surgido de um contexto de estado de necessidade, devido a total situação de miserabilidade vivida por sua família, fato presente em “isso é indiferente para vocês”. Com o apagamento do furto, apaga-se também o antigo homem com todas as nuances sociais que o cometeria-se. Nasce, por fim, a FI do ex-presidiário merecedor de todo asco social.
	<b>E26:</b> “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de... (isso é indiferente para vocês)	<b>E26→</b> Anulação da origem socio-história , constituição da alcunha que carrega por quase toda a obra liberto, sim, mas condenado um dia.	
	<b>E27:</b> passou dezenove anos na prisão . Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar quatro vezes evadir-se.	<b>E27→</b> Apagamento do furto famélico.	
	<b>E28:</b> É um homem muito perigoso.”	<b>E28→</b> Construção de nova identidade.	
	<b>E29:</b> É isso,. Todo	<b>E29→</b>	

	mundo me pôs pra fora! O senhor que me receber, quer?	Reconhecimento da segregação.	
--	---	-------------------------------	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD8:</b> Será verdade? O Senhor vai me acolher? Não vai me expulsar? Um condenado! Trata-me por senhor e não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre? Eu bem pensei que o senhor também me mandaria embora. Por isso disse logo de cara quem eu era. Oh! Bendita mulher que me mostrou sua casa. Vou comer! Vou dormir numa cama com colchão e lençóis! Como todo mundo! Uma cama! Há dezenove anos que não durmo em uma cama! Querem mesmo que eu não vá embora! São pessoas dignas! Mas eu tenho dinheiro; vou pagar bem. Desculpe, senhor, como se chama? Pagarei o que pedir. O senhor é um bom homem. É estalajadeiro, não é? (Pág. 115)	<b>E30:</b> Será verdade? O Senhor vai me acolher? Não vai me expulsar? Um condenado!	<b>E30→</b> Incredulidade do sujeito discursivo frente ao primeiro contato de credibilidade quanto à sua ressocialização.	<b>SD8</b> a aceitação social de Jean Valjean por meio da instituição igreja, mas especificamente materializada na figura do bispo de Digne que demonstra essa restituição da dignidade da sua pessoa humana por meio do pronome de tratamento “Senhor”, destinado a pessoas de prestígio social, outro fator é a possibilidade de uma noite condição dignas de sono, representados na figura da cama com colchão e lençóis.
	<b>E31:</b> Trata-me por <i>senhor</i> e não por você! “Fora cachorro!” Não vai dizer isso, como me dizem sempre?	<b>E31→</b> Restituição da dignidade da pessoa humana do sujeito discursivo por meio do pronome de tratamento “Senhor”, que demonstra respeito, prestígio social.	
	<b>E32:</b> Eu bem pensei que o senhor também me mandaria embora. Por isso disse logo de cara quem eu era.	<b>E32→</b> Retomada da memória discursiva do novo lugar social construída para o sujeito discursivo.	
	<b>E33:</b> Oh! Bendita mulher que me mostrou sua casa. Vou comer! Vou dormir numa cama com colchão e lençóis! Como todo mundo! Uma cama! Há dezenove anos que não durmo em uma cama!	<b>E33→</b> Restituição de condições dignas devidas a qualquer ser humana e que lhe eram privadas como detento.	
	<b>E34:</b> Querem mesmo que eu não vá embora! São pessoas dignas! Mas eu tenho dinheiro; vou pagar	<b>E34→</b> Desejo de perpetuação do tratamento humana na tentativa de comprá-lo.	

	bem.		
--	------	--	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD9:</b> - Oh! A vestimenta vermelha, os pesos presos nos pés, uma tábua para dormir, o calor, o frio, o trabalho, aquele bando de condenado, as bancadas! A corrente dupla por um nada, o calabouço por uma palavra. Mesmo doente as correntes. Os cães, eles são mais felizes. Dezenove anos! E tenho quarenta e seis. E agora o passaporte amarelo. É isso. (Pág. 117)	<b>E35:</b> Oh! A vestimenta vermelha, os pesos presos nos pés, uma tábua para dormir, o calor, o frio, o trabalho, aquele bando de condenado, as bancadas! A corrente dupla por um nada, o calabouço por uma palavra. Mesmo doente as correntes.	<b>E35</b> → Narrativa do tratamento desumano sofrido na prisão.	<b>SD9</b> é uma forte denúncia social do tratamento desumano por traz da pena, há aqui a concretização de que a pena no contexto de produção da obra não tinha uma função de prevenção especial, apesar de todo o posto por Beccaria (2014), mas tão somente de punir física e moralmente o condenado. E tal punição era tão extrema que todos se viam decaídos em matéria de dignidade da pessoa humano ao ponto de se sentirem menores que cães.
	<b>E36:</b> Os cães, eles são mais felizes.	<b>E36</b> → Subjugação da figura do condenado-presos, sendo menor e mais desprezível que um cão.	
	<b>E37:</b> Dezenove anos! E tenho quarenta e seis. E agora o passaporte amarelo. É isso.	<b>E37</b> → Retomada da memória discursiva dos anos de reclusão e que a despeito de ter pagado coma restrição da sua liberdade, ele tras agora uma nova condenação na figura do passaporte amarelo.	

### Interdiscursividade Jurídico-punitiva pelo viés de Victor Hugo

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD10:</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado	<b>E38</b> O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que tinha deixado	<b>E38</b> → O sujeito discursivo se deparar com o início de toda a	<b>SD10</b> Anuncia toda a saga que o sujeito discursivo está por viver. Tal segregação é desvelada por meio dos

<p>no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez. Se tivesse olhado, teria visto o dono do Croix-de-Colbas na porta, rodeado por todos os seus hóspedes e por todos os que passavam, falando com alvoroço e apontando-o com o dedo; e pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira. (pág. 103)</p>	<p>no chão e partiu. Pegou a rua principal, caminhando ao acaso, quase encostado nas casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma única vez.</p> <p><b>E39:</b> Se tivesse olhado, teria visto o dono do <i>Croix-de-Colbas</i><sup>18</sup> na porta, rodeado por todos os seus hóspedes e por todos os que passavam, falando com alvoroço e apontando-o com o dedo</p> <p><b>E40:</b> e pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira</p>	<p>segregação que estava por sofrer construída por meio do passaporte amarelo.</p> <p><b>E39→</b> Emersão da FI.</p> <p><b>E40→</b> Reconhecimento por parte do sujeito discursivo do novo lugar discursivo que haviam construído para ele.</p>	<p>apontamentos feitos pela população de Digne que frequentava ou que estava passando próximo ao <i>Croix-de-Colbas</i>. Aqui ainda há a exposição do novo lugar discursivo construído para o sujeito discursivo, desvelada por meio da FI que é desvelada nas orações “pelos olhares de desconfiança e medo daquele grupo, adivinharia que, em pouco tempo, sua chegada seria o acontecimento da cidade inteira”</p>
---	--	---	---

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD11:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de</p>	<p><b>E41:</b> Depois que transpôs a cerca, não sem dificuldade, vendo-se outra vez no meio da rua, só, sem asilo, sem teto, sem abrigo, expulso até daquela cama de palha e daquela miserável casinha de</p>	<p><b>E41→</b> Reconhecimento da total segregação social na figura da indignidade de ter como abrigo até a casinha do cachorro, aquele representado como o ápice da miserabilidade.</p>	<p><b>SD11</b> delata o início da percepção da perda de identidade pelo sujeito discursivo de Jean Valjean, ao não se reconhecer nem como um cachorro, resta a incógnita de qual seria, afinal, o novo papel social que construíram para ele.</p>

<sup>18</sup> Espécie de hospedaria que servia refeições e hospedagem para os viajantes que passavam pela cidade de Digne.

cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra, e parece que alguém que passava o ouviu exclamar: “Nem sequer sou um cão!” (Pág. 108)	cachorro, mais deixou-se cair do que sentou-se sobre uma pedra		
	<b>E42:</b> e parece que alguém que passava o ouviu exclamar: “Nem sequer sou um cão!”	<b>E42</b> → Percepção da ausência de identidade.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD12:</b> Cada vez que dizia a palavra <i>senhor</i> , com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava. Senhor, a um condenado, é um copo de água a um naufrago da Méduse. A ignominia tem sede de consideração. (Pág. 116)	<b>E43:</b> Cada vez que dizia a palavra <i>senhor</i> , com sua voz de suave gravidade e seu modo atencioso, o rosto do homem se iluminava. <b>E44:</b> <i>Senhor</i> , a um condenado, é um copo de água a um naufrago da Méduse. A ignominia tem sede de consideração.	<b>E43</b> → Emersão da memória discursiva de sua dignidade como pessoa humana por meio do pronome de tratamento “Senhor” <b>E44</b> → Use da figura comparação para enfatizar o prazer da restituição de sua dignidade.	<b>SD12</b> apresenta a retomada da memória discursiva do sujeito Jean Valjean, nessa sequência Jean tem sua dignidade retomada por meio da memória discursiva, acionada novamente no pronome de tratamento “senhor”.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD13:</b> Um domingo à noite, Maubert Isabeu, padeiro estabelecido no largo da igreja, em Faverolles, ia deitar-se quando ouviu uma violenta pancada na vidraça gradeada de sua loja. Chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita com um murro na grade e na vidraça. O braço pegou um pão e levou. Isabeu	<b>E45</b> Um domingo à noite, Maubert Isabeu, padeiro estabelecido no largo da igreja, em Faverolles, ia deitar-se quando ouviu uma violenta pancada na vidraça gradeada de sua loja. Chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita com um murro na grade e na vidraça. O	<b>E45</b> → Descrição do furto famélico.	Em <b>SD13</b> há a apresentação e descrição do furto famélico cometido por Jean Valjean. O sujeito discursivo narra e relata a situação de miserabilidade vivida por Jean Valjean e sua família e que naquela ocasião furtara o pão para saciara a fome da família.

saiu correndo; o ladrão fugia muito rápido, mas Isabeau o alcançou e o agarrou. O ladrão havia jogado o pão fora, mas tinha o braço ensanguentado. Era Jean Valjean. (Pág. 124)	braço pegou um pão e levou. Isabeau saiu correndo; o ladrão fugia muito rápido, mas Isabeau o alcançou e o agarrou. O ladrão havia jogado o pão fora, mas tinha o braço ensanguentado. Era Jean Valjean.		
---	--	--	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD14:</b> Jean Valjean foi declarado culpado. As palavras do código eram formais. Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional! Jean Valjean foi condenado a cinco anos de galés. (Pág. 124)	<b>E46:</b> Jean Valjean foi declarado culpado. As palavras do código eram formais.	<b>E46→</b> Sentença de do sujeito discursivo de Jean Valjean.	<b>SD14</b> traz a materialidade da sentença destinada ao sujeito discursivo por ter roubado um pedaço de pão. Não houve considerações quanto ao estado de miserabilidade na qual Jean e sua família vivenciavam, mas tão somente o julgamento do crime pelo crime. E isso represente um verdadeiro naufrágio social. SD17 aponta
	<b>E47</b> Há momentos terríveis em nossa civilização: quando a penalidade pronuncia um naufrágio. Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional!	<b>E47→</b> Anunciação do naufrágio social a que o sujeito discursivo fora sentenciado.	
	<b>E48:</b> Jean Valjean foi condenado a cinco anos de galés.	<b>E48→</b> Pena imposta ao sujeito discursivo pelo crime cometido.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD15:</b> Partiu para Toulon. Lá chegou após uma viagem de vinte e sete dias sobre uma charrete e com a corrente no	<b>E49:</b> Partiu para Toulon. Lá chegou após uma viagem de vinte e sete dias sobre uma charrete e com a corrente no	<b>E49→</b> Acusação do tratamento desumano sofrido pelo condenado antes mesmo de começar o	<b>SD15</b> denuncia o tratamento desumano a que eram submetidos os condenados no trajeto até a prisão. Sendo tratados como verdadeiros animais. Ao



pescoço. Em Toulon, colocaram-lhe a vestimenta vermelha. Desde então, tudo o que constituía sua existência se apagou, até mesmo seu nome; não era mais Jean valjean, era apenas o número 24.601.	pescoço. Em Toulon, colocaram-lhe a vestimenta vermelha.	cumprimento da pena.	ponto de, depois de entrarem na prisão, terem sua identidade totalmente apagada, nascendo uma nova identidade que se perpetuaria socialmente e que no período de prisão era materializada em um número, mas que levaria todos o ônus social posteriormente dessa pena.
	<b>E50:</b> Desde então, tudo o que constituía sua existência se apagou, até mesmo seu nome; não era mais Jean valjean, era apenas o número 24.601.	<b>E50→</b> Apagamento da historicidade do sujeito discursivo e nascimento da nova identidade na figura do número 24.601	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD16:</b> Momento para um curto parêntese. É a segunda vez que o autor deste livro, em seus estudos sobre a questão penal e a condenação pela lei, se depara com o roubo de um pão como origem da catástrofe de um destino. Claude Gueux roubara um pão; Jean Valjean tinha roubado um pão. Uma estatística inglesa constata que, em Londres, de cada cinco roubos, quatro têm como causa imediata a fome.	<b>E51:</b> Momento para um curto parêntese. É a segunda vez que o autor deste livro, em seus estudos sobre a questão penal e a condenação pela lei, se depara com o roubo de um pão como origem da catástrofe de um destino.	<b>E51→</b> o convite feito pelo sujeito discursivo de Victor Hugo para acompanhá-lo na reflexão de que havia algo nessa sentença, primeiro porque não havia qualquer relação de proporcionalidade entre a pena imposta e o crime cometido, segundo porque essa pena é uma verdadeira catástrofe social.	<b>SD 16</b> é um momento em que o sujeito discursivo de Victor Hugo busca estabelecer um diálogo com o destinatário do seu discurso (o leitor), buscando a inscrição desse nas suas premissas ideológicas. Para tanto, ele mostra como as penas executadas à sua época eram totalmente ilógicas quando tido como mirante teórico em matéria de dosimetria de penas a nova proposta humanizadora trazida por Beccara (2014). Não era justificável a aplicação de um pena não proporcional ao crime cometido, quando tantos como Jean Valjean e Claude Gueux viviam na pele a situação de miserabilidade como feito colateral da revolução francesa, cuja luta pela sobrevivência acabava por sobrepor ao contrato social trazido por Rousseau.
	<b>E52:</b> Claude Gueux roubara um pão; Jean Valjean tinha roubado um pão. Uma estatística inglesa constata que, em Londres, de cada cinco roubos, quatro têm como causa imediata a fome.	<b>E51→</b> Apontamento de outra pessoa que tal qual Jean Valjean teve o infortúnio de uma condenação não proporcional e injusta, desconsiderando o estado de miserabilidade que não só a França vivia, mas também outros países, segundo estatística	

		inglesa.	
--	--	----------	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD17:</b> Jean Valjean entrou para as galés soluçante e trêmulo; saiu de lá impassível. Entrou desesperado, saiu sombrio. Que passou naquela alma?	<b>E53:</b> Jean Valjean entrou para as galés soluçante e trêmulo;	<b>E53</b> → Descrição do temor e do quão inofensivo O sujeito discursivo de Jean Valjean era no momento em que fora preso.	<b>SD17</b> demonstra as transformações sofridas pelo sujeito discursivo de Jean Valjean após sua prisão. Vemos de maneira clara o quão inofensivo socialmente era ao adentrar na Galés, isso mostrado nos adjetivos “soluçante” e “tremulo”, um homem acuado, sendo injustiçado adentrava na prisão para cumprir sua pena, porém após anos de trabalho forçado, de um processo de degradação da sua dignidade tornou-se impassível, incapaz de demonstrar qualquer sentimento. Tronou-se um ser sombrio. Algo em sua alma transforma-se, algo em sua alma morrera. E é com esse questionamento que o sujeito discursivo de Victor Hugo finda: “Que passou naquela alma?”
	<b>E54:</b> saiu de lá impassível. Entrou desesperado, saiu sombrio.	<b>E54</b> → Resultado dos anos de reclusão num ambiente de total desumanização e degradação da dignidade da pessoa humana.	
	<b>E55:</b> Que passou naquela alma?	<b>E55</b> →Questionamento dos efeitos psicológicos que esse tipo de pena gera num condenado.	

### Interdiscursividade jurídico-punitiva pelo viés do discurso social da França hugoana

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD18:</b> Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Vajjean! Agora quer que eu lhe diga quem é? Logo que o vi	<b>E56:</b> Olhe, chega dessa conversa. Quer que lhe diga seu nome? Chama-se Jean Vajjean! Agora quer que eu lhe diga quem é?	<b>E56</b> → Demonstra a existência de uma historicidade por traz do nome de Jean Valjean e que é conhecida pelo sujeito discursivo.	Ao analisarmos <b>SD18</b> desvelamos o atravessamento do discurso jurídico, por meio da conduta dos moradores de Digne ao “puxar a ficha” de Jean Valjean, conduta comum no meio criminal.

<p>entrar, desconfiei de algumas coisas e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler? Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria. (P.103)</p>	<p><b>E57:</b> Logo que o vi entrar, desconfiei de algumas coisa e mandei pedir informações, e aqui está o que me responderam. Sabe ler?</p>	<p><b>E57→</b> Traz à tona uma conduta típica no meio jurídico penal: “puxar a ficha” de alguém suspeito.</p>	<p>Tal discursividade ainda traz a tona um processo de estigmatização que essa personagem sofreria por ser um ex-presidiário, o que desvela uma percepção preconceituosa, demonstrando inicialmente que a despeito de pagar pelo crime cometido, não estaria Jean Valjen reintegrado, estando aqui uma leitura da ideologia que recai sobre a pena.</p>
	<p><b>E58:</b> Dizendo isso, o estalajadeiro estendeu ao estrangeiro o papel que acaba de ir e voltar da prefeitura à hospedaria.</p>	<p><b>E58→</b> Formalização do início do estigma social sofrido por Jean Valjean.</p>	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui! O desconhecido virou-se e respondeu brandamente: - Ah! O senhor sabe?... -Sei! - Fui mandando embora de outra hospedaria. - E o expulsam desta também. - Para onde quer que eu vá? - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi. (Pág. 105)</p>	<p><b>E1:</b> O taverneiro retornou à lareira, colocou bruscamente a mão no ombro do desconhecido, e disse-lhe: - Vá embora daqui!</p>	<p><b>E1→</b> A reprovação social se mostra no advérbio bruscamente e no comando verbal que vem no imperativo afirmativo.</p>	<p><b>SD1</b> Traz o conflito vivido pelo sujeito ao perceber a repulsam social vivida por ele, isso facilmente posta no uso do advérbio “bruscamente”, haja vista a maneira rude como fora tratado pelo dono da hospedaria refletir a própria conduta de quase toda a sociedade de Digne. O grande conflito nasce no jogo antitético dos dois advérbios de modo, “bruscamente” x “brandamente”, pois a maneira branda como Jean Valjean Responde reporta-se ao dono da caverna põe em tela sua aptidão para ser reinserido no seio social, negando o <b>status</b> de perigo posto pelo estado francês. Status esse reforçado na expulsão do Sujeito discursivo de Jean das duas hospedarias. Há inda a presença d denuncia social de que os ex-apanados não</p>
	<p><b>E2:</b> O desconhecido virou-se e respondeu brandamente:</p>	<p><b>E2→</b> O advérbio “brandamente” desvela a possibilidade de autocontrole de Jean Valjean o que contradiz a periculosidade posta pelo passaporte amarelo.</p>	
	<p><b>E3:</b> - Ah! O senhor sabe?... - Sei!</p>	<p><b>E3→</b> O uso das reticências traz o reforço de se sustentar o novo lugar discursivo construindo para o sujeito discursivo, que é valido na frase afirmativa: “sei”</p>	

	<b>E4:</b> -Fui mandando embora de outra hospedaria.	<b>E4→</b> Confirmação da construção de periculosidade voltada do sujeito discursivo.	possuíam lugar onde ancorar-se após conseguirem sua liberdade por meio do pagamento da pena, visto que o estado não possibilitava essa reinserção, nem muito menos a sociedade francesa.
	<b>E5:</b> - E o expulsam desta também.	<b>E5→</b> Ratificação dessa periculosidade por meio da aceitação da representação construída.	
	<b>E6:</b> - Para onde quer que eu vá?	<b>E6→</b> Denúncia do sujeito discursivo da não aceitação social quanto aos ex-apenados.	
	<b>E7:</b> - Qualquer lugar. O homem pegou o cajado e sua mochila, e se foi.	<b>E7→</b> Reconhecimento da impossibilidade de convívio com a sociedade civil.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD2:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite? Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos. (Pág. 105)	<b>E8:</b> Passou em frente à cadeia. À porta, pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta; puxou-a. Abriu-se um guichê. - Senhor porteiro – disse ele tirando respeitosamente o boné -, poderia, por favor, acolher-me por essa noite?	<b>E8→</b> Apelo ao estado francês para situação do ex-apenado e apresentação de situação que comprova a reintegração social do sujeito discursivo.	<b>SD2→</b> Apelo ao estado francês apresentado na figura metafórica da cadeia, pois fora ela, figura usurpadora da sua liberdade em outrora que, de repente, poderia restituir a sua dignidade. Esse apelo ainda é marcado pelo uso do advérbio de modo “respeitosamente” que demonstra a o reconhecimento do sujeito discursivo de Jean Valjéna à autoridade do estado francês, o que ratifica a tese de sua reintegração social e fortalece a da omissão do estado quanto à situação de segregação e ex-presidiários.
	<b>E9:</b> Uma voz responde: - A cadeia não é um albergue. Faça-se prender, e o receberemos.	<b>E9→</b> Denúncia do sujeito discursivo sobre a omissão do estado na resposta de uma política voltada para a reinserção social de ex-predatórios.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
--------------	---------	-----------------------	----------------------

<p><b>SD3:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.</p>	<p><b>E10:</b> O rosto do camponês assumiu uma expressão de desconfiança; examinou o recém-chegado da cabeça aos pés, e de repente exclamou com uma espécie de tremor: - Você será o tal?... Deu mais uma olhada sobre a mesa e tirou a espingarda da parede.</p>	<p><b>E10→</b> Evidencia o pavor social perpetuado na representação do ex-apanado.</p>	<p><b>SD3</b> desvela a percepção da instituição social família frente a questão do ex-apanado, traz à tona toda carga de preconceito advindo da FI sobre a figura do ex-detento. Tal percepção já se disseminara por toda cidade de maneira preconceituosa, o que 'desvelado pelo uso do advérbio "precipitadamente". O uso do substantivo comum "víbora" padroniza a situação do ex-apanado por furto famélico como se fosse mais um criminoso em meio a um amontoado de seres venenoso para a sociedade, destituindo-lhe de identidade de uma historicidade que os constituirá antes do delito cometido. A despeito da percepção da rejeição social, o sujeito discursivo ainda suplica por clemência, mas a instituição família nega-lhe qualquer possibilidade de ajuda social, que é materializada por meio das metáfora das portas se fechando, não haveria espaço para alguém tão perigoso viver novamente no meio social.</p>
<p>Ao ouvir as palavras do camponês: Você será o tal?... a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: Tso-maraude Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar.</p>	<p><b>E11:</b> Ao ouvir as palavras do camponês: <i>Você será o tal?...</i> a mulher levantou-se, pegou as duas crianças no colo e refugiou-se precipitadamente atrás do marido, olhando com terror para o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar espantado, murmurando em voz baixa: <i>Tso-maraude</i></p>	<p><b>E11→</b> Traz o risco do convívio do ex-apanado para a instituição social família por meio de pré-julgamento na qual todos de digne acabam por se inscrever, desvelado no advérbio de modo "precipitadamente".</p>	
<p>Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse: - Dê o fora! - Por piedade, Senhor, um copo de água.</p>	<p><b>E12:</b> Tudo isso ocorreu em menos tempo do que se pode imaginar.</p> <p><b>E13:</b> Depois de examinar o homem por alguns instantes, como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse:</p>	<p><b>E12→</b> Perpetuação do pré-julgamento, visto não haver chances sequer do sujeito discursivo de Jean- Valjean tentar se explicar.</p> <p><b>E13→</b> O substantivo comum "víbora" Corroborar com a tese de construção da periculosidade do sujeito Jean ValJean. Sendo</p>	

<p>- Que tal um tiro! – disse o camponês. Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi-lo passar dois trincos. Um momento depois, a janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora. (Pág. 107)</p>	- Dê o fora!	mais um que dos venenos sociais que deveriam ser evitados.	
	<b>E14:</b> - Por piedade, Senhor, um copo de água.	<b>E14→</b> Pedido de clemência à instituição “Família”, já que o estado demonstrava negligente quanto á isso.	
	<b>E15:</b> - Que tal um tiro! – disse o camponês. Em seguida, fechou a porta violentamente, e o homem pôde ouvi-lo passar dois trincos. Um momento depois, a janela também foi fechada, e o barulho de uma tranca de ferro sendo colocada chegou lá fora.	<b>E15→</b> Confirma a inscrição, também, da instituição família, na FD da figura de periculosidade do ex-detento.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD7:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte: “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de ...(isso é indiferente para vocês), passou dezenove anos na prisão . Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar quatro vezes evadir-se. É um homem muito perigoso.” É isso. Todo mundo me</p>	<b>E25:</b> Escutem o que puseram no meu passaporte:	<b>E25→</b> Negação da FI construída.	<p><b>SD7</b> mostra e que negligência a existência do furto famélico cometido por Jean como surgido de um contexto de estado de necessidade, devido a total situação de miserabilidade vivida por sua família, fato presente em “isso é indiferente para vocês”. Com o apagamento do furto, apaga-se também o antigo homem com todas as nuances sociais que o cometera-se. Nasce, por fim, a FI do ex-presidiário merecedor de todo asco social.</p>
	<b>E26:</b> “Jean Valjean, condenado, libertado, natural de... (isso é indiferente para vocês)	<b>E26→</b> Anulação da origem socio-história , constituição da alcunha que carrega por quase toda a obra liberto, sim, mas condenado um dia.	
	<b>E27:</b> passou dezenove anos na prisão. Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar quatro vezes	<b>E27→</b> Apagamento do furto famélico.	

pôs pra fora ! O senhor que me receber, quer?	evadir-se.		
	<b>E28:</b> É um homem muito perigoso.”	<b>E28</b> → Construção de nova identidade.	
	<b>E29:</b> É isso,. Todo mundo me pôs pra fora! O senhor que me receber, quer?	<b>E29</b> → Reconhecimento da segregação.	

### Interdiscursividade jurídico-punitiva sobre o Pai/Senhor/prefeito Madeleine

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD19:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal. O tal homem lançara-se ao fogo, e salvara, arriscando a própria vida, duas crianças, filhos do capitão da guarda, o que ensinou não lhe pedirem seu passaporte. Desde então, conheceu-se seu nome. Chamava-se Pai Madeleine. (Pág. 202)	<b>E59:</b> Parece que, no mesmo dia em que entrou obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, em um anoitecer de dezembro, com seu saco às costas e um cajado na mão, acabava de ocorrer um grande incêndio no conselho municipal.	<b>E59</b> → Marcas de formação discursiva de periculosidade que ainda recai sobre o sujeito discursivo de Jean Valjean posta no adverbio de modo “bruscamente”	Na <b>SD19</b> percebemos, ainda, marcas da periculosidade
	<b>E60:</b> O tal homem lançara-se ao fogo, e salvara, arriscando a própria vida, duas crianças, filhos do capitão da guarda, o que ensinou não lhe pedirem seu passaporte. Desde então, conheceu-se seu nome.	<b>E60</b> → Ausência da imagem construída pelo passaporte amarelo, logo, não existência do ser perigoso.	
	<b>E61:</b> Chamava-se Pai Madeleine.	<b>E61</b> → Nascimento de novo sujeito discursivo: Pai/Sr. Madeleine.	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD20:</b> Era um homem de aproximadamente	<b>E62:</b> Era um homem de aproximadamente cinquenta anos, com	<b>E62</b> → Construção de novo lugar	<b>SD21</b> demonstra a reintegração de Jean

cinquenta anos, com aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele. (Pág. 202)	aparência de preocupado, mas era um homem bom; isso era tudo o que eu podia dizer a ele.	discursivo para Jean Valjean, agora, Pai Madeleine.	valjean
---	--	---	---------

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD21:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão. Pai Madeleine pedia aos homens que tivessem boa vontade, às mulheres bons costumes, e a todos, probidade. (Pág. 203)	<b>E63:</b> Quem quer que tivesse fome podia ali se apresentar e estar certo de achar e pão.	<b>E63</b> → Ajuda ao próximo em decorrência de sua reintegração.	<b>SD21</b> apresenta a ratificação da reintegração social do sujeito discursivo de Jean Valjean, capaz de ajudar ao próximo.
	<b>E64:</b> Pai Madeleine pedia aos homens que tivessem boa vontade, às mulheres bons costumes, e a todos, probidade.	<b>E64</b> → Inscrição no sistema legal	

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD22:</b> De resto, sua vinda fora um bem, e sua presença, uma providência. Antes de sua chegada, tudo esmorecia naquela terra; agora, tudo ali tinha a vida sadia do trabalho. (Pág. 203)	<b>E65:</b> De resto, sua vinda fora um bem, e sua presença, uma providência. Antes de sua chegada, tudo esmorecia naquela terra; agora, tudo ali tinha a vida sadia do trabalho.	<b>E65</b> → A presença do Pai Madeleine é associada a uma benção.	<b>SD22</b> traz a associação entre a prosperidade que Montreuil-sur-Mer vivia a presença do pai Madeleine.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD23:</b> Pai Madeleine empregava todo o mundo, fazendo uma	<b>E66:</b> Pai Madeleine empregava todo o mundo, fazendo uma	<b>E66</b> → Outra comprovação da adequação ao sistema	<b>SD23</b> as exigências feitas pelo Pai Madeleine



única exigência: “Seja um homem honesto, seja uma mulher honesta!” (Pág. 203)	única exigência: “Seja um homem honesto, seja uma mulher honesta!”	legal.	comprovam sua reinserção ao sistema legal.
---	--	--------	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD24:</b> Em 1820, sabia-se que tinha uma quantia de seiscentos e trinta mil francos, depositada em seu nome no banco Laffite; antes, porém de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres. (Pág. 203)	<b>E67:</b> Em 1820, sabia-se que tinha uma quantia de seiscentos e trinta mil francos, depositada em seu nome no banco  <b>E68:</b> [...] antes, porém de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, havia despendido mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres.	<b>E67</b> → Reestruturação da via financeira de Jean Valjean/Pai Madeleine  <b>E68</b> → Antes, porém, de preocupar-se em construir um patrimônio, Pai Madeleine preocupava-se com o bem estar do seu próximo	<b>SD24</b> mostra a reconstrução da vida de Jean Valjean em Pai Madeleine e ainda traz à tona, mais uma vez, a retomada da memória discursiva das ações do Bispo de Digne.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD25:</b> O hospital estava mal dotado; ele acrescentou mais dez leitos. Montreuil-Sur-Mer era dividida em cidade baixa era dividida em cidade alta e cidade baixa. A cidade baixa, onde ele habitava, tinha apenas uma escola, péssimo casebre em ruínas; construiu mais duas, uma para meninas e outra para meninos. Pagava do próprio bolso, aos dois professores o dobro do magro ordenado oficial, dizendo um dia a alguém que se	<b>E69:</b> O hospital estava mal dotado; ele acrescentou mais dez leitos. Montreuil-Sur-Mer era dividida em cidade baixa era dividida em cidade alta e cidade baixa. A cidade baixa, onde ele habitava, tinha apenas uma escola, péssimo casebre em ruínas; construiu mais duas, uma para meninas e outra para meninos. Pagava do próprio bolso, aos dois professores o dobro do magro ordenado oficial, dizendo um dia a alguém que se	<b>E69</b> → Rol das inúmeras ações boas efetivadas pelo Pai Madeleine. Há uma retomada constante em suas ações da memória discursiva do Bispo de Digne.	<b>SD25</b> percebemos que apesar da sua ascensão financeira, o senhor Madeleine ainda se sentia como um dos inúmeros pobres que ajudava, isso posto no fato de residir na cidade baixa. O contato diário com os que lá moravam faz com que ele perceba a necessidade da poluição, quais sejam: a construção de escolas, pagando os professores do próprio bolso o dobro do ordenado. E ele via na educação um papel de grande

<p>admirava disso: “Os dois principais funcionários do Estado são o professor e a ama.” Criara, a suas expensas, uma casa de asilo, coisa então quase desconhecida na França, e uma assistência para os operários velhos e enfermos. Sendo sua fábrica um centro, rapidamente surgiu em torno dela um novo bairro, onde havia grande número de famílias indigentes; ali estabeleceu uma farmácia gratuita. (Pág. 203)</p>	<p>admirava disso: “Os dois principais funcionários do Estado são o professor e a ama.” Criara, a suas expensas, uma casa de asilo, coisa então quase desconhecida na França, e uma assistência para os operários velhos e enfermos. Sendo sua fábrica um centro, rapidamente surgiu em torno dela um novo bairro, onde havia grande número de famílias indigentes; ali estabeleceu uma farmácia gratuita. (Pág. 203)</p>		<p>importância para evolução da pessoa como cidadão, ao passo de dizer que o professor era um dos principais funcionários do Estado, porque fornecia alimento intelectual. Dentre as suas ações de caridade, também construiu um asilo, coisa rara na França da época. Também uma assistência financeira para operários velhos e enfermos, como se fosse uma espécie de aposentadoria e auxílio doença. Não bastasse isso tudo, ainda construiu uma farmácia que distribuía remédios gratuitos aos cidadãos pobres que construíram suas vidas no entorno da sua fábrica.</p>
<b>Regularidade</b>	<b>Recorte</b>	<b>Percepção enunciativa</b>	<b>Percepção Discursiva</b>
<p><b>SD26:</b> Nos primeiros tempos, quando o viram começar, as boas almas disseram: “É um espertalhão que quer enriquecer”. Quando o viram enriquecer a cidade antes de enriquecer a si próprio, as mesmas boas almas disseram: “É um ambicioso.” Isso parecia ainda mais provável porque aquele homem era religioso, e, em certa medida, até mesmo</p>	<p><b>E71</b> Nos primeiros tempos, quando o viram começar, as boas almas disseram: “É um espertalhão que quer enriquecer”. Quando o viram enriquecer a cidade antes de enriquecer a si próprio, as mesmas boas almas disseram: “É um ambicioso.” Isso parecia ainda mais provável porque aquele homem era religioso, e, em certa medida, até mesmo</p>	<p><b>E71</b> → Apesar de todas as suas benfeitorias algumas “boas almas” o via com resistência.</p>	<p><b>SD26</b> Em percebemos o sarcasmo colocado pelo sujeito discursivo de Victor Hugo ao utilizar a expressão “as boas almas”, uma vez que de bom não havia nada nessas pessoas, pois mesmo diante das boas ações praticadas pelo sujeito discursivo de Jean Valjean/Pai Madeleine elas ainda questionavam essas</p>

praticante, coisa muito bem vista naquela época. Assistia regularmente a missa todos os domingos. (pág. 204)	praticante, coisa muito bem vista naquela época. Assistia regularmente a missa todos os domingos. (pág. 204)		ações, nem por vezes se inspirando nisso e copiando.
--	--	--	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD27:</b> Ainda dessa vez, as boas almas não sentiram impedidas de dizer: “è um homem ignorante e de pouca educação. Não se sabe de onde saiu. Ele não saberia portar-se em sociedade. Nem está provado que saiba ler.” (Pág. 205)	<b>E72:</b> Ainda dessa vez, as boas almas não sentiram impedidas de dizer: “È um homem ignorante e de pouca educação. Não se sabe de onde saiu. Ele não saberia portar-se em sociedade. Nem está provado que saiba ler.” (Pág. 205)	<b>E72</b> → Reforça a percepção maldosa das “boas almas”.	<b>SD27</b> A falta de abertura para que as pessoas da cidade adentrassem na intimidade do pai Madeleine abria possibilidades para os comentários mais maldosos possíveis.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD28:</b> Quando o viram ganhar dinheiro, disseram: “É um negociante”. Quando o viram semear esse dinheiro, disseram: “É um ambicioso”. Quando o viram repelias as honras. Disseram: “É um aventureiro”. Quando o viram repelir todo mundo, disseram: “É um bruto.” (Pág. 205)	<b>E73:</b> Quando o viram ganhar dinheiro, disseram: “É um negociante”. Quando o viram semear esse dinheiro, disseram: “É um ambicioso”. Quando o viram repelias as honras. Disseram: “É um aventureiro”. Quando o viram repelir todo mundo, disseram: “É um bruto.” (Pág. 205)	<b>E73</b> → Reforça a percepção maldosa das “boas almas”.	<b>SD28</b> mostra a concepção de uma sociedade francesa fragmentada por estratos sociais. Aqueles que não se enquadrassem nos padrões sociais de nobreza posto eram rotulados, pouco se importava se seu comportamento era benéfico ou não à sociedade.

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD29:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se	<b>E74:</b> Foi esta a terceira fase de sua ascensão. Pai Madeleine havia se	<b>E74</b> → Apresentação a evolução do sujeito discursivo de Jean Valjean	<b>Em SD29</b> o sujeito discursivo de Victor Hugo mostra ascensão do sujeito

tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito. (Pág. 205)	tornado senhor Madeleine, e o senhor Madeleine tornou-se o senhor prefeito. (Pág. 205)		discursivo de Jean Valjeas, saindo de um ex-detento e tornando-se prefeito de Montreuil-sur-Mer.
--	--	--	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<b>SD30:</b> Um dia, ao ver uns aldeões muito atarefados arranco as urtigas, olhou para aquele amontoado de plantas arrancadas e já secas, dizendo: “Já estão mortas, mas seria bom se soubesse aproveitá-las. A folha da urtiga, enquanto tenra, é um excelente legume; e depois de velha, tem filamentos e fibras, como o linho e o cânhamo. O tecido da urtiga é tão bom como o de cânhamo. Cortada, é boa para as aves; moída é boa para os bovinos. A semente da urtiga, misturada à comida dá brilho ao pelo do gado, e a raiz misturada com sal produz uma bela cor amarela, além de ser ainda um excelente pasto que se pode segar duas vezes. E de que uma urtiga precisa? Um pouco de terra, nenhum cuidado, nenhuma cultura. Só custa colher a semente que vai caindo quando enquanto amadurece,	<b>E75:</b> Um dia, ao ver uns aldeões muito atarefados arranco as urtigas, olhou para aquele amontoado de plantas arrancadas e já secas, dizendo: “Já estão mortas, mas seria bom se soubesse aproveitá-las. A folha da urtiga, enquanto tenra, é um excelente legume; e depois de velha, tem filamentos e fibras, como o linho e o cânhamo. O tecido da urtiga é tão bom como o de cânhamo. Cortada, é boa para as aves; moída é boa para os bovinos. A semente da urtiga, misturada à comida dá brilho ao pelo do gado, e a raiz misturada com sal produz uma bela cor amarela, além de ser ainda um excelente pasto que se pode segar duas vezes. E de que uma urtiga precisa? Um pouco de terra, nenhum cuidado, nenhuma cultura. Só custa colher a semente que vai caindo quando enquanto amadurece,	<b>E75</b> → O sujeito discursivo de Victor Hugo, por meio do discurso indireto dá voz ao sujeito discursivo de Jean Valjean para contar uma parábola a alguns aldeões. Temos aqui uma retomada do discurso religioso posto pelo Bispo de Digne.	Há em <b>SD30</b> a utilização de uma discursividade religiosa que faz retomar a sócio-história do sujeito discursivo de Jean Valjean. Assim como a urtiga ele também fora desprezado e tornou-se nocivo, porém, só quando o bispo de Digne, um bom cultivador, viu nele a possibilidade de ser reintegrado à sociedade é que ele pode ser reintegrado. É visível como há uma ligação direta entre a possibilidade de reintegração com o discurso religioso.

<p>mais nada. Com mais algum trabalho, a urtiga, a urtiga seria útil; como é desprezada, torna-se nociva, e então a destroem. Quantos homens se parecem com urtigas!” E acrescentou, depois de uma pausa: “Meus amigos, lembre-se disso, não há ervas más, nem homens maus, mas sim maus cultivadores.” (Pág. 206 - 207)</p>	<p>algum trabalho, a urtiga, a urtiga seria útil; como é desprezada, torna-se nociva, e então a destroem.</p> <p><b>E76:</b> Quantos homens se parecem com urtigas!” E acrescentou, depois de uma pausa: “Meus amigos, lembre-se disso, não há ervas más, nem homens maus, mas sim maus cultivadores.</p>	<p><b>E76→</b> Fechamento da parábola, evocando a memória discursiva de sua própria historicidade.</p>	
--	---	--	--

<b>Regularidade</b>	<b>Recorte</b>	<b>Percepção enunciativa</b>	<b>Percepção Discursiva</b>
<p><b>SD31:</b> Praticava uma infinidade de boas ações, escondendo-se como quem se esconde das más. À noite, entrava furtivamente nas casas subia cauteloso as escadas. Às vezes, um pobre homem, chegando em seu casebre encontrava a porta aberta, até mesmo forçada enquanto estivera ausente. Vendo isso, exclamava: algum malfeitor esteve aqui! Porém, ao entrar, a primeira coisa que via era uma moeda de ouro deixada em cima de algum móvel. O “malfeitor” que por ali havia andado era Pai Madeleine. (Pág. 207)</p>	<p><b>E77:</b> Praticava uma infinidade de boas ações, escondendo-se como quem se esconde das más.</p>	<p><b>E77→</b> Não havia limites para suas benfeitorias.</p>	<p>Em <b>SD31</b> temos a perpetuação das inúmeras benfeitorias do Pai Madeleine. Porém, apesar dessa descrição, há a evidência da reintegração de Jean Valjean, agora pai Madeleine, no momento em que ele se propõe a pagar sua dívida social fazendo exatamente o posto do crime que ele cometera no passado e o que levava a 19 anos de trabalhos forçados nas Gales. Agora, ao invés de tomar para si de maneira sorrateira um bem alheio, ele “invadia” as casas dos pobres para deixar para ele uma moeda de ouro que fosse capaz de saciar as suas necessidades. Nesse novo meio de</p>
	<p><b>E78:</b> À noite, entrava furtivamente nas casas subia cauteloso as escadas. Às vezes, um pobre homem, chegando em seu casebre encontrava a porta aberta, até mesmo forçada enquanto estivera ausente. Vendo isso, exclamava: algum malfeitor esteve aqui! Porém, ao entrar, a primeira coisa que via era uma moeda de ouro deixada em cima de algum móvel.</p>	<p><b>E78→</b> Há nesse enunciado uma contraposição com a ação que no passado o levava a ser detido e a viver toda a sua saga jurídica e social. Se no passado ele arrombava uma casa para furta um pão para matar a fome da sua família e dos seus, agora e fazia o caminho inverso, arrombava casa para matar à fome dos que necessitavam de comida.</p>	
	<p><b>E79:</b> O “malfeitor” que por ali havia andado era Pai Madeleine.</p>	<p><b>E79→</b> Nesse enunciado o sujeito discursivo de Victor Hugo retira totalmente de Jean Valjean, agora Pai</p>	

		<p>Madeleine, a alcunha de malfeitor e de sua “provável” periculosidade à sociedade francesa, não cabia mais no sujeito discursivo de Jean Valjean a inscrição nessa formação discursiva, ele de fato estava reintegrado à sociedade.</p>	<p>“invasão, colocado pelo sujeito discursivo de Victor Hugo, Jean Valjean retira de si a alcunha de invasor de propriedade privada e ladrão. Ele efetivamente pagou sua dívida com o Estado e com a sociedade francesa. Não há mais um malfeitor sobre o sujeito de Jean Valjean, mas o Pai Madeleine, aquele que se preocupa e cuida de todos que estão a sua volta.</p>
--	--	---	--

Regularidade	Recorte	Percepção enunciativa	Percepção Discursiva
<p><b>SD32:</b> Pouco a pouco, e com o passar do tempo, tinham caído todas as oposições. No princípio, houve contra o senhor Madeleine um tipo de lei a que estão sujeitos todos os que se destacam: perversidades e calúnias; depois, foram apenas insinuações maldosas, em seguida, não passavam de ditos maliciosos, e, afinal tudo isso desvaneceu inteiramente, o respeito tornou-se completo, unânime, cordial; e chegou um momento, em 1821, em que as palavras <i>senhor</i> <i>prefeito</i> foram</p>	<p><b>E80:</b> Pouco a pouco, e com o passar do tempo, tinham caído todas as oposições.</p> <p><b>E81:</b> No princípio, houve contra o senhor Madeleine um tipo de lei a que estão sujeitos todos os que se destacam: perversidades e calúnias; depois, foram apenas insinuações maldosas, em seguida, não passavam de ditos maliciosos, e, afinal tudo isso desvaneceu inteiramente, o respeito tornou-se completo, unânime, cordial; e chegou um momento, em 1821, em que as palavras <i>senhor</i> <i>prefeito</i> foram pronunciadas</p>	<p><b>E80</b>→ Queda da resistência social com Pai Madeleine.</p> <p><b>E81</b>→ Ascensão de ex-condenado pecador à figura de um santo.</p>	<p>Em <b>SD32</b> temos o fechamento da ascensão do sujeito discursivo do Pai Madeleine, agora com o status de Senhor Madeleine,, não mais existia sobre ele a possibilidade de comentários maldosos em decorrência do desconhecimento de sua origem. Não pesava mais sobre os seus ombros calúnias, insinuações. E sua evolução como pessoa humana, pessoa do bem, absolutamente reintegrada à sociedade fora tamanha que agora o que pesava sobre ele era a comparação</p>

pronunciadas quase no mesmo tom em que se pronunciava Monsenhor Bievenu em Digne, em 1815. Vinha gente de dez léguas dali para consultar o senhor Madeleine. Ele punha fim às disputas, impedia processos, reconciliava os inimigos. Cada qual o tomava por juiz de seus direitos. Parecia ter na alma o livro da lei natural. Era como um contágio de veneração, que em seis ou sete anos, e progressivamente, tomou conta de toda a região. (pág. 210)	quase no mesmo tom em que se pronunciava Monsenhor Bievenu em Digne, em 1815. <b>E82:</b> Vinha gente de dez léguas dali para consultar o senhor Madeleine. Ele punha fim às disputas, impedia processos, reconciliava os inimigos. Cada qual o tomava por juiz de seus direitos. Parecia ter na alma o livro da lei natural. Era como um contágio de veneração, que em seis ou sete anos, e progressivamente, tomou conta de toda a região.		com o Bispo de Digne, o Monsenhor Bievenu. O sujeito discursivo de Jean Valjean passara por uma transformação profunda como pessoa humana que vira impregnar sobre si toda as memórias discursivas do bispo de Digne. Nessa simbiose com o discurso religioso, haja vista que fora o único que lhe abria as portas para uma reintegração social efetiva, Jean Valejan tornara-se Pai Madeleine, pai dos pobres e desvalidos e, por conseguinte, Senhor prefeito Madeleine, ocupando o mais alto posto social da sociedade de Montreuil-sur-Mer. Tornou-se, por fim, o conselheiro e juiz de todos, o pacificador.
		<b>E82→</b> Total reintegração construída em contato com o discurso religioso a ponto de tronar-se conselheiro e juiz para a sociedade francesa.	